



**"Nino" é
o provável
sucessor
de Chico Té**

(Pág. 13)

ENQUANTO EANES RECEBE HOJE FREITAS DO AMARAL

Soares está a tentar apostar no compromisso

A «crise» aberta pelo último Conselho Nacional do CDS entrou em «compasso de espera»: nenhuma decisão deverá ser conhecida antes de domingo, quando terminar a reunião do Secretariado Nacional do PS.

E este o prazo de que Mário Soares, primeiro-ministro,

dispõe para tentar um compromisso que não force ao desmentido de recentes declarações recusando a eventualidade de uma remodelação ministerial e a entrega da «cabeça» de Luís Saías. E aqui a saída poderá ser o «sacrifício» de António Campos, se para tal se conseguir o consenso do Secretariado Nacional.



O ministro Luís Saías, tendo à esquerda o secretário de Estado António Campos, quando assistia ontem à conferência de Mário Soares no Teatro Maria Matos sobre o tema «Portugal, anos 80 — o quê?». Na foto reconhecem-se também Dias Lourenço, Veiga de Oliveira, Sá Machado e Vítor Constâncio

Freitas do Amaral, que ontem à noite reuniu com dirigentes do seu partido, vai ao fim da tarde de hoje a Belém, afirmando-se que não está excluída a eventualidade da convocação de novo Conselho Nacional do CDS caso a situação se agrave.

Das declarações de um porta-voz centrista, proferidas ontem, infere-se que este partido atribui «grande importância» (porventura decisiva) ao encontro de hoje com Ramalho Eanes. Não parece porém provável que Belém levante grandes dificuldades, na linha aliás seguida por

Mário Soares, que ontem à noite recusou ver um ultimato no comunicado final do Conselho Nacional do CDS. Isto corresponderia também ao interesse do próprio Freitas do Amaral, mais empenhado em «salvar a face» perante as cada vez mais agitas bases do seu partido (sob forte pressão do PSD) do que em provocar uma situação cuja saída poderia ser um «Governo de gestão» ou eleições gerais antecipadas — duas hipóteses para as quais o CDS se não encontra preparado.

Noticiário na pág. 5

Ministros ganham mais a partir de amanhã

Aos partir de amanhã todos os membros do Governo passam a ganhar mais: para o Primeiro-Ministro, 45 mil escudos; para os ministros, 40 mil escudos; para os secretários e subsecretários de Estado 35 e 30 mil escudos respectivamente. Um ministro, por exemplo, recebia anteriormente cerca de 27 mil e

700 escudos, portanto, auferirá agora de um aumento que excede largamente os 20 por cento máximo fixado para as contratações colectivas em negociação. Estes aumentos não excluem outros que futuramente se verifiquem na função pública e dos quais os membros do Governo beneficiarão automaticamente.

Sorteio dos "Europeus"

Em Zurique (Suíça) efectuou-se hoje o sorteio dos jogos correspondentes à primeira eliminatória dos vários torneios futebolísticos europeus. No que toca aos clubes portugueses eis o que a sorte determinou:

Para a Taça dos Campeões: Futebol Clube do Porto - AEK de Atenas (Grécia).

Para a Taça das Taças: Sporting - Banik Ostrava (Checoslováquia).

Para a Taça UEFA: Benfica - Nantes (França) e Sporting de Braga - Ibernians de La Valetta (Malta).

Os primeiros jogos estão marcados para 13 de Setembro. O Porto actua nesse dia no campo do adversário, enquanto o Sporting, Benfica e Braga jogam em Porgual.

HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

Um «dossier» sobre multinacionais suíças que quiseram influenciar a ONU é o principal artigo hoje inserto no «Exclusivo». São também referidas as relações tensas entre os EUA e a RFA. Analisados os conflitos últimos entre a Albânia e a China. Também Belize e os seus problemas. E a conclusão do artigo de Edgar Morin sobre Maio 68. As secções habituais também merecem leitura.

EXCLUSIVO



SCHMIDT
CRITICA
VIVAMENTE
WASHINGTON

A POLÍTICA AGRÍCOLA EM QUESTÃO

Entrevista com António Campos

«Cabe ao Estado criar mecanismos que permitam evitar o desemprego nas UCP's onde são marcadas reservas», susteontou o secretário de Estado da Estruturação Agrária, António Campos, na entrevista que concedeu em exclusivo para o «DL».

Alvo principal de uma ofensiva de direita que agora culminou na exigência de remodelação ministe-

rial por parte do CDS, a equipa do MAP dá-nos conta do seu projecto de trabalho pela voz do secretário de Estado, reafirmando, a propósito da CAP, que «está em funções por direito próprio, por meios constitucionais», e que «não é com manifestações que se altera a composição do Governo».

post-scriptum



É cada vez mais difícil viver «aqui»

O preço de nascer «aqui»

Torna-se cada vez mais difícil, senão impossível, para um simples cidadão pagante continuar a tolerar, uma vez que já há muito tempo esgotou a vontade de tentar «compreender», o aumento absurdo do custo de vida que durante a vigência deste Governo se tem processado continuamente.

Para os bens de consumo essencial, apontam-nos como desculpa a «crise interna» a «crise externa» sem nos falarem da verdadeira crise, resultante da agonia do capitalismo que a todo o custo este Governo tenta recuperar, à custa da bolsa depauperada de quem vive à espera da chegada urgente do fim do mês.

Mas se, para os alimentos, para os transportes, para as comunicações, para as rendas de casa e combustíveis, o Governo se agarra à «crise» com unhas e dentes para camuflar o que para muita gente neste país é bem claro, onde arranjar desculpa para os exorbitantes aumentos no sector dos serviços públicos?

A «papelada», palavra antiga que o sistema burocrático e borolento fez entrar na gíria e que este parece apostado em consagrar, leva-nos couro e cabelo sempre que por mal dos nossos pecados temos de recorrer a ela.

Como compreender que o custo de uma certidão de casamento, simples fotocópia autenticada, nos custe «apenas» 250\$00 quando há pouco mais de um ano nos custava sessenta e tal? Como admitir que um certificado de que nascemos custou 100\$00 e que um banal atestado de residência importe noutros 100\$00?

Talvez neste campo a desculpa seja o recente aumento da Função Pública que, mesmo antes de ter saído, já estava há muito ultrapassado pela subida do custo de vida.

Resta-me a consolação de ver que afinal os funcionários que cumprem a burocracia, também eles, se indignam quando apresentam a «DOLOROSA» ao cliente, também eles se mostram chocados quando pedem a uma pessoa o salário de um dia de trabalho por um simples papel que confirma a infelicidade de ter nascido... aqui.

João José Morais Silvestre
— ALMEIRIM

Como é bela Caxias

Por ter constituído para mim uma surpresa venho aqui falar em breves linhas da praia de Caxias, que acho que deve servir de exemplo para outras, nomeadamente para a praia dos Pescadores de Cascais onde o lixo se amontoa neste tempo de Verão.

Em Caxias, onde não ia há muito tempo, fiquei surpreendido por ver como a respectiva comissão de moradores arranjou e tratou da praia, com a colaboração da população da área. Assim, aquela praia encontra-se perfeitamente limpa, com caixotes para o lixo, com duche público, com balneários, com zona de repouso, tendo sido retirado da praia tudo o que a desteava. Sirva esta praia de exemplo para as outras.

Manuel Dinis Serra
— LISBOA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

PODER LOCAL

Escola Secundária de Mação não pode ser extinta

«Somos a Assembleia Municipal de Mação, reunida para se pronunciar sobre os elementos fornecidos pelo Conselho Directivo da Escola Secundária de Mação» — este o começo de uma exposição da AM daquela vila sobre a tentativa de extinção da Escola Secundária local.

«Os membros desta Assembleia, na sua grande maioria, têm, como medalhas de bom comportamento, os calos nas mãos, e, como emblema, um rosto marcado pela dureza das suas vidas, vividas em condições hostis, sobretudo impedidas da sua promoção social e cultural» — sublinha a presidente da AM, Preciosa da Silva Marques.

Os dados agora fornecidos sobre o historial do ensino oficial e particular, no concelho de Mação, demonstram que a evolução promissora a partir de 1975 não criava perspectivas agorarentas: a frequência escolar após a instrução primária vem aumentando consideravelmente de ano para ano (de 559 alunos em 1975 para 681 em 1978); novas instalações destinadas à Escola Secundária estão a ser erguidas.

Mas... «Mas eis que consta haver quem pretenda travar ou inverter o sentido dessa marcha ascendente, proponha de ânimo leve a extinção da Escola Secundária de Mação, desdenhando direitos do povo, que mais precisa de recuperar tanto tempo perdido. Já que se condenaram os pais ao longo de tantos anos que não se continue a sentenciar de modo semelhante as novas gerações: os filhos deverão merecer melhor sorte...»

E isto porque... Isto porque (como no começo da prosa já se adiantou) a Escola Secundária de Mação «parece ameaçada de extinção». Se tal for decidido, «o ensino do 10.º e 11.º anos (antigos 6.º e 7.º anos dos liceus) estaria irremediavelmente comprometido».

Ora... «Ora o funcionamento da Escola Secundária, nela se vindo a ministrar o ensino do 10.º e 11.º anos, é um dos legítimos anseios de toda a população do concelho».

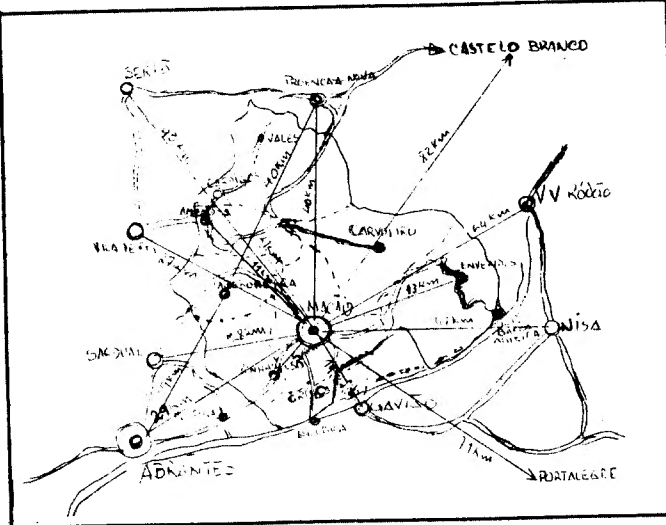
Portanto... «Portanto, quando se fala de extinção da Escola Secundária de Mação, irrompe em nós revolta tal que não podemos dar tréguas a quem joga consciente ou inconscientemente, com o destino dos alunos deste concelho que representamos.»

Assim... Assim (prosegue a AM sob assinatura de Preciosa) «reputamos a certidão de óbito que se pretende passar à Escola Secundária de Mação; rejeitamos estatuto ou atestado de menoridade passado por tutores que a população escolar enjeita; não toleramos a existência de alunos-colonos com passaporte para a frequência de estabelecimentos de ensino em concelho limítrofes ou mais afastados».

Uma nota, muito a propósito: «Bem basta que muitos dos pais sejam emigrantes, deixando os filhos ao cuidado de suas mães.»

E também uma pergunta: «Democratizar não consistirá em tornar extensivos por igual, sempre que isso seja minimamente viável, os benefícios que o Estado ou o Governo possam prestar ao tecido social?»

Atente-se no quadro (transformado em prosa corrida) que mostra como quão utópica seria a pretensão de assegurar igualdade de condições de acesso ao



Mação no centro do mapa. Se extinta a Escola Secundária, só a muitos quilómetros de distância os alunos encontrarão professores...

ensino até ao 11.º ano, se fosse extinta a Escola Secundária de Mação. Atentemos, pois: distância entre as freguesias do concelho de Mação e as localidades onde actualmente funcionam o 6.º e 7.º anos (Ciclo Complementar dos Liceus). Em relação a Abrantes: Aboboreira, 29 km; Amendoeira, 40; Cardigos, 50; Carvoeiro, 50; Envendos, 42; Mação, 29; Ortiga, 38; e Penhascoso, 24. Em relação a Proença-a-Nova: 40 km, 25, 17, 26, 35, 40, 50 e 45.

Posta assim a questão, considera a Assembleia Municipal de Mação:

«Sabemos que o problema está dependente do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação e Cultura. A esse departamento, pois, nos vamos dirigir, não sem que demos conhecimento da nossa posição a entidades superiores responsáveis pelo País. Faremos constar a nossa atitude a todo o povo do concelho de Mação que nos elegeu. Queremo-lo alerta, vigilante, movido não por assanhado bairrismo doentio, não para implorar benesses, mas para reclamar justiça, justiça pela qual uma digna democracia deverá pugnar. Apercebemo-nos de que poderá haver falta de lisura numa ou noutra expressão que a nossa indignação generalizada ditou. Mas, sejamos francos, não se espere que medidas afrontosas para a dignidade de todas as pessoas que neste concelho vivem e trabalham possam provocar imagens de retórica laudativa...»

BARREIRO CONQUISTA ESPAÇO

Câmara Municipal do Barreiro: no decurso da última sessão, foram considerados «como zona de reserva para equipamento», o actual campo de jogos do Luso (após estudo alternativo para o mesmo); a parcela ocupada pelas instalações da ex-Cordoaria Nicola, propriedade da União de Bancos Portugueses; e a faixa habitacional inconsistente a norte da Rua dr. Manuel de Arriaga, após resolução dos problemas de realojamento «quando tal for necessário».

Esta zona incluirá, num programa a elaborar oportunamente, os seguintes elementos: equipamento cultural e recreativo; equipamento social, assistência à terceira idade e à infância; e equipamento comercial central e de abastecimento.

Esta decisão foi tomada perante a «total inexistência de espaço para equipamento colectivo central em toda a zona ur-

bana de elevada densidade populacional localizada entre a Verderena e o Alto do Seixalinho, provocada por um desenvolvimento urbano anárquico e especulativo».

VIANA DO CASTELO — DISCUTIR O PORTO DE MAR

Para ouvir as objecções da Assembleia Municipal de Viana do Castelo quanto à construção e apetrechamento do porto de

mar da foz do rio Lima, o secretário de Estado da Marinha Mercante reuniu-se com aquela assembleia autárquica, na Câmara Municipal local.

A secretário de Estado, Correia Maltês, acompanhado pelo director-geral dos Portos, técnicos daquele departamento e outros ocupados na construção das infra-estruturas do complexo portuário, ouviram dos representantes dos municípios vianenses as suas objecções ao projecto, já em curso.

A Assembleia Municipal de Viana do Castelo contesta, essencialmente, os projectados fundos e larguras dos canais de navegação, a localização das docas, os acessos rodoviários e, de certo modo, a inserção de todo o complexo portuário na zona ribeirinha da cidade (margem direita do rio Lima).

Recorde-se que a construção do porto de Viana do Castelo, como alternância ao de Leixões, é uma velha aspiração regional alicerçada, entre outras razões, na necessidade de escoamento dos produtos da região, nomeadamente a produção da Celnhorte (pasta de papel e papel).

As obras já em curso permitirão também o melhor aproveitamento das potencialidades do estaleiro naval, instalado a norte da foz do Lima, nomeadamente nas operações de «bota a baixo» dos cascos de navios ali construídos.

Em férias leia um bom romance

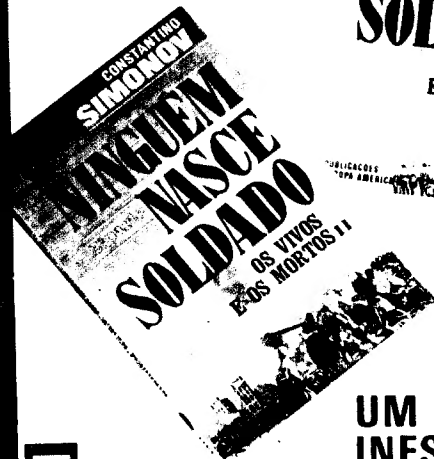
NINGUÉM NASCE SOLDADO

CONSTANTINO SIMONOV

mais grandioso que GUERRA E PAZ
mais emocionante que A MÃE

NINGUÉM NASCE SOLDADO

... mas todos podem vir a sê-lo...



UM ROMANCE INESQUECÍVEL
à venda os dois volumes

Publicações Europa-América

ponto a ponto



Mais de metade dos portugueses serão mulheres em 1985, segundo estatísticas publicadas pela EFTA. De acordo com números transcritos no último Boletim daquela organização, 52,4% da população portuguesa será do sexo feminino, percentagem que diminui no referente aos menores de 15 anos, em que a maioria (51,1%) será do sexo masculino, mas que aumenta nas idades compreendidas entre 15 e 64 anos (52,5% de mulheres) e que atinge a maior percentagem nos maiores de 64 anos (60,3%).



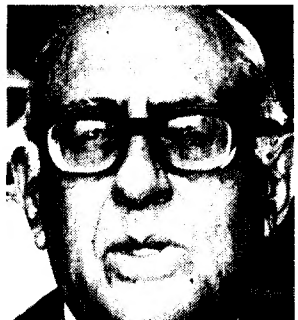
Rui Pena, ministro da Reforma Administrativa, recebeu ontem os corpos gerentes da Associação Portuguesa dos Notários, recentemente constituída. Durante a reunião foram tratadas questões de interesse profissional e ainda questões relacionadas com a reforma administrativa.

O Primeiro-Ministro português, Mário Soares enviou um telegrama de felicitações ao recém-eleito presidente da República Italiana. No telegrama, Soares formula votos de maiores prosperidades no exercício do cargo a Sandro Bertini, membro do PSI.



Em reunião que contou com a participação de Silas Cerqueira, do Conselho Português para a Paz e a Cooperação, o secretariado internacional permanente da Conferência Mundial contra o «apartheid» resolveu entrar em contacto com autoridades nacionais e internacionais de vários países e organizações, tanto políticas como religiosas, tendo em vista a aplicação do programa de acção adoptado durante a conferência.

Henrique de Barros, antigo presidente da Assembleia Constituinte e ministro do Estado do I Governo, parte hoje para Israel, para visitar empreendimentos agrícolas ligados ao sector cooperativo. Será acompanhado por Rebelo de Andrade, vice-presidente do Instituto António Sérgio.



O general da Força Aérea Silva Cardoso, actualmente a exercer as funções de comandante da Região Aérea, foi nomeado coordenador da equipa que chefiará as manobras militares integradas no exercício «MARTE 78». Da mesma equipa fazem parte o vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Altino de Magalhães e o comandante naval do continente, contra-almirante Ramos Rocha.



UM CENTRO DE CULTURA PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU

Vai para um ano a Embaixada da República da Guiné-Bissau e o Curso para Estrangeiros da Faculdade de Letras de Lisboa concordaram que seria uma boa ideia levar a Bissau dois professores que fizeram cursos de Língua Portuguesa para cooperantes estrangeiros na Guiné-Bissau e para quadros da República formados em países estrangeiros.

Em Setembro e Outubro de 1974, um curso para iniciados e outro de aperfeiçoamento realizaram-se nas instalações do Centro de Cultura Francesa em Bissau, com excelentes resultados, que acabaram por trazer durante o corrente ano a Lisboa, à Faculdade de Letras, alguns professores da República da Guiné-Bissau para aprenderem técnicas de ensino do Português como língua estrangeira bem como alguns estudantes para aprendizagem e aperfeiçoamento da Língua portuguesa, uma vez que o seu curso liceal tinha sido realizado na União Soviética.

Vem tudo isto a propósito do entusiasmo então revelado pelo nosso embaixador, dr. António Pinto da França, no sentido de criar em Bissau um Centro Cultural onde a língua e os diversos aspectos da Cultura portuguesa pudessem ser postos à disposição de um novo e simpático país que escolheu a língua portuguesa como factor decisivo da sua unidade como nação, e que por isso mesmo tem afinidades estreitas com a nossa cultura.

Em alguns agradáveis serões, na melhor Embaixada acreditada na República da Guiné-Bissau, a de Portugal, José Adragão, eu e o embaixador, materializámos o plano do Centro Cultural que há alguns meses fermentava na cabeça do nosso representante diplomático e cuja necessidade evidente tinha sido apressada pelos cursos que Isabel e Dulce Leiria tiveram de dar

no Centro Francês, ao lado do Centro Americano, e com outros centros a nascer ante a inexistência de uma instituição oficial portuguesa que viesse ao encontro dos desejos de muitos cidadãos guineenses.

Pois tudo indica agora que o Centro Cultural de Portugal na Guiné-Bissau vai nascer a muito curto prazo. Efectivamente, ainda antes da Cimeira de Bissau, já o Ministério dos Negócios Estrangeiros havia estudado em pormenor o plano do Centro, a implantação, o equipamento, a manutenção e o funcionamento.

Se o encontro, em Bissau, dos Presidentes Ramalho Eanes e Agostinho Neto apressou ou não o centro não o sabemos, mas o ambiente à volta da Cimeira e as afirmações muitas vezes proferidas pelo Presidente da Guiné-Bissau levam-nos a pensar que tudo se terá apressado. Mas o que virá a ser então o nosso primeiro Centro cultural no estrangeiro?

Se não tiver havido alteração muito profunda ao projecto inicial, o Centro nascerá próximo da Chancelaria, portanto em dependência directa da Embaixada e constará de 2 salas polivalentes e uma esplanada coberta para além de um gabinete de trabalho, serviço de recepção e dactilografia, tendo cada uma das salas uma lotação média de 40 pessoas funcionando uma delas como biblioteca e comunicando entre si por uma parede amovível, o que permitirá aumentar o número de lugares, para a realização de outras actividades para além das aulas de Língua e cultura. A esplanada coberta será simultaneamente espaço para exposição e animação cultural, nomeadamente exibição de teatro ou cinema.

A manutenção e a construção de um centro deste tipo é extremamente barata, mesmo se não considerarmos os lucros que advirão de assumirmos com

dignidade o nosso papel junto dos novos países de expressão portuguesa.

Daqui que seja urgente a multiplicação deste tipo de instituição que será, naturalmente, aquilo que cada um dos países necessitar, sem qualquer padrão que não seja apenas a denominação do Centro.

Por outro lado, os organismos internacionais de cooperação fazem os seus técnicos passar por cursos de Língua, em Lisboa, nomeadamente na Faculdade de Letras, antes de os enviar para os novos países africanos, em nossa opinião, uma das vocações dos Centros Culturais portugueses no continente africano será também a de preparar esses técnicos, ministrando-lhes conhecimentos de Português, com a vantagem de o fazer no território onde essa cooperação vai ser prestada, portanto com várias semanas de integração social no próprio país de destino antes do início do trabalho efectivo.

Depois, parece-nos que Portugal se deverá voltar para o resto do Mundo, a Língua portuguesa e a Cultura que ela representa e que tem, sobretudo depois da queda do regime salazarista, uma intensa procura. Basta lembrar que, após o 25 de Abril, não houve nenhum curso de Verão para estrangeiros da Faculdade de Letras de Lisboa que tivesse uma frequência inferior a trezentos alunos e que os cursos anuais viram aumentar a assiduidade de trinta para cem alunos em média.

Esta produção da nossa Língua, surge obviamente por causa dos novos países de expressão portuguesa, pelas potencialidades de mercado de

trabalho que eles representam, pela importância que virão a ter na economia mundial.

Por tudo isto, importa que estes Centros venham a nascer noutros continentes, noutros países, sobretudo onde haja emigração portuguesa. Nós, os portugueses que vivemos em Portugal, temos de fornecer aos nossos compatriotas que escolheram outros países um canal permanente de ligação com a terra mãe.

São já demasiado palpáveis os sintomas de ausência de ligação cultural nas casas que se fazem, na língua que se fala, na movimentação dos que ainda teimam em vir até cá para casar.

Não são apenas os nossos leitores isolados numa Universidade, ensinando português a estrangeiros, muitas vezes integrados nos departamentos de estudos ibéricos, nem apenas os — ao que parece mal pagos e insuficientes — professores primários ou de ciclo, junto dos núcleos de imigrantes, que poderão resolver o problema do corte cultural entre as comunidades portuguesas e Portugal.

Serão sim, os Centros Culturais de Portugal no estrangeiro que virão a ser os verdadeiros órgãos de difusão e manutenção da cultura portuguesa, porque serão permanentes, porque nascerão para isso.

Aí haverá ensino de Língua e de Cultura, bibliotecas, exposições, exibições variadas, aí se encontrarão portugueses e estrangeiros, aí se sentirá a realidade cultural portuguesa, porque não serão esses centros com certeza um gesto de propaganda, mas a verdadeira concretização do preenchimento de uma lacuna que não podemos mais continuar a ignorar.



Janeiro de 1978: o abraço de Eanes a Luís Cabral, prenúncio de uma cooperação frutuosa a vários níveis

FESTIVAL JERRY LEWIS

DE 12 A 18 DE JULHO
OS MAIORES ÉXITOS DE JERRY LEWIS.

Programa

DIA 12
O HOMEM DAS MULHERES

DIA 13
O REI DO CIRCO

DIA 14
PINTORES E RAPARIGAS

DIA 15
DINHEIRO EM CAIXA

DIA 16
O ESTOIRA VERGAS

DIA 17
UM ESPADA PARA HOLLYWOOD

DIA 18
JERRY AMA SECA

1 filme por dia
CALEIDOSCOPIO
4 sessões diárias
14.00 - 16.30 - 18.00 - 21.15

PARA TODOS



Sindicato dos Professores da Grande Lisboa CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os professores de Ensino Especial para um Plenário a realizar no próximo dia 12 de Julho, pelas 18.30 horas no Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa (Lg. Trindade, 16-1.º), com a seguinte O.T.:

- 1 — Informações
- 2 — Problemas do Ensino Especial
- 3 — Preparação do Encontro Nacional a realizar no Porto, no próximo dia 15/Julho.

A DIRECÇÃO

TRINDADE INATEL

Apresenta às 21.30
EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

O EDEN CINEMA

original de
Marguerite Duras
pelo Grupo de Teatro
«OS CÓMICOS»
Domingo (espectáculo único)
às 16 horas
Segunda-feira (descanso)
Não acons. a men. de 18 anos

GTH

GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11 - Tel. 875626

PORTA FECHADA (HUIS-CLOS)

de JEAN-PAUL SARTRE
ANNA PAULA • JOAQUIM ROSA • JOSE MANUEL ROSADO • LIA GAMA
ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

DIARIAMENTE 21.45 • DOMINGO
SÓ 18.00 • SÁBADOS MATINEES
16 H • FOLGA 2.ªs-FEIRAS



CABELEIREIRO EVA

Secção de Évora do PS retira confiança a Barreto

A secção de Évora do Partido Socialista retirou toda a sua confiança ao ex-ministro da Agricultura e Pescas, António Barreto. Num comunicado divulgado naquela cidade ao fim da tarde de ontem o referido órgão partidário afirma ainda «publicamente todo o seu apoio à política seguida pelo actual Ministério da Agricultura e Pescas e ao Primeiro-Ministro e secretário-geral do Partido Socialista».

No documento a secção de Évora do PS, que se refere a António Barreto como «mais um D. Sebastião que acaba de surgir na cena política nacional» e que «por falta de protecção física, pois que moral de algum lado lhe vem, luta agora a coberto do nevoeiro e da sombra», apela ainda «à política de diálogo e de concertação».

E o comunicado prossegue afirmando que «as tentativas sebastianistas continuam neste país, onde a monarquia há muito morreu, mas onde um certo presidencialismo não deixa de ter alguns fervorosos adeptos, que jogam tudo pelo poder, não olhando a meios, como senhores onipotentes que pretendem ser».

Aludindo especificadamente às recentes declarações proferidas por António Barreto sobre a política agrícola do actual Governo e à manifestação realizada no domingo pela CAP em Rio Maior, a secção de Évora do PS sublinha que «não pode deixar de denunciar e repudiar vivamente as posições» tomadas pelo ex-ministro, as quais «por artes «mágicas» vêm coincidir com a manifestação político-partidária realizada em Rio Maior, dos habituais intermediários parasitas, ex-latifundiários e famílias de privilégios perdidos e alguns agricultores de boa-fé, que ainda não atingiram os fins a que se destina a dita CAP».

A secção de Évora do PS conclui perguntando «porque reagirá assim, só agora, e fora do seio do partido, este camarada ex-ministro da Agricultura, feitor da actual lei da Reforma Agrária».

As posições contra Barreto no seio do PS continuam a generalizar-se, abrangendo já dez federações, vindo as mais recentes posições de Portalegre, Castelo Branco e Beja.



O FIM-DE-SEMANA NO SOLAR DE MATEUS

Reis, Cardia e Constâncio discordam das «conclusões»

Os três membros do Governo, António Reis, Sottomayor Cardia e Vitor Constâncio, que participaram durante o passado fim-de-semana num colóquio subordinado ao tema «Repensar Portugal», no Solar de Mateus, Vila Real, «discordam frontalmente do essencial do que pelos meios de Comunicação Social foi abusivamente apresentado como conclusões do referido encontro».

Esta tomada de posição consta de uma notícia ontem distribuída pela Secretaria de Estado da Cultura e assinada pelos três membros do Governo.

Demarcando-se das posições assumidas pelos participantes mais em destaque, António Barreto e Medeiros Ferreira, que têm vindo a defender teses «presidencialistas», os três membros do Governo contam que, «sendo-lhes grato o convívio intelectual», aceitaram participar no encontro. Porém, «apercebendo-se, na reunião plenária do primeiro dia, de que alguns dos presentes se estavam preparando para difundir re-

latórios a apresentar como sínteses da conversa informal e relativamente dispersa que estava a decorrer, foi deixado perfeitamente claro que se considerava absurdo, além de pretensioso, elaborar um corpo de conclusões sobre tão relevantes e diversas matérias».

Contam ainda que, «tendo-se ausentado do local antes da reunião plenária final, por razões de natureza pessoal, verificaram pela imprensa de ontem que a índole inicial do encontro apareceu manifestamente deformada à opinião pública. Desconhecendo os relatos integrais que foram divulgados, não podem pronunciar-se sobre eles. Entendem contudo indispensável esclarecer que se deslocaram a Vila Real para participar num debate meramente intelectual». Por isso «recusam qualquer envolvimento político no modo como a opinião pública foi levada a interpretar o objectivo do encontro».

Nota da Redacção do DL
O «Diário de Lisboa» não se

conta entre os órgãos de Comunicação Social que divulgaram «conclusões» do encontro: chamámos-lhes, na nossa edição de ontem, «alongada exposição pública das teses confrontadas», explicitando que tal exposição se fizera «talvez com alguma surpresa dos presentes». No entanto, e para melhor compreensão do que se passou este fim-de-semana em Mateus, aqui fica o esclarecimento dos três governantes.

MEDEIROS FERREIRA «CORRIGE» IMPRENSA

«Não contemplei em Mateus a hipótese de eleições presidenciais antecipadas», disse ontem Medeiros Ferreira.

O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros disse que essa hipótese não foi por ele contemplada «por as eleições presidenciais se poderem realizar ainda em 1980, no actual quadro constitucional, sem necessidade de se recorrer à antecipação».

ENSINO

A política Cardia/CDS revela-se cada vez mais um desastre

— afirma a Organização dos Professores do PCP

«O ano lectivo de 1977-1978 prestes a findar, ficou marcado por dois traços fundamentais: manutenção e agravamento da desastrosa política do ministério Cardia, agora abertamente Cardia/CDS, e a realização de importantes iniciativas e lutas dos professores e estudantes contra a degradação do ensino e pelas suas justas reivindicações» — lê-se num comunicado da direcção da Organização dos Professores da Organização Regional de Lisboa do PCP.

Depois de sublinhar mais uma vez a sua discordância em relação ao boicote generalizado às avaliações e exames, classificando-a como uma forma de luta que «nas actuais circunstâncias» seria não só «incorrecta como ilegítima», acrescenta o mesmo documento: «Os factos encarregam-se de mostrar quem tem razão. Talvez por isso, tentando justificar o injustificável e esconder, pela persistência palavrosa no erro, o falhanço da

sua orientação aventureirista, dois elementos da direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, em vésperas da jornada do dia 28 de Junho, em local inapropriado e dando seguimento a tomadas de posição partidárias, vieram para os jornais criticar a decisão aprovada em plenário do sindicato; cuja aplicação lhes competia, mais do que a ninguém, promover e não sabotar».

Mas, e referindo-se ainda à actualização do MEC, afirma a direcção da Organização dos Professores da ORL do PCP: «O ministério Cardia/CDS continuou a promover a recuperação obscurantista e elitista do sistema de ensino, multiplicou medidas de improvisação e incompetência, usou e abusou de autoritarismo administrativo, do arbitrio repressivo às margens da lei, da justiça e das práticas democráticas, tentou aplicar servilmente as receitas malthusianas do Banco Mundial e do FMI, degra-

dou ainda mais as condições materiais e morais do ensino e do estudo na escola portuguesa, teimou na recusa ao diálogo e a negociação com as estruturas representativas dos professores e estudantes, cego e surdo perante as realidades e exigências do novo Portugal democrático. A política antidemocrática e anti-patriótica do ministério Cardia/CDS revela-se cada vez mais como uma política de contra-reforma e desastre».

«A luta pela negociação, pelas justas reivindicações dos professores — prossegue — pela melhoria das condições de ensino e de estudo na escola portuguesa, posta ao serviço do povo e do País, é evidentemente uma luta prolongada e dura, que exige persistência, flexibilidade e determinação e que não poderá ter êxito se for dominada pelas concepções do «agora ou nunca» e do «tudo ou nada». E conclui: «os professores comunistas não se deixarão intimidar por provocações de tal jaez, nem se deixarão desviar do firme propósito que sempre animou e continuará a animar toda a sua actuação: unir cada vez mais os professores, independentemente das suas tendências políticas, na luta pelos interesses comuns e por uma escola democrática ao serviço do povo e do País».

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA MODERNA

A crise política • A crise política • A crise política • A crise política • A crise política • A crise

SOARES NO MARIA MATOS

"Não vi qualquer ultimato do CDS"

«Li com muita atenção o comunicado do Conselho Nacional do CDS e não vi qualquer ultimato, nem vi qualquer pedido de substituição imediata do ministro da Agricultura e Pescas», considerou o secretário-geral do PS e Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, ao responder, no decorrer da última conferência promovida pelo «O Jornal», a questão posta pelo dirigente do PCP e director do «Avante!», Dias Lourenço, relativamente às exigências dos «centristas» de recomposição ministerial no MAP.

Aguardada com natural expectativa, a resposta de Soares ilustrou, aparentemente, a questão, sugerindo, da parte do Chefe do Governo, a vontade de ganhar tempo e espaço de manobra nas negociações com o CDS. «Nos termos do acordo PS/CDS», acrescentou o líder do PS, «o Primeiro-Ministro é o responsável exclusivo pela escolha dos seus ministros (...) o facto de haver uma proposta não implica necessariamente que ela seja aceite. E se essa proposta é feita a partir de um órgão nacional de um partido, é lógico esperar que o outro partido reúna igualmente os seus órgãos dirigentes para apreciar a situação e produzir uma resposta.»

Assim, da próxima reunião do Secretariado Nacional do PS, prevista para os próximos dias 15 e 16 do corrente mês, deverá, em princípio, sair a resposta às exigências dos «centristas» prevendo-se, entretanto, até lá, intensos contactos e negociações visando a salvação do II Governo Constitucional.

ATAQUE AOS PRESIDENCIALISTAS

A sala do Maria Matos esteve superlotada, destacando-se nas primeiras filas gente do Governo, membros do CR e representantes doutros partidos. Ausências notadas do PS: Medeiros Ferreira e António Barreto. Do Governo pareceu-nos, igualmente, ausente, o titular do MAI, Jaime Gama. «Centristas» presentes: Sá Machado e Rui Pena, que chegaram mais tarde à sala, quando o Chefe do Governo e responsável do PS já iniciara a sua exposição.

A intervenção de Soares, que durou cerca de uma hora, abriu com um apelo ao «juízo, força e vontade» colectivos «para trabalhar», e com o sublinhar da importância, para o futuro do País, da acção dos partidos, da instituição militar, da Igreja, dos sindicatos, associações patronais, movimento cooperativo, e dos homens individualmente («agentes da História») sem esquecer a conjuntura internacional, com relevo para o futuro das relações entre as superpotências, evolução da CEE, da vizinha Espanha, do Brasil e da África Austral «a cuja sorte nos continuamos a encontrar ligados por inúmeros laços».

Três grandes questões sobre o futuro imediato, foram postas, à partida, pelo líder socialista: prosseguiremos com êxito o plano de estabilização financeira? Será possível suportar os custos sociais duma política «que se reconhece como impopular», pela via do diálogo? Conseguiremos viver através dos actuais mecanismos constitucionais?

Justificando, sobre a primeira questão, a necessidade dos empréstimos externos como meio de evitar a ruptura financeira, Soares referiu que «disponemos agora de créditos a médio prazo e em boas condições para estabilizar a situação financeira e recuperar a economia».

Acerca dos «custos sociais», impostos pela política de austeridade,

o secretário-geral do PS defendeu «as soluções convenientes através de negociações tanto quanto possível entre as partes interessadas e através da prática normal do compromisso». Criticou, a propósito, o uso de «métodos expeditivos e violentos» numa democracia «ainda incipiente como a nossa», louvando a sensatez da maioria dos trabalhadores portugueses.

Referindo que Portugal é um dos países europeus «com menos greves e agitação social», salientou que «alguns tecnocratas, impacientes em que se avance no caminho da recupera-

ção da intervenção, centrou-se sobre a adesão à CEE que representa para Soares «o acontecimento político dominante dos anos oitenta, pelas profundas transformações e pela modernização acelerada do País».

Após citar determinadas partes (as de teor político) do relatório da comissão encarregada de elaborar o parecer sobre a adesão portuguesa, o Chefe do Governo considerou «falacioso» o argumento dos que contestam a integração como via para a nossa colonização pela Europa, e referiu que as nacionalizações

eventual candidatura à Presidência da República.

Referindo não lhe parecer «oportuno nomear esta ou aquela organização» (a propósito da questão de Veiga de Oliveira sobre a lei recentemente aprovada na Assembleia sobre as organizações que perfilhem ideologia fascista) Soares apontou os critérios de «violência, atentado e conspiração», como aferidores do carácter fascista dessas forças políticas.

A pergunta sobre a sua eventual candidatura a Belém, apoiada por uma ampla frente de esquerda, Soares respondeu não estar interessado em tal solução e considerou não haver subordinação do poder civil ao militar pelo facto do PR ser membro das Forças Armadas, dado que é leito pelo Povo.

Sobre futuras coligações e problemas de alargamento ou diminuição de bases sociais de apoio a futuros governos nos anos oitenta (questão posta por Sêrvulo Correia), o líder do PS não fez previsões, respondendo com uma pergunta: «Não estará o PS cada vez mais a afastar-se do projecto dito social-democrata?»



«Não vi...»

ção económica, fariam bem em reflectir na razão desse facto. Sem estabilidade social — e sem a adesão e o entusiasmo do mundo do trabalho — não há recuperação possível».

Visando, noutro ponto da sua intervenção, os presidencialistas («políticos que não têm visto suficientemente satisfeitas as suas ambições, e que não se encontram à vontade nos partidos existentes (...) já sem o coração e apenas por pura tática») Soares acentuou que a actual Constituição não permite o presidencialismo, além de que as circunstâncias políticas nacionais não o aconselham, manifestando-se contrário à revisão nessa matéria da Lei Fundamental.

Convicto de que nos anos oitenta Portugal «viverá em democracia», mesmo com «crises graves de percurso», salientou especialmente o papel que a Igreja e a Instituição Militar terão na evolução democrática do País, frisando sobre a primeira, a orientação do Vaticano II e, sobre as Forças Armadas, a sua «opção democrática».

O GRANDE ACONTECIMENTO

A parte final, e mais substan-

e a Reforma Agrária não são obstáculos à integração europeia. Acrescentando, por outro lado, que os anos oitenta «não trarão novas nacionalizações mas também neles não se assistirá à reprivatização dos sectores básicos da nossa economia».

A concluir, Mário Soares falou da «vocação atlântica — membro da NATO — com uma larga faixa marítima de que devemos saber retirar todo o ímperio da lei».

«A fé, diz-se no Evangelho, move montanhas. Meus senhores, tenhamos fé nos portugueses, tenhamos fé em Portugal» — foram as palavras finais do discurso do dirigente do PS.

NÃO SEREI PRESIDENTE

No período de perguntas e respostas avultaram a já citada referência às exigências do CDS, e considerações sobre a lei contra as organizações fascistas, sobre o papel do CR após 1980, e, ainda, acerca da sua

PSD REPETE CASQUEIRO

"Cúpula do CDS acordou tarde e mal"

«A cúpula do CDS acordou tarde e mal» — diz o PSD em comunicado, decalcando uma afirmação do chefe da CAP, José Manuel Casqueiro. Assinado pela Comissão Política Nacional daquele partido, o comunicado, emitido ontem, pressiona a queda do actual Governo e a sua substituição por um Executivo de «salvação nacional».

O documento social-democrata, surgido na sequência do agravamento da crise governamental, ataca o acordo de Governo concluído em Fevereiro entre o PS e o CDS («Só o apetite do prof. Freitas do Amaral e da generalidade das cúpulas do CDS pelo poder e a necessidade de uma «muleta» para o PS permitiram a sua celebração») acrescentando que (na sua óptica) a «verdadeira questão» não reside no ministro Luís Sáias pois «mesmo que a solução encontrada — na fachada — outros problemas irão ocorrer e sucessivamente com carácter

mais premente».

Manifestando o seu ressentimento por em fins de 1977 ter sido afastado de um acordo de Governo, o PSD acusa o CDS de ter então satisfeito «mais a sua «gula» do que o interesse do país», resolvido «mais os problemas de emprego de clientela para a sua direcção do que satisfazer as aspirações e expectativas dos seus eleitores» abrindo, contudo, as portas a um novo entendimento tripartido ao reclamar «dos partidos democráticos e seus apoiantes» uma «resolução da crise assente em duas ordens: formação de um Governo de salvação nacional, dispondo de um novo programa de acção até 1980 e intervenção firme do Presidente da República no quadro da Constituição».

E o documento do PSD cujo tom geral apresenta algumas semelhanças com a linguagem das notas do MIRN termina afirmando que «sem essas condições Portugal continuará a mergulhar num beco sem saída».

PS à procura do compromisso

• Eanes com Soares e Freitas do Amaral

• Contactos PS-CDS prosseguem até sábado

O Presidente da República e o Primeiro-Ministro examinaram ontem a situação política decorrente das decisões saídas do último Conselho Nacional do CDS. O encontro deu-se 24 horas antes de uma audiência que Ramalho Eanes concederá ao fim da tarde de hoje ao presidente do CDS, Freitas do Amaral. Antes Mário Soares e Freitas do Amaral haviam tido uma entrevista, na madrugada de segunda-feira, após o regresso de Soares do Algarve onde se encontrava em férias. Fontes socialistas disseram ao «DL» que contactos entre os dois partidos vão realizar-se antes da reunião do Secretariado Nacional socialista, marcada para o próximo fim-de-semana.

A ida de Freitas do Amaral a Belém foi solicitada pelo próprio na sequência do Conselho Nacional centrado que denunciou a existência de problemas nas relações entre o Governo e a Presidência. Fontes do CDS atribuem «grande importância» a este encontro relativamente à «posição futura do partido» o que poderá querer dizer que ele será decisivo no que concerne ao futuro do actual Executivo. Destaque-se que a Presidência terá retardado a marcação da audiência a Freitas do Amaral por forma a poder previamente ouvir o Primeiro-Ministro.

A abordagem dos problemas suscitados pela exigência centrada de uma remodelação ministerial tem-se caracterizado pela prudência. Ontem Mário Soares, na última da série de conferências promovidas pelo semanário «O Jornal», recusou ver um ultimato no comunicado final do Conselho Nacional do CDS e, reservando-se a responsabilidade por qualquer eventual remodelação ministerial, remeteu uma decisão definitiva para a reunião do Secretariado Nacional marcada para os próximos dias 15 e 16. As afirmações ontem produzidas por Mário Soares (e que reproduzimos noutro ponto desta edição) parecem querer significar que o Primeiro-Ministro está ainda esperançado em ultrapassar a «crise» sem grandes inconvenientes. Neste sentido atribui-se grande importância aos contactos de bastidores que decorrerão nos próximos dias quer com a intervenção directa de Mário Soares e de Freitas do Amaral quer através de outros negociadores do PS e do CDS como

Almeida Santos, Salgado Zenha e Amaro da Costa. Restará saber até onde está o CDS decidido a «esticar a corda».

O CDS E BELÉM

A posição do CDS relativamente a Belém foi ontem objecto de declarações de Ribeiro e Castro, do secretariado daquele partido.

«Um dos problemas essenciais que preocupam o CDS» — disse à ANOP — «é o das relações entre o Governo e a Presidência e entre os partidos que apoiam o Governo e o Presidente da República, relações essas onde têm surgido algumas dificuldades e obstáculos».

Ribeiro e Castro, depois de frisar que o seu partido continua a apoiar o general Ramalho Eanes, sublinhou que «a articulação entre o Presidente da República e qualquer Governo é

essencial para o bom funcionamento das instituições e para a operacionalidade e eficácia da acção política de um e de outro, que são peças essenciais do Executivo».

«Ou a referida articulação existe efectivamente» — prosseguiu — «e o Governo pode ser eficaz na sua acção, ou não existe e naturalmente o Governo não poderá subsistir, por lhe faltar um apoio e uma intervenção essenciais à sua coesão e consistência e terá, por conseguinte, que encontrar-se outra solução».

Ribeiro e Castro, que define o sistema português de semipresidencialista, observou ainda que «o Presidente deve intervir e mau seria que o não fizesse; simplesmente deve fazê-lo naturalmente com o Governo e através do Governo para cuja formação contribuiu».

O porta-voz oficial do CDS afirmou ainda à ANOP que «há mecanismos democráticos suficientes para resolver as questões de uma forma clara e positiva, sobretudo se não se entrar numa escalada verbal de consequências imprevisíveis e se houver vontade política de ambas as partes de resolver pelo diálogo as questões em aberto».

Bispo do Funchal proíbe missa no comício de Sá Carneiro

FUNCHAL, 11 — Uma nota do bispo do Funchal acaba de proibir a celebração de missas em comícios políticos.

Esta atitude vem na sequência de notícias divulgadas em jornais da Madeira informando da realização de um comício comemorativo do IV Aniversário do PSD, com a presença de Sá Carneiro e que incluía uma missa campal na zona do Paul da Serra.

A Secretaria Episcopal distribuiu de imediato uma nota em que esclarece que «somente o

bispo da diocese pode autorizar a celebração da eucaristia fora da igreja, em capelas e lugares de culto» e também que «o senhor bispo do Funchal não concederá autorização para a celebração da eucaristia em comícios de qualquer partido político».

Lembra-se, a propósito, que em anterior visita ao Funchal, e em vésperas de eleições, Sá Carneiro fizera de sacristão em missa celebrada na Sé daquela cidade.

ANTÓNIO CAMPOS AO "DL"

"SERÃO FEITAS AS EXPROPRIAÇÕES"

Os responsáveis do MAP, sob o fogo cruzado do CDS, PSD, CAP e até de alguns sectores do PS, encabeçados por António Barreto, continuam imperturbáveis no seu posto. «Nós estamos aqui por direito próprio, por meios constitucionais. E não é com manifestações de rua que se alteram os membros do Governo» — disse-nos António Campos, secretário de Estado da Estruturação Agrária, numa longa conversa que com ele travámos dias antes da «guerra declarada» pelo CDS embora no ar já se sentissem prenúncios dela. Aliás tudo se conjugava para isso: o «assanhamento» súbito da imprensa de direita

bros do Governo».

DL — Há alguns dias foi atacada uma UCP, no concelho de Estremoz, por um bando de indivíduos armados, que segundo parece, estariam ligados à CAP. Porque não toma o Governo medidas contra esses atentados que visam desestabilizar a situação na zona da Reforma Agrária?

AC — O processo do Alentejo é extremamente grave e dominado pela violência social e económica. O ódio instalou-se no Alentejo. Acontecem, no entanto, casos pontuais que não podem ser tomados como o exemplo da vivência normal naquela zona. Quanto a essa questão acho que

grave que, passados três anos, ainda se continue a fazer «um cavalo de batalha» político da Reforma Agrária. Erro em que o Governo também incorreu. Deve-se defender a Reforma Agrária porque ela é fundamental para a nossa economia. Porque não se começa já? Ou será tarde de mais?

AC — Na verdade não se aproveitou as potencialidades do Alentejo. Os trabalhadores da zona da Reforma Agrária são o fruto dos latifundiários que lá existiam. O tipo de exploração mantém-se com o mesmo processo do antigo empresário. Seria importante que não perdessemos tempo a discutir quantos quilómetros cabe a cada um. Temos de alertar os trabalhadores, os pequenos agricultores e empresários para avançarem com um grande plano de aproveitamento dos recursos do Alentejo. Isto passa pela criação de barragens, pelo aproveitamento dos solos, transformando os de fraca potencialidade em pastagens e forragens, pelo aumento da pecuária por todo o Alentejo e pela dinamização dos solos de capacidade cerealífera...

DL — Os trabalhadores não podiam introduzir novas culturas e aproveitar convenientemente os solos porque nunca tiveram apoio técnico nem económico. Hoje, devido a essa política, as UCPs e Cooperativas estão praticamente estranguladas no aspecto económico...

AC — De facto a discussão nunca se fez, tendo como objectivo o aproveitamento dos recursos, mas sim em termos políticos. É verdade que há estrangulamento. Mas porquê? Houve um profundo processo de transformação e a sua normalização não se faz de um dia para o outro. Apareceram dois anos agrícolas extremamente maus e houve erros praticados na aplicação da

contratos legalmente estabelecidos. Muitas das UCPs e Cooperativas serviram-se do CAE para investimentos a médio e longo prazo.

DL — Mas, tanto quanto sei, as UCPs e Cooperativas reivindicam há tempo a transferência do Crédito para médio e longo prazo...

AC — Isso está a ser feito: a transferência do crédito para médio prazo dos processos organizados na devida altura com autorização governamental. Quanto ao apoio técnico posso acrescentar que em Portugal nunca existiu apoio técnico à agricultura...

DL — Isso não explica nada...
AC — Bem, penso que já explica o facto de 50% dos técnicos viverem em Lisboa. É difícil mobilizar, sensibilizar, preparar um grupo de técnicos que seja capaz de apoiar os agricultores. Isso não é obra de dias, mas de anos. Também é verdade que, no Alentejo, os próprios técnicos dos CRRAs estiveram sempre mais virados para acções de estruturação que para acções de apoio directo aos agricultores ou cooperativas e UCPs.

DL — Não está previsto nenhum projecto de apoio técnico à zona da Reforma Agrária?

AC — Dentro de dias penso que se vão dar substanciais alterações nesse modo de trabalho visto que começam a ser feitos os contratos definitivos da posse útil da terra para os trabalhadores e pequenos agricultores, aliás como manda a lei e a Constituição. Os contratos obrigam a um plano de exploração, devidamente acompanhado por um técnico responsável. É preciso dar tempo que esses técnicos se familiarizem com a exploração. Julgo que no prazo de três ou quatro anos estarão mais sensibilizados a trabalhar no campo do que nos gabinetes. Convém, porém, acrescentar que o trabalho do campo não se condói com horários e que o sistema buro-

ENTREVISTA DE LOURDES FÉRIA

dos a médio e longo prazo, à medida do desenvolvimento global do País.

DL — A aplicação da «lei Barreto» tem inevitavelmente de gerar o desemprego. Como vai o Governo resolver essa questão?

AC — Calculamos que com a aplicação da Lei fiquem no desemprego cerca de 15 a 22 mil trabalhadores. O Governo, no entanto, vai assumir responsabilidades (até está já a pagar salários aos desempregados das UCPs e Cooperativas devido às reservas) pondo em prática um plano que permite a utilização dessa mão-de-obra no desenvolvimento do Alentejo.

DL — Mas isso não será violentar o estatuto de trabalhador agrícola atirando-o para outra profissão que não é a sua?

AC — Os trabalhadores agrícolas podem trabalhar em investimentos que dinamizem o aproveitamento dos recursos nacionais para depois, a curto prazo, voltarem a ser trabalhadores rurais. Todos os planos de rega, feitos no Alentejo em grandes áreas, são um fracasso e não acredito que possam ser reconvertidos a curto prazo. Esses planos exigem técnicos, em quantidade, e altamente preparados para o aproveitamento dos recursos hídricos. Por outro lado a maioria dos planos abrangem solos sem condições para serem irrigados e funcionam, até, como forma de depauperação desses mesmos solos.

EXPROPRIAÇÕES

DL — A lei da Reforma Agrária não determina apenas a marcação de reservas, nela diz-se, também, que irão ser feitas as expropriações... Quando?

AC — Serão feitas as expropriações. Neste momento estão a correr alguns processos nesse

cos pequenos agricultores sem terra. Quero salientar que na resolução destes casos temos tido a melhor colaboração das UCPs e Cooperativas. Já se fizeram reuniões entre pequenos agricultores e trabalhadores e o entendimento está à vista.

DL — O que significa a «contraprestação» ou renda, ou imposto que o Estado pretende aplicar às UCPs e Cooperativas?

AC — Vão todos pagar e não só as UCPs e Cooperativas. A «Contraprestação» é uma espécie de imposto pago ao Estado, valorizado em função da capacidade produtiva do solo para que o Estado possa ter a sua própria «contrapartida» em receitas, de forma a defender e dinamizar o património colectivo que é de um milhão e 200 mil hectares. Isto abrange rendeiros, pequenos agricultores (a quem se distribuiu a terra) e as UCPs e Cooperativas. Funciona como total garantia da organização e dinamização da produção.

DL — Gostáramos de saber se o MAP não vai reestruturar as herdades estatais ou intervenções, nomeadamente a Herdade dos Machados onde a gestão, segundo dizem, tem sido ruínoza?

AC — Dentro em breve vai ser publicado um estatuto próprio para essas herdades. Foram abrangidas pela expropriação mas, de uma maneira geral, a sua situação financeira era deficitária e em termos organizativos degradada. Vamos estudar caso a caso...

DL — E quanto à Lei do Arrendamento Rural, elaborada pelo PSD e tão contestada pelos rendeiros qual vai ser a atitude do MAP? Por que não se atendem as justas reivindicações dos rendeiros e não se revogam os Artigos 17, 18 e 19 dessa legislação?

AC — Os rendeiros têm toda a razão. A interpretação feita pelos tribunais, no respeitante a esses artigos, não coincide com o espírito da lei. Os rendeiros estão, na verdade, a ser lesados nos seus interesses. O MAP já fez tentativas no sentido de dar maior segurança aos rendeiros mas chegámos à conclusão que alguma coisa tem de ser feita na Assembleia da República. Penso, aliás, que no próximo Outono a questão irá ser discutida na Assembleia.

O sector do Centro e Norte do País é ainda mais difícil que a zona da Reforma Agrária na medida em que estamos com um elevado índice demográfico por hectare de terra. Por outro lado no Norte e Centro há uma população extremamente envelhecida. Ali foi feita uma grande sangria na década 60-70 com a emigração. E, mesmo assim, a média da propriedade é de tal maneira ridícula que não se pode aplicar uma política, a curto prazo, que venha dignificar a totalidade do mundo rural. Cerca de 80% das explorações assentam numa agricultura de subsistência, entrando no mercado da troca com pequenos excedentes que sobram do agregado familiar.

Ora isso impede que chegue lá a técnica.

DL — O emparcelamento não seria uma solução?

AC — Vários países trabalharam durante décadas, sobre o emparcelamento e abandonaram-no por terem obtido resultados negativos. O Norte e o Centro são agarrados ao seu bocadinho de terra. Quanto a mim o mais correcto é o sistema cooperativo.



«É difícil mobilizar um grupo de técnicos capaz de apoiar os agricultores»

Reforma Agrária...

DL — Não se importa de apontar alguns desses erros?

AC — Com certeza. Não é admissível, por muito boas intenções que se tenha, manter UCPs com 15 mil hectares de terreno. Em termos humanos e técnicos tamanhas extensões não são viáveis. Claro que todo esse conjunto de circunstâncias, com especial relevo para o factor tempo, criaram dificuldades no Alentejo.

APOIO TÉCNICO

DL — E os cortes de Crédito às UCPs e Cooperativas não teriam ajudado a consumir o estrangulamento?

AC — Não há nenhuma UCP ou Cooperativa com os créditos cortados que tivesse cumprido os

crático do Estado português não se coaduna com o mínimo de condições que esses técnicos deveriam ter para se entusiasmarem no apoio às explorações agrícolas. De qualquer maneira, por mais esforço que o Governo faça, nunca se poderá cobrir todas as explorações agrícolas portuguesas que são mais de 900 mil. Temos situações de subemprego generalizado no sector rural. Neste momento mais de 30% da população emprega-se na agricultura quando não há condições para que 15% dessas pessoas possam viver com dignidade. A situação é trágica. Procura-se concentrar no MAP todos os dramas quando a maior parte deles só podem ser soluciona-

sentido. Mas nós não expropriamos por expropriar. Temos de saber quem vai explorar a terra. Já se fizeram expropriações cuja terra foi entregue a UCPs e Cooperativas. Há cerca de 300 mil hectares para devolver e uma área de 400 mil hectares para expropriar. Avançamos com as expropriações à medida que vamos aplicando a Lei. Há cooperativas onde marcámos reservas e de seguida lhes cedemos terra, proveniente de expropriação em propriedades que extremavam com elas.

DL — A Reforma Agrária também implica a distribuição de terra aos pequenos agricultores. Nesse sentido o que tem feito o MAP?

AC — Creio que existam pou-

contra a Reforma Agrária onde as «velhas» calúnias voltaram de novo à liça, o plenário da CAP, os comentários de António Barreto num jornal americano. A direita, e os seus arautos, garantiam que a actual equipa directiva do MAP nada tinha feito no sentido do cumprimento da lei da Reforma Agrária. Que António Campos e Luís Saias se tinham tornado calorosos defensores das UCPs e Cooperativas, colaborando, portanto, no «esbulho» da propriedade. Entretanto o MAP divulga uma nota oficiosa em que os números desmentem que as notícias de certos jornais não passavam de pura fantasia. E mais: que através do diálogo e da concertação se procedeu à entrega de muito mais reservas do que no tempo em que dia sim dia não estava a GNR no Alentejo à pancada aos trabalhadores.

António Campos, sereno, respondeu às nossas perguntas prevenindo, no entanto, de antemão, que não se pronunciaria sobre qualquer assunto que envolvesse o CDS...

sobre a recente nomeação de Tomás Correia, presidente da CAP, para o cargo de presidente da Junta Nacional dos Vinhos, também o eng.º António Campos se esquivou dizendo que «não tinha opinião formada». Fez, porém, algumas revelações das quais concluímos que o MAP está empenhado na consolidação da Reforma Agrária.

DL — Que pensa das críticas que lhe têm sido dirigidas pela CAP nos últimos tempos?

ÓDIO NO ALENTEJO

AC — Desde que tomámos posse a CAP tem vindo a manifestar-se, antes de conhecer até a nossa política. Esse processo culminou, agora, com a manifestação de Benedita, cuidadosamente preparada por certos órgãos da informação. Não dois processos que se chocam. É evidente que nós defendemos uma coisa e a CAP outra. As pressões são grandes mas nós estamos aqui por direito próprio, por meios constitucionais. Não é com manifestações de rua que se alteram os mem-

tem a ver com os tribunais, saindo portanto da esfera de acção do MAP. A minha função é procurar desbloquear as situações de hostilidade, amortecer esse ódio, solucionar os problemas pela via do diálogo. Também é verdade que desde que o MAP mudou de estratégia certas forças redobram os seus ataques. Essas forças não querem o diálogo mas sim a violência. Nós, todavia, consideramos que a via do diálogo é a mais acertada e exigimos uma certa serenidade?

DL — Como encara as declarações de António Barreto, seu correligionário de partido, feitas num jornal americano?

AC — Eu apenas tomei conhecimento desse facto através de uma notícia publicada no jornal «O Dia» que não me merece a mínima confiança. Não sei, portanto, se António Barreto disse ou não disse o que o referido jornal divulgou e tenho o direito de pôs em dúvida a veracidade de «O Dia», devido à quantidade de notícias, ali publicadas, e que não passam de calúnias e mentiras. Hoje afirma-se muita coisa sobre agricultura que não corresponde à realidade. Dizia-se que a lei não estava a ser cumprida pois demonstrámos que nunca se atingiu o número de casos resolvidos como agora. Essa imprensa, contudo, não tem a ombridade de se vir retratar, chegando alguns dos citados jornais ao ponto de nem sequer publicarem a parte mais importante da nota oficiosa.

DL — E da parte dos trabalhadores qual tem sido a reacção perante essas entregas de reservas?

AC — Claro que têm havido alguns problemas com as UCPs e Cooperativas. Os trabalhadores vivem numa situação de emprego ou subemprego e quando se marcam reservas são atraídos para o desemprego. Ao Estado cabe, no entanto, criar os mecanismos para evitar essa situação.

DL — Parece-nos bastante

Três linhas lutam na CAP pela "hegemonia" política

Com objectivos coincidentes a CAP e o CDS tentam derrubar os actuais responsáveis do MAP. O partido de Freitas do Amaral, sentindo as bases fugirem-lhe devido ao envolvimento que lhes está a ser feito pelo PSD de Sá Carneiro, e porque como Governo lhe cabe uma quota-parte da impopularidade, decidiu abrir uma crise política. Resolveu encostar o PS à parede e exigir a substituição de Luís Sáias e de António Campos por homens da sua confiança, para que a política agrária seja alterada.

Entretanto a CAP realiza o seu plenário em Rio Maior do qual esperava um esbarronante sucesso. Nada disso aconteceu.

A iniciativa traduziu-se num fracasso e as contradições dentro da chamada Confederação dos Agricultores de Portugal são cada vez maiores. No interior da CAP há três linhas políticas que, embora por vezes conjuguem esforços, se digladiam numa luta encarniçada pelo dirigismo. Para alguns, o prestígio de José Manuel Casqueiro, afecto ao PSD, começa a declinar e há até quem já ponha em causa a sua condição de chefe. «Alguns vendem-se por um prato de lentilhas», afirmou José Manuel Casqueiro no plenário de Albergaria, referindo-se cer-

tamente ao presidente da CAP Tomás Correla, figura ligada ao CDS e que viria dentro de alguns dias a ser nomeado presidente da Junta Nacional dos Vinhos, pelo ministro do Comércio e Turismo, dr. Basílio Horta.

Por outro lado as associações de agricultores, da zona da Reforma Agrária, filiais da CAP, e que funcionam como grupos de pressão desde que a actual equipa dirigente do MAP tomou posse começaram a manifestar uma certa inquietação, senão um certo desespero. Pensavam que a política de violência e repressão utilizada pela parelha Barreto-Portas lhes dava cobertura para «recuperarem o Alentejo» e escorraçarem os «ladrões» que se instalaram nas terras no tempo do «gonçalvismo». As associações de agricultores, representantes dos grandes agrários, constituídas pelos Rosados, Fernandes, Mira Coroa, António Teixeira, Passanhas Maldonado e outros preparavam-se já para a decisiva batalha. No entanto a alteração política da linha do MAP, com António Campos e Luís Sáias, nos cargos dantes ocupados por Barreto e Portas, veio gorar os planos dessas organizações que se não estão ligadas ao MIRA e nem ao próximo.

Também no próximo, em Benedita, José Manuel Cas-

queiro entre os furiosos ataques qusdirigiu ao Governo em bloco não pouparia o CDS, tendo mesmo falado nos «democratas-cristãos».

Um outro orador, porta-voz da Associação de Agricultores de Viseu diria em certa altura que o ministro Luís Sáias era «uma marioneta de acordos cobardemente assinados... com as benções dos democratas-cristãos, os quais são os próprios representantes da propriedade privada em Portugal».

Era do CDS, sem dúvida, de que se tratava.

Estes ataques contra o CDS aparentemente parecem-nos «fogo de vista», mas a verdade é que dentro da CAP chocam-se diversos interesses políticos e económicos. Se José Manuel Casqueiro conseguiu a preponderância dentro daquela organização é porque ele defende os interesses dos intermediários, comerciantes, proprietários de aviários, negociantes de gado que proliferam pelo Norte e Centro do País.

E, por tabela, a linha Casqueiro ainda mobilizava pequenos agricultores, incautos, que seduzidos pelos «seu bla-bla», onde por vezes surgiam reivindicações justas, se deixaram arrastar para algumas das grandes movimentações que o cacique de Rio Maior organizou.

Casqueiro é a linha do Mercado Comum, do desenvolvimento agrícola nos moldes capitalistas. Representa portanto uma classe de «meia-tigela» que já enriqueceu ou quer subir na vida.

A linha CDS implantada na CAP, através de Tomás Correla é a voz dos exploradores mais antigos, com um passado que vem do 28 de Maio de 1926, mas que se tem vindo modernizando com o tempo. São aqueles que pensam como o «príncipe» de Visconti na fita «O Leopardo» que «para que tudo fique na mesma é necessário que alguma coisa mude».

E finalmente há a linha dos «terratenentes» alentejanos, da extremíssima direita, que querem reorganizar os latifúndios nem que para isso seja preciso fazer correr o sangue. Esses estiveram em massa em Benedita com os seus «mercedes», a sua arrogância ancestral. Dos outros notou-se um certo absten-

ção com a crise política aberta pelo CDS, se o PS ceder, quem tira mais dividendos é, sem dúvida, o partido de Freitas do Amaral dentro da CAP. E Casqueiro? Ou é empurrado definitivamente para os braços da extrema-direita, ou «morre».

L.F.

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 286
REFERENTE A JULHO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinala já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERNI COLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

- Aos órgãos de Comunicação Social: O País necessita conhecer melhor os benefícios da Medicina Natural.
- Verdades como Punhos... Continuará o Governo alheio à verdadeira saúde que o Povo reclama?
- O País carece de uma Escola e de um Hospital Naturopáticos.
- Como prevenir o Cancro e conseguir escapar-lhe.
- Alcoolismo, Flagelo Nacional que atormenta a humanidade.
- O Cancro do Selo.
- Ideias que devem ser medidas por todos aqueles que desejem ser curados por métodos Naturais.
- Vinte boas razões para se praticar o exercício físico.
- Andar: antidoto para a tensão.
- Nunca se esqueça de examinar cuidadosamente o corpo do seu filho!
- O Trabalho é a maior função do homem.
- O Meteorismo.
- Alcoolismo e comportamento sexual.
- O Leite e os seus derivados na alimentação humana.
- Etc., etc.

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS
A ESTA ADMINISTRAÇÃO

RUA ANTERO DO QUENTAL, 35, 1.º (ao Intendente)
Telef. 55 64 98

— Assinatura anual, 200\$00 — semestral, 120\$00 —
— Estrangeiro, 350\$00 — número avulso, 25\$00 —



CAMARA MUNICIPAL DE ALMADA AVISO AO PUBLICO

Tendo em conta as carências de água existente para exploração na Península de Setúbal.

Tendo em conta que no futuro (Castelo de Bode), mas que tal operação necessitará de alguns anos para se consumir e que as diligências neste sentido só tiveram início após o 25 de Abril de 1974, o que mostra bem o desprezo do regime fascista no respeitante à satisfação das necessidades básicas das populações.

Tendo em conta o estado lastimoso em que o mesmo regime deixou toda a rede de distribuição e que apesar do grande esforço que se está a fazer no sentido de minimizar os inconvenientes de tal situação, não se vislumbra possível a sua resolução no curto prazo que seria desejável, dado até o reduzido apoio material que se está a verificar por parte dos órgãos Governamentais.

Tendo em conta que toda esta situação foi grandemente agravada pela construção clandestina, pois tal tipo de construção desprezava todas as infra-estruturas necessárias.

Tendo em conta a flagrante injustiça que representa a existência neste Concelho de inúmeras pessoas que não têm sequer água para beber, enquanto outras se dão ao luxo de ter piscinas, que frequentemente enchem e cujo consumo inevitavelmente prejudica o abastecimento aos outros consumidores.

O Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Almada delibera:

- 1.º — Que a partir da publicação deste aviso os Serviços Municipalizados não fornecerão água para abastecimento de piscinas.
- 2.º — Aos Municípios que incompreensivelmente não acatem o apelo contido neste aviso, mostrando assim uma falta de respeito pelo seu semelhante, será, por estes Serviços Municipalizados, suspenso o fornecimento de água.
- 3.º — O reconhecimento na localização das piscinas será rigorosamente fiscalizado. Para o efeito, e para além da fiscalização pelos Serviços Municipalizados conta-se com o apoio das Juntas de Freguesia, Comissões de Moradores e da população em geral.

Almada, 3 de Julho de 1978
O Presidente do Conselho de Administração

Francisco Simões

AINDA A BATATA...

Liga de Montalegre exige do Governo cumprimento dos compromissos assumidos

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Montalegre continua a sua luta em relação ao problema da batata que o Governo ainda não solucionou, embora a situação dos agricultores transmontanos, que vivem unicamente do cultivo daquele produto, seja catastrófica.

As promessas feitas pelo Governo em Fevereiro, e firmadas em Junho, quer através da Junta Nacional das Frutas, quer da Secretaria de Estado do Comércio Interno, não foram cumpridas. Entretanto a batata, entregue há meses nos armazéns da JNF, está por pagar e o subsídio, prometido aos agricultores de Montalegre, ainda nem sequer foi fixado. Lamentam os agricultores de Monta-

legre, em comunicado divulgado pela sua Liga, que «o seu esforço não seja compreendido» por aqueles que desempenham cargos no Governo.

Mais adiante refere o comunicado que os agricultores de Montalegre estão com «a corda na garganta». E acrescenta-se: «Que podem os agricultores de Montalegre fazer para que o Governo cumpra as suas promessas? Barricar estradas? Deitar pontes abaixo? Apesar de achar que tais processos

são incorrectos a Liga de Pequenos e Médios Agricultores de Montalegre «vê com tristeza que só esses métodos são ouvidos e apadrinhados pelo Governo».

Não podendo mais manter-se na «situação intolerável em que vivem», os agricultores de Montalegre exigem que a Junta Nacional das Frutas proceda ao pagamento da batata e que a Secretaria de Estado do Comércio Interno honre os compromissos assumidos.

Madeira tem 40 mil cooperativistas

FUNCHAL, 11 — O dirigente do Secretariado Provisório da AS-

sociação de Cooperativas da Região Autónoma da Madeira (ACRAM), Duarte Caldeira, em declarações à ANOP, afirmou que «o cooperativismo na região encontra-se em franca expansão, ultrapassando já os 40 mil o número dos cooperativistas».

A ACRAM, que é a primeira organização do género no país, resultou de um plenário de cooperativas efectuado em 28 de Maio último, sendo um dos seus objectivos fomentar, apoiar e divulgar os ideais cooperativos.

Duarte Caldeira, acrescentou que «espírito de entre-ajuda está latente em toda a população, podendo-se afirmar que o cooperativismo num futuro próximo poderá ser uma realidade na Madeira».

O dirigente cooperativista declarou ainda que os interesses cooperativos que mais interesse suscitam na região são o agrícola e o da habitação, sendo de prever um rápido aumento dos associados neste último sector.

cultura portuguesa», e que se espera dela resultem, a curto prazo, «sólidos dividendos» tanto no campo da agricultura como nos sectores de exportação, da indústria e do turismo da zona.

A par das actividades específicas do certame, como jornadas técnicas e colóquios, um dos quais abordará as perspectivas da fruticultura portuguesa no comércio internacional, e exposições agrícolas, comerciais e industriais, manifestar-se-á paralelamente manifestações de carácter cultural, recreativo e desportivo.

O certame realiza-se por iniciativa da Câmara e Comissão municipal de Turismo das Caldas da Rainha e conta com a colaboração de entidades oficiais e estrangeiras, nomeadamente espanholas e italianas.

Feira da Fruta nas Caldas

Levar os inúmeros fruticultores portugueses a participar e a constatar do desenvolvimento do sector frutícola de Portugal é o principal objectivo da I Feira Nacional da Fruta — Frutos 78, que decorrerá nas Caldas da Rainha de 12 a 20 de Agosto.

O programa e objectivos do certame, que contará com a participação de cerca de 80 expositores de todo o país, foram ontem apresentados numa conferência de imprensa em Lisboa pelo presidente do Município caldense, dr. Lalanda Ribeiro, e por elementos da comissão organizadora da Feira, que ocupará uma área aproximada de 21 mil metros quadrados do Parque D. Carlos naquela cidade.

Foi salientado que a I Feira Nacional da Fruta terá lugar «no coração de uma vasta região de significativa importância no panorama da fruti-

Grémios extintos passam a cooperativas

De acordo com despachos conjuntos dos ministros da Agricultura e Pescas, do Comércio e Turismo e do Trabalho, foram extintos os Grémios da Lavoura de Mougadouro, Aveiro e Ilhavo, Covilhã, Belmonte, Castelo de Paiva e Beira.

Os bens, direitos e obrigações dos Grémios, agora extintos, segundo os mesmos despachos, são transferidos para cooperativas agrícolas locais.

EM BRAGANÇA

População pode receber batata de "borda"

Cerca de 100 mil sacos de batata poderão ter sido enterrados, em virtude da inexistência de armazéns equipados para a conservação e com capacidade de responder ao excesso de produção.

Actualmente, existem, em armazém, na área de Bragança, 112 mil sacos de batata. A Junta Nacional das Frutas admite poder vender, ainda 600 daqueles sacos, não vendo, no entanto, forma de escoar os restantes.

Entretanto, a fim de evitar o enterramento da batata, o eng.º Barros Almeida, técnico da JNF, pediu autorização para fazer a distribuição gratuita, à população, dos excedentes da batata.

ECONOMIA

Metade do investimento total pertence ao sector público

«O sector público, em sentido lato, é hoje responsável por cerca de metade do investimento total, cabendo cerca de um terço ao sector empresarial do Estado», disse José Manuel Serrão, secretário de Estado do Planeamento, no encerramento do seminário, promovido pelo Instituto das Participações do Estado, sobre os investimentos e a transferência de tecnologia visando o lançamento de novos produtos.

«Qualquer processo de dinamização de desenvolvimento económico terá, pois, de contar com este sector, particularmente no que se refere ao investimento produtivo, e tendo em atenção que também para numerosas empresas privadas as encomendas colocadas pelo sector empresarial do Estado são decisivas para os seus próprios programas de expansão».

Após definir as funções que competem ao IPE, cuja existência data de 1977, considerou, como condição «sine qua non», a clarificação do conjunto final de participações por parte do IPE para dar consistência a uma política de reordenamento das participações do Estado.

Anunciou ainda José Manuel Serrão que o Ministério das Finanças e do Plano, está já a dar «um significativo impulso às actividades de ciência e tecnologia para o desenvolvimento ao lançar recentemente, por intermédio da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, programas de contratos de investigação e de bolsas de especialização técnica que suscitaram uma adesão extremamente encorajadora junto dos mais variados meios, em empresas, nas universidades e outros centros de investigação».

Dez milhões e meio de contos para importar carros em 1977

Um total de 10,5 milhões e meio de contos foi quanto custou a importação de veículos automóveis em 1977. No ano anterior, a importação subiu a pouco mais de metade (5,6 milhões de contos).

Este aumento do volume das importações de viaturas para transporte de pessoas ou mercadorias levou portanto a um agravamento em gasto de divisas da ordem dos 4,9 milhões de contos — sublinham as estatísticas agora divulgadas pelo Fundo de Fomento de Exportação. Quanto a unidades, passou-se num ano de 91.755 para 103.921.

Um dado a reter é este: em metal sonante só gastámos no

ano passado mais dinheiro com as importações de petróleo e seus derivados, que somaram 23,4 milhões de contos.

Em matéria de preferência o volante português inclinou-se para as viaturas inglesas (mais 3.391 do que em 1976 — e mais 1,6 milhões de contos esportulados) e francesas (mais 4.318 e mais 2,4 milhões de contos). A subida entre todas espectacular pertenceu, porém, aos carros e camiões japoneses.

Um derradeiro indicativo, que passa despercebido a muita gente, é o das importações de Espanha. Em 1977 comprámos ao país vizinho 15.975 viaturas (917 mil contos), contra 18.666 em 1976 (776 mil contos).

ALVARO CUNHAL A BBC

Uma Embaixada da China em Lisboa vai ser um centro de conspiração

«Uma Embaixada da China em Lisboa vai ser um centro um tanto de conspiração e animação das forças que estão contra a democracia portuguesa, contra o regime democrático português e, naturalmente, contra os nossos amigos em África», afirmou o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, numa entrevista a ser transmitida esta noite às 21 e 30 e 23 e 15 pelos serviços portugueses da BBC.

Depois de salientar os dez pontos-programa do seu partido, na defesa das transformações verificadas na sociedade portuguesa depois do 25 de Abril, Álvaro Cunhal reafirmou a posição do PCP como partido da classe operária, em relação à qual, salientou, «o Partido Comunista está a tão grande distância dos outros partidos, na sua implantação e na sua influência, que quanto às organizações de trabalhadores qualquer outro partido tem extremas dificuldades em ganhar o mínimo de apoio que lhe permite, por métodos democráticos, ter uma posição que seja de certa forma invejável». E concluiu: «Por isso o Partido Comunista quando afirma que é o partido da classe operária não repete uma fórmula de manuais, mas traduz uma realidade das condições portuguesas».

A entrevista aborda a política agrícola do Governo, afirmando Álvaro Cunhal que não há qualquer convergência entre essa política e a do seu partido. Disse no entanto que «o Governo nos últimos tempos tem-se mostrado um pouco mais prudente». Sublinhou que «a via é de negociação e entendemos que negociando, se há compreensão das realidades, é possível, por vezes, chegar a soluções de compromisso sem que representem uma rectificação da política go-

vernamental e impeçam os seus maiores estragos».

RELAÇÕES COM A CHINA

Abordando a questão das relações com a China, Álvaro Cunhal depois de ter afirmado que já no tempo do fascismo o seu partido advogava o estabelecimento de relações com todos os países do Mundo, independentemente do seu sistema político, que essa continua a ser a linha do PCP, que é partidário do estabelecimento de relações diplomáticas com todos os países e com a República Popular da China, referiu existirem vários factos que «inquietam» os comunistas quanto a isso. E salientou: «O primeiro é o desinteresse que mostrou a República Popular da China, depois do 25 de Abril, em estabelecer relações diplomáticas com Portugal. Ao contrário, parece que houve uma retracção por ver que em Portugal se caminhava para uma sociedade progressista e que havia transformações de carácter revolucionário que atingiram as estruturas do capitalismo. Depois, foram posições sistemáticas dos dirigentes chineses a par das posições tomadas pelo imperialismo internacional contra a Revolução Portuguesa. E depois, é o facto mais surpreendente, foi o estabelecimento de amizades com as forças da extrema-direita portuguesa. É que nem sequer é com as forças moderadas, com as forças de esquerda não comunistas — é com a extrema-direita... Nós vemos que os enviados recebidos como amigos da China são homens de extrema-direita, enfim para já não falar de grupitos, que, conforme toda a gente sabe, são pequenos grupos no nosso país que também cooperam com a extrema-direita como seus agentes, com a sua

pequenina tropa de choque e nada mais. Portanto, isso é o que nos inquieta — o facto de o estabelecimento de relações com a China vai-se dar quando os dirigentes chineses têm relações com a extrema-direita portuguesa, são os seus amigos preferenciais. E no que respeita aos povos amigos, designadamente em Angola, os chineses estão metidos em toda a conspiração antiangolana, ao lado dos americanos, apoiam o Zaire, estão a dar instrução no Zaire aos seus homens, aos mercenários e às

tropas de intervenção em Angola. Portanto estão numa posição perturbadora para o desenvolvimento de relações amistosas entre Portugal e Angola.»

O secretário-geral do PCP concluiu repetindo as preocupações inicialmente formuladas, mas não deixou de afirmar também que «em princípio, achamos que é bom que se estabeleçam relações diplomáticas entre Portugal e a República Popular da China, assim como entre Portugal e qualquer outro país do Mundo».

Estratégia sindical da UEDS definida em encontro nacional

No último fim-de-semana, a União da Esquerda para a Democracia Socialista promoveu o 1.º Encontro Nacional de Sindicalistas que procedeu à análise da clarificação da estratégia sindical e política de alianças; aprofundamento do programa do sector de trabalho da UEDS e ainda proposta organizativa e plano de actividades.

Foi reafirmado o conteúdo do programa de trabalho da UEDS e a parte respeitante ao campo sindical do documento «Explicar a crise, organizar a resistência, preparar a alternativa», nomeadamente o reforço da unidade sindical em torno da CGTP-IN. Foi ainda decidida a realização de um novo Encontro Nacional de Sindicalistas, no próximo mês de Outubro.

Definindo o campo sindical como uma das componentes essenciais em que se terá que aliar a construção do socialismo, a UEDS defende a criação de condições de operacionalidade para o aparelho sindical o que implica a substituição do conflito partidário pelo debate ideológico e unidade de acção das forças interessadas no socialismo.

Neste sentido, a luta contra os sindicatos paralelos deverá ser travada nos locais de trabalho, nas pequenas acções de empresa, através de esclarecimen-

tos, debates, e reforço unitário. A UEDS defende um aliarçar do Movimento Sindical nos núcleos sindicais de base e nas suas estruturas próprias, autónomas dos partidos, e que deverão ser articuladas através das comissões sindicais com as direcções.

Para a constituição de um Movimento Sindical forte a UEDS defende uma recomposição dos actuais sindicatos a nível das suas estruturas. Neste sentido, a crítica ao capitalismo deverá passar pela forma como este deteriora o quotidiano dos trabalhadores, quer nos locais de trabalho, quer nas suas próprias casas.

A UEDS considera que a degradação das condições de vida e de trabalho são um factor negativo para a luta pela democracia, porquanto aumentam os factores de desmobilização popular, criam condições para lutas estritamente economicistas e favorecem acções desesperadas.

O Movimento Sindical deve ainda levantar a questão da condição familiar dos trabalhadores e do papel da mulher na sociedade e ainda o problema do ensino, sendo o combate ao analfabetismo uma tarefa prioritária do movimento, uma vez que um milhão e setecentos mil analfabetos é um número demasiado elevado para que se possa ficar alheio à questão.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Jornalistas voltam a ter "Jornalismo"

«Após sete anos de pausa» (lê-se numa breve nota de apresentação) reapareceu «Jornalismo», órgão do Sindicato dos Jornalistas.

Ainda da nota de apresentação:

«Câra nova e mais do que isso: músculos diferentes e mais ambições...»

A revista tem um objectivo: ocupar o lugar vazio de uma publicação dedicada a temas de comunicação social.

Conteúdo deste número (número de excelente apresentação

gráfica): uma entrevista com Hervé Bourges, da Escola de Jornalismo de Lille; história da vida do SJ, da autoria de Norberto Lopes; «Não à política do chuto», de Vítor Santos; «Casa da Imprensa — futuro sem futuro?», artigo de Rodrigo Pinto; uma mesa-redonda sobre «Imprensa Pública, Imprensa Privada»; o «I Encontro de Jornalistas dos Países de Língua Portuguesa»; por Acácio Barradas; documento do SJ sobre o «Projecto de Bases Gerais de Política de Informação da SECS»; uma

crónica de Carlos Pinhão («Da minha janela virada pro bar»); etc.

Director de «Jornalismo»: Cáceres Monteiro. A comissão consultiva é constituída por Alexandre Manuel, João Vaz, Adelino Gomes, Carlos Pinhão e José Antunes.

JOAQUIM LETRIA NO CONSELHO DE IMPRENSA

O jornalista Joaquim Letria é o novo representante do Sindicato dos Jornalistas no Conselho de Imprensa, ocupando a vaga deixada pelo jornalista Carlos Veiga Pereira, presentemente a exercer as funções de adjunto do secretário de Estado da Comunicação Social.

A eleição processou-se na sede do Sindicato dos Jornalistas, tendo entrado na urna 33 votos válidos. Não houve votos nulos, nem tão pouco se registaram abstenções.

Letria foi o único candidato àquele lugar, sob proposta do Sindicato dos Jornalistas, dado que, dentro do prazo previsto, não foram apresentadas outras listas.

«O DIÁRIO» EM TRIBUNAL

Prossegue amanhã o julga-

mento em que «O Diário» e seu por alegado abuso de liberdade de imprensa, no 8.º Juízo Correccional da Boa Hora. Os queixosos (os principais) são um antigo administrador saneado da Petrosul, Manuel de Castro, e o juiz Hugo Barata.

"África" em Évora

A revista «África», dirigida por Manuel Ferreira, é apresentada esta noite (21 e 30) em Évora, na Livraria Popular Bento de Jesus Caraça.

Estarão presentes dois dos seus articulistas: Fernando Martinho e Mário Barradas.

"Alchemist" deve ficar esvaziado depois de amanhã

«Embora não tenhamos ainda uma certeza, dada a complexidade dos trabalhos em curso, é possível que a operação termine na tarde da próxima quinta-feira» — afirmou esta manhã ao «DL» o almirante Garcês de Lencastre, coordenador da operação de recuperação dos produtos químicos existentes a bordo do navio «Alchemist Emden», iniciada, conforme temos vindo a noticiar, na passada quarta-feira.

De acordo com a mesma fonte, os trabalhos de bomba-

gem, parados desde as primeiras horas de domingo, iniciaram-se hoje com a retirada das primeiras doses pertencentes às 800 toneladas de acetona ainda armazenadas nos tanques do navio.

Recorde-se que os testes feitos aos produtos já bombeados determinaram que apenas 148 toneladas de «hexana», se encontravam deterioradas, pelo que foram transferidas, como refugo, para a refinaria da Petrosul.

Mensário de Almada regressa em formato tablóide

Após uma párgem forçada de três meses reapareceu em formato tablóide o mensário «Almada ontem, hoje, amanhã», de que é director o nosso camarada de Imprensa Alfredo Canana.

Lançado em Outubro de 1977, como revista, de que foram publicados quatro números, e tendo como estatuto editorial o Código Deontológico dos Jornalistas, «Almada ontem, hoje, amanhã» transformou-se agora em jornal, procurando assim sobreviver sem trair os princípios que se propôs cumprir e o programa que pretendia realizar.

Apresentando-se com maior impacto, o jornal debate os problemas que preocupam as popu-

lações da Outra Banda, entre os quais se destacam o dos transportes colectivos, tratados em reportagem («Pagamos caro e somos mal servidos»), o flagelo da droga nas escolas e a actualidade do teatro amador, para além de temas como o associativismo, desporto, saúde, tauromaquia, arte e letras, espectáculos, etc., e um curioso artigo sobre o «Punk Rock».

Como órgão aberto a todos que se interessam pelo progresso da Margem Sul e suas populações, o jornal recebe de bom grado colaboração. Basta escrever para o Apartado 37, Cova da Piedade.

JOÃO LIMA EM S. TOMÉ

Parte na próxima quinta-feira para S. Tomé o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, João Lima, que naquele país vai presidir à delegação portuguesa na primeira reunião da Comissão Mista Luso-Tomeense.

João Lima vai propor ao governo de S. Tomé a assinatura de novos acordos de cooperação entre os dois países.

Segundo declarações daquele secretário de Estado à ANOP, vai ser proposto um trabalho conjunto prevendo o acabamento da estrada de cintura de S. Tomé, a modernização do aeroporto e a

construção de dois portos de mar. Portugal colaboraria auxiliando o governo de Manuel Pinto da Costa a conseguir os financiamentos para as obras, encarregando-se depois empresas portuguesas da execução dos trabalhos, aproveitando a mão-de-obra local.

Segundo decisão do Governo português anunciada por João Lima foi decidido desviar algumas verbas de cooperação para subsídios à TAP, de forma a que uma nova carreira aérea passe por S. Tomé uma vez por semana.

Asfalto para Santa Catarina

FUNCHAL, 11 — Um novo tipo de asfalto está a ser testado em diversas ruas desta cidade com vista às obras de repavimentação do Aeroporto de Santa Catarina.

Para o efeito encontra-se no Funchal o navio dinamarquês «Saraili». A descarregar 645 toneladas de asfalto que se destina a ser utilizado naquela obra, cujos trabalhos se devem iniciar em breve.

Função Pública "movimenta-se" por salários e legislação

Os trabalhadores da Função Pública da Zona Sul, ontem reunidos em Assembleia Geral do seu sindicato decidiram vincular a direcção, em unidade com as restantes direcções sindicais do sector, repor em Outubro a questão salarial de forma a discutir com os trabalhadores uma proposta a negociar com o Governo antes da aprovação, na Assembleia da República do Orçamento Geral do Estado.

Das quatro propostas apresentadas naquela AG relativas ao ponto mais importante da Ordem de Trabalhos, acabaria por ser aprovada a da direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul.

De acordo com essa proposta, o sindicato irá exigir do Governo que apresente à Comissão Sindical Negociadora para discussão, até ao início de Setembro, as propostas concretas, relativas à revisão do Estatuto de Aposentação, subsídio de morte, pensão de sobrevivência e actualização das pensões de reforma que constituem pontos ainda pendentes da Proposta Reivindicativa Comum (PRC).

Com a aprovação da proposta, a direcção ficou também mandatada, para, de acordo com posições já assumidas em plenário de direcções sindicais e atendendo às sugestões dos trabalhadores, utilizar a negociação da revisão do Estatuto Disciplinar, exigindo do Governo

garantias quanto à obrigatoriedade máxima da sua vigência até à aprovação da Lei de Bases.

Outra exigência a ser feita ao Governo: que entregue, até ao início de Agosto, o diploma sobre Direitos de Exercício Colectivo, repudiando a posição do delegado governamental na recente Conferência da OIT sobre liberdade sindical e processos de determinação das condições de emprego na Função Pública.

Ainda dentro do mesmo ponto da Ordem de Trabalhos a direcção ficou vinculada à apresentação à classe até Setembro, na posição do plenário de direcções sindicais sobre o diploma dos Direitos e Exercícios Colectivos e a restante matéria que integra a Lei de Bases de forma a que

possa ser discutido pelos trabalhadores e posteriormente negociado com o Governo até ao início da próxima sessão legislativa.

Noutro ponto, foi exigida a publicação urgente do Diploma de Correção de Anomalias rectificado de acordo com as críticas já apresentadas pela CNS garantindo a sua posterior extensão a categorias agora não contempladas.

Por fim, os sindicatos exigem que o Governo cumpra o compromisso assumido pelo secretário de Estado da Administração Pública de discutir previamente com os sindicatos todas as matérias sobre as quais venha eventualmente a legislar ao abrigo da autorização concedida pela Assembleia da República.

Panasqueira paralisa a 13 e 14

Foi adiada para os dias 13 e 14 a greve dos trabalhadores das Minas da Panasqueira a fim de poder ser cumprido o prazo legal que medeia a entrega do pré-aviso e o início da greve.

O atraso de um dia deve-se à permanência mais prolongada em Lisboa, da comissão intersindical, que aqui se deslocou na semana passada para tentar junto do Governo ultrapassar a situação.

Os mineiros poderão vir a ocupar o fundo da mina no dia 14, forma de luta que será discutida num plenário no dia 13, portanto, já durante a greve.

Os trabalhadores aguardam uma resposta ao pedido de audiência ao Primeiro-Ministro ou a alguém a ele ligado, apresentado pela comissão intersindical da empresa no sábado à noite, no Gabinete de Mário Soares. Os trabalhadores solicitaram a audiência até ao dia 14.

Ontem, a comissão intersindical reafirmou à Administração por telex, que continuava aberta ao diálogo para se obter uma solução.

A C.I. decidiu também enviar hoje telegramas ao ministro do Trabalho, Presidente da República e Conselho da Revolução no sentido de se encontrar solução para o conflito.

Entretanto os trabalhadores perguntam que interesses moverá uma Administração que prefere perder o valor de dois dias de paralisação a chegar a acordo com os trabalhadores o que, em dinheiro, lhe ficaria muito mais barato.

Novos corpos gerentes nos Metalúrgicos de Castelo Branco

O Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Castelo Branco tem novos corpos gerentes desde o passado fim-de-semana, data das eleições.

Uma única lista, resultante da fusão das duas que inicialmente concorreram, de características unitárias e afecta à Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses, Inter-sindical Nacional, se apresentou às eleições. A nova direcção é presidida por António Gaspar Raposo, que já exerceu as mesmas funções na direcção cessante.

Votaram 1020 trabalhadores, ou seja, cinquenta por cento dos eleitores do sindicato, em assembleias de voto distribuídas por Belmonte, Castelo Branco, Fundão, Cernache do Bom Jar-

dim, Covilhã e Minas da Panasqueira.

CT UNITÁRIA NA PLESSEY

Os trabalhadores da Plessey Automática Elétrica Portuguesa elegeram a sua nova comissão de trabalhadores. Venceu as eleições a lista unitária A, com o lema «Pelas conquistas de Abril», que obteve 1283 votos contra 890 da outra lista concorrente, a B, que se apresentou sob a sigla «Por uma comissão de trabalhadores democrática, ao serviço dos trabalhadores».

Registaram-se 250 votos em branco e 120 nulos. Votaram 2543 dos 3477 trabalhadores da empresa.

MANOBRAS DILATÓRIAS NO CCTV

Metalúrgicos apoiam possíveis formas de luta

Os delegados sindicais do sector de metalurgia e metalomecânica do distrito de Lisboa, reunidos na sexta-feira, decidiram «denunciar e repudiar as manobras dilatórias do grande patronado em relação ao CCTV» respectivo.

Essa a razão por que, no referido plenário, foi afirmada claramente «a sua disposição de lutar intransigentemente pela rápida solução deste problema, manifestando desde já o seu inteiro apoio às formas de luta que, com esses objectivos, venham a ser definidas pela Comissão Sindical Negociadora».

Além disso, os delegados sindicais decidiram «saudar a CGTP-IN, bem como a Federação dos Sindicatos dos Metalúrgicos, pelas iniciativas que pretendem realizar para o reforço da unidade, organização e acção dos trabalhadores portugueses em geral e dos metalúrgicos em particular». Trata-se de referências à Conferência Nacional de Organização Sindical e do Congresso de Metalurgia e Metalomecânica, promovidos respectivamente pela CGTP-IN e pela Federação dos Metalúrgicos.

Noutros pontos, os delegados sindicais da metalurgia e metalomecânica apoiam e lutam pela defesa da Reforma Agrária, das nacionalizações e controlo operário, defesa das liberdades sindicais e democráticas, criação de melhores condições de vida para o povo.

A moção a que nos referimos reafirma a vontade de «defender intransigentemente as conquistas de Abril, de contribuir de forma activa e criadora para a resolução dos graves problemas que o País atravessa, exigindo para tanto que os órgãos do Poder tenham sempre em conta as propostas e sugestões apresentadas pelos trabalhadores através das suas organizações de classes e não continuando, como tem acontecido, com a política do «facto consumado».

APOIO À DIRECÇÃO

Noutra moção, os delegados sindicais decidiram manifestar a sua solidariedade e apoio à direcção, a propósito de acções que venha a tomar relacionadas

com o despedimento de vários funcionários ocorrido em 1975 e cujo julgamento agora decorre.

Esses despedimentos resultaram de tentativas de assalto às instalações do Sindicato da Metalurgia e Metalomecânica do distrito de Lisboa e noutros casos de actuação reaccionária e colaboração com algumas entidades patronais, segundo acusações formuladas.

O julgamento do caso tem proporcionado o empolamento, a deturpação, o aproveitamento político e os inimigos da classe poderão «servir-se de mais este caso como meio de divisão dos trabalhadores». Daí o apelo ao reforço da unidade, formulada pelos delegados sindicais.

COM GRANDE ADESAO

Cometna paralisou ontem por pagamento de salários

A adesão à paralisação efectuada ontem de manhã pelos trabalhadores da Cometna rondou os 73 por cento, segundo informações prestadas pela respectiva Comissão de Trabalhadores. A maior percentagem foi verificada na unidade da Amadora (98 por cento) contra os 86 por cento registados em Palmela e os 35 por cento na sede, em Lisboa.

A paralisação dos trabalhadores da Cometna foi motivada pelo não pagamento dos salários referentes a Junho, consequência, por sua vez, do boicote da banca no que respeita ao cumprimento de uma resolução do Conselho de Ministros que prevê a concessão de um financiamento intercalar para reequilíbrio de tesouraria.

Os trabalhadores efectuaram plenários durante o período de paralisações, tendo aprovado uma moção em que se admite a possibilidade de virem a concentrar-se junto ao Ministério da Indústria e Tecnologia exigindo uma decisão rápida do Governo no sentido de ser normalizada a vida da empresa.

Reconhecem os trabalhadores, nesse documento, a necessidade de uma coordenação de

esforços mais largos passando pelo acompanhamento da questão por parte dos sindicatos, aí incluída a CGTP-IN.

Como já noticiámos, os atrasos agora verificados no pagamento de salários não acontecem pela primeira vez na Cometna. O mesmo tinha acontecido com os salários de Maio, registando-se um atraso de duas semanas.

A situação na Cometna resulta inteiramente da sua situação financeira, uma vez que a carteira de encomendas é boa, ou seja, superior a um milhão de contos.

A resolução do Conselho de Ministros a que nos referimos, contempla algumas das pressões manifestadas pelas estruturas representativas dos trabalhadores: aumento do capital social da Cometna e uma profunda reestruturação da empresa.

No entanto, como assinalámos, divergências (boicote) por parte da banca, têm vindo a contribuir para o agravamento da situação que poderá ter consequências bastante negativas para uma das grandes empresas portuguesas do sector de metalomecânica pesada.

TEATRO ABERTO

telefone 77 02 62
PRAÇA DE ESPANHA (Metro: PAIHAVA)

grupo 4

APRESENTA

3as, 4as, 5as e 6as FEIRAS: ÀS 21.45
SÁBADOS: 20.30 e 23 HORAS
DOMINGOS: 16 e 21 HORAS
Em 3.º Mês

a sátira musical

O caso da MÃOZINHA MISTERIOSA

UM CASO SÉRIO (DE MORRER A RIR) COM:

HENRIQUETA MAYA	PAULO DE CARVALHO	FERNANDO TORDO	RUI MENDES
MORAIS e CASTRO	LUISA BASTO	PEDRO OSÓRIO	HELENA ISABEL
FERNANDA COIMBRA	CARLOS GONÇALVES	ALVARO FARIA	ADELAIDE FERREIRA
PAULO GODINHO		MANUEL MENDONÇA	



ESPECTÁCULO NÃO ACONS. MEN. 13 ANOS

SUBSÍDIO do S.E.C.

VEJA NOVAMENTE O FILME
QUE INAUGUROU ESTE CINEMA

UMA COMÉDIA ALUCINANTE!



Barbra Streisand
Ryan O'Neal
em
QUE SE PASSA
DOUTOR?
(What's Up Doc?)

Uma produção PETER BOGDANOVICH
BARBRA STREISAND - RYAN O'NEAL - WHAT'S UP DOC? A Peter Bogdanovich Production
Co-Starring KENNETH MARS - AUSTIN PENDLETON - SORRELL BOORE - MICHAEL MURPHY
And introducing MADELINE KAHN - Screenplay by Buck Henry and David Newman & Robert Benton
Story by Peter Bogdanovich - Directed and Produced by Peter Bogdanovich - TECHNICOLOR
3.ª From Warner Bros. A Warner Communications Company

SEMANA DE EXITO CASTIL

Em OLHÃO o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA MODERNA

O "DL" DIVULGA MANIFESTO DE RECLUSOS A PROPÓSITO DO SISTEMA PRISIONAL

O «Diário de Lisboa» divulga hoje, em primeira mão na imprensa de grande expansão, um manifesto à opinião pública sobre a situação nas cadeias portuguesas, originalmente publicado no número especial de Abril do «Reflexo», jornal dos reclusos de Alcoentre.

Redigido por presos de delito comum internados num outro estabelecimento prisional, o texto que agora divulgamos destinava-se a circular sob a forma de um panfleto nas prisões portuguesas e a ser distribuído em algumas cidades do País: acabou por ser acolhido nas páginas do «Reflexo», mais precisamente no seu sétimo e último número — visto que a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais decidiu suspender, desde então, a sua publicação.

Naturalmente não alterámos o texto original senão para lhe

introduzirmos aqui e ali ligeiras correcções de português. Ape-nas os subtítulos são da responsabilidade da Redacção do «Diário de Lisboa».

Com a publicação deste manifesto, pretende o «DL» prosseguir o esforço no sentido de fornecer à opinião pública materiais de reflexão sobre a situação concreta dos presos em Portugal e sobre o nosso sistema prisional que, como sublinhámos na nossa edição do passado dia 5, não conhece reforma desde 1936.

A recente greve da fome de poucos menos de duzentos reclusos de Alcoentre, que se desenrolou entre os passados dias 29 e 6, e que já deu origem a um inquérito sob responsabilidade de técnicos do Ministério da Justiça, Provedoria da Jus-

tiça, e Ordem dos Advogados, constituiu um alerta lançado à distração do «homem da rua» e dos serviços competentes.

Mas seria cegueira permitir que os breves momentos de atenção então concedidos por alguns órgãos de Comunicação Social, com destaque para o «DL», à situação dos presos nas cadeias portuguesas não tivessem seguimento — quer através da divulgação que se espera para breve, dos resultados de tal inquérito, quer através de um esforço de informação mais persistente e continuado.

Se o assunto, como sempre tem acontecido, recair no esquecimento, não tardará que a opinião pública seja de novo apenhada desprevenida por nova crise ou novos incidentes de consequências porventura mais graves do que os que recentemente se desenrolaram em Vale de Judeu.

"É o teu dinheiro, com que pagas os impostos que está em causa"

«Amigos cidadãos:

Vós, como membros da Sociedade Portuguesa, tendes por obrigação de saber para onde vai o vosso dinheiro, com que papai os vossos impostos. Parte desse dinheiro destina-se à manutenção e recuperação da criminalidade.

O que é que os serviços da Justiça fazem com ele? A resposta é deveras simples: nada... Como todos vós sabeis o Ministério da Justiça tem a seu cargo a «recuperação» dos que tiveram a infelicidade de delinquir. Mas, na realidade, não recuperam ninguém, pelo contrário, fomentam a criminalidade.

Perguntais, amigos cidadãos, por que existe no nosso País tanta criminalidade? Hoje sois um homem ou uma mulher livre, no pleno uso dos vossos direitos; mas o amanhã ninguém sabe. Hoje somos nós os reclusos, amanhã, poderéis ser vós. É tão fácil vir cá parar... Uma discussão, uma troca de socos, uma morte acidental, eis a prisão.

Que recuperação o Ministério da Justiça pratica? Nenhuma. Fomenta a criminalidade. E, depois, apregoam que a criminalidade sobe devido às condições de vida. Fazem colóquios, palestras, congressos, estudos, etc., etc. Esbanjam o vosso dinheiro, e a criminalidade continua e continuará a aumentar.

Não caros, amigos, nós, reclusos, somos produto de um sistema podre e corrompido, onde

em vez de contribuir para a nossa recuperação, para bem da sociedade e de nós próprios, o Ministério da Justiça, com os seus departamentos, sub-departamentos e contra-departamentos e não sei que mais, esbanja o vosso dinheiro para outros fins que não a recuperação, porque se administrasse bem o erário público, de certeza que a criminalidade diminuiria.

Sabeis, caros amigos, que as cadeias portuguesas (na maior parte) são um foco de criminalidade? Onde o melhor homem, apesar do crime que praticou, ao sair para a liberdade, sai pior do que entrou? Porque alguns directores e seus subalternos, têm especial interesse nisso. Porque raros são aqueles que têm fortuna própria e não é com magro ordenado de funcionário público, que têm quintas prédios, empresas de táxis, estabelecimentos, carros de aluguer, etc., etc, e que vieram para estes serviços sem um tostão nas algibeiras, com uns fundinhos nas calças. À custa de quem os têm então? Do vosso dinheiro, produto do vosso trabalho e à custa da exploração do homem pelo homem; exploram o trabalho daqueles que tiveram a infelicidade de delinquir pagando-lhes uma miséria de, ordenado: 10\$00 por dia no mínimo e 35\$00 no máximo, onde o ordenado é dividido em duas partes (uma para o fundo disponível

e outra para o fundo de reserva) para quando for colocado em liberdade.

Muita miséria haveria a apontar, desde que o indivíduo é apanhado na Polícia ou na GNR, até à sua saída em liberdade.

Sabeis que as nossas mães, pais, esposas, filhos avós e demais parentes e amigos, para visitar o seu ente querido ou amigo são vexados constantemente, provocando a desunião entre a família e amigos? Desde o fazer despir as roupas íntimas, até ameaçarem de lhes bater?

Sabeis quanto é que o preso tem para alimentação? 45\$00, para três refeições. A sua esposa ou a senhora, com 45\$00 consegue confeccionar três refeições?

Sabeis que o recluso ao entrar na Cadeia, vem com sinceras intenções de cumprir, a sua condenação e a sua recuperação social e sai daqui, revoltado e com intenções de se vingar na sociedade, que não os ajudou? Sabeis que nas cadeias não existem cursos de valorização, para que o recluso no dia de amanhã ao sair para a liberdade, possa levar uma vida honesta, e sem recair de novo no crime? O recluso podia sair, com um curso de rádio e TV, curso de Inglês, Francês ou outra língua, curso de desenho de construção civil ou de máquinas, etc., etc.

O QUE NOS ENSINAM

Sabeis o que na falta dessa valorização pessoal e profissional o que nós reclusos aprendemos? Como havemos de roubar o teu carro, como neutralizar o alarme do teu carro, da tua casa, do estabelecimento ou escritório. Como havemos de assaltar o teu escritório, como se assalta um banco ou uma ourivesaria, como se passa um cheque falso, como havemos de burlar. Tudo se aprende, até a vingança pessoal, daqueles que por vezes nos atiram para estas casas.

Alguns directores das cadeias e seus subalternos incutem dissimuladamente e por vezes até descaradamente, no espírito do recluso a revolta contra a sociedade, pois, a nossa passagem é sempre de violência, não porque o queiramos, mas porque, somos levados a isso, pela própria atmosfera em que se vive.

Não caro amigo. Reconhece-

mos que na maioria dos casos, prevaricámos conscientemente, mas na finalidade somos uns «doentes» que precisam da tua ajuda e compreensão a fim de contribuirmos para a nossa recuperação social. Se te é possível vê se consegues visitar uma cadeia, para veres «in loco» o que é a recuperação nestas casas.

Não é nem nunca será com a tua apatia, que conseguirás ver diminuir a criminalidade.

Pagas os teus impostos, como nós já os pagamos, o teres o direito e dever de exigir e saber, o que fazem nestas cadeias em prol da recuperação dos teus familiares, amigos ou desconhecidos.

Sabes, caro amigo, que hoje em dia (estamos crentes) existem mais presos do que antes do 25 de Abril de 1974?

Sabes que cerca de 16 mil pessoas, dependem de 4 mil ou 5 mil homens e mulheres que estão presos?

A SAÍDA EM LIBERDADE

Sabes quanto é que o recluso pode levar no dia da sua saída para liberdade? 500\$00 ou 1000\$00 (que lhe são dados pela assistência social, quando dá) mais 3 ou 4 mil escudos do seu fundo de reserva. Para quanto tempo chegará este dinheiro? 15 dias, três semanas? Para um homem que esteve encarcerado durante anos e se viu privado de tudo, desde o fumar até ao problema sexual!

Após gastar este dinheiro, com o aluguer de um quarto, alimentação, vestir e calçar, sem uma colocação, porque a sociedade se recusa a aceitar um ex-preso, e sem uma valorização profissional com que se defende, o que vai fazer quando se acabar o dinheiro? É lógico que volta a roubar, a burlar e a matar para no fim regressar a estas casas, para continuar a manter os lugares destes funcionários, para que continuem a explorar o trabalho prisional; para seu proveito. As prisões, após a implantação da «democracia», continuam a ser iguais ou talvez ainda pior que no regime fascista. A maneira peculiar como o nosso País passou do fascismo para esta «democracia» faz com que as prisões portuguesas estejam

praticamente na mesma e sigam os mesmos métodos, com os mesmos funcionários do tempo da ditadura. O fascismo não só mantinha uma filosofia pessimista sobre o recluso como outorgava plenos poderes aos funcionários para manterem a disciplina dentro das cadeias. A base desta disciplina consistia e consiste no terror e na corrupção dos próprios presos, com frequentes casos de violação dos mínimos direitos do Homem e nos privilégios conseguidos aos delatores. Tudo isto é uma mancha na consciência da Democracia Portuguesa, que sinceramente desejamos ver extirpada.

A repressão sistemática gera a revolta e esta a violência. Porque: **quem se alimenta do mal, não pode desejar o seu fim senão por hipocrisia.**

Temos uma Assembleia da República que foi eleita pelo Povo. E a voz livre do povo ou somente (como disse um deputado) «uma casa de teatro, onde o povo, escuta vozes que parecem suas e não são»... Nos órgãos de Informação foi dito que na Assembleia da República, iriam debater o Código Penal e o Processo Penal e já lá vão dois anos e tal, e estes continuam no fundo da gaveta, porque não lhes interessa debater estes códigos, mas sim «lavar a roupa suja» que não interessa a ninguém e muito menos ao povo português. E muito mais haveria a dizer. Resultado deste caos: polícias mortos, civis, mulheres sem o seu chefe de família, filhos na orfandade, mães e esposas na miséria, esposas ou companheiras que se prostituem, outras que abandonam os seus maridos, para gáudio de determinados indivíduos que se «alimentam» da infelicidade daqueles que caíram nestas casas, por vontade própria ou por força das circunstâncias.

Este é um grito de alarme para ti caro amigo ou amiga.

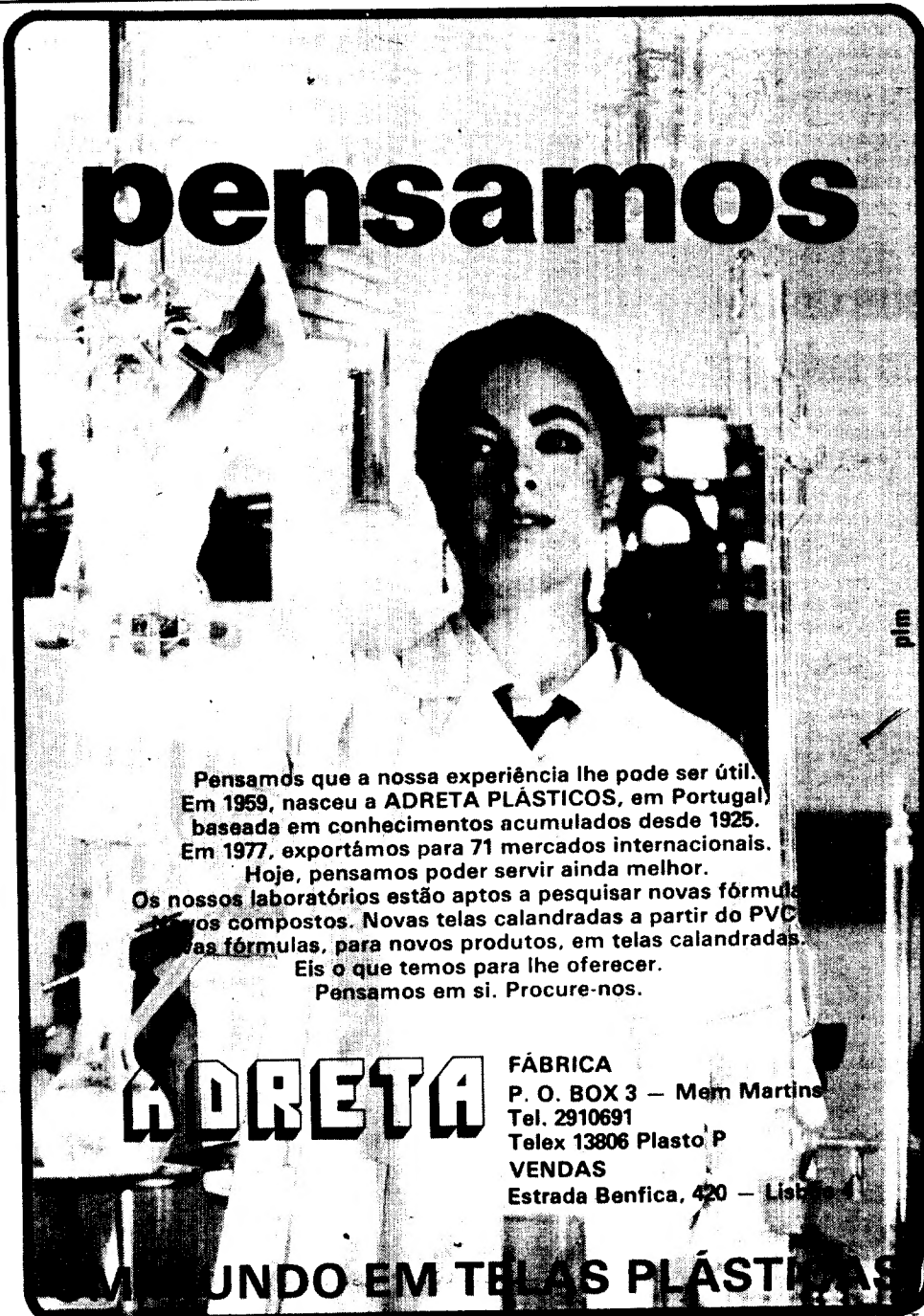
QUEREMOS A NOSSA RECUPERAÇÃO

Indirectamente estás a ser «espoliado», pela Administração da Justiça, que esbanja o teu dinheiro, para uma recuperação que não existe.

Caro amigo ou amiga, depois da leitura deste panfleto (que muitos de nós nos cotizámos para mandar imprimir, privando-nos e sacrificando os nossos familiares) para te dar a conhecer a podridão em que vivemos, agradecemos-te que o passes a um amigo ou amiga, para que o leia, e comente, porque dessa maneira estarás a contribuir para acabar com as prepotências dos serviços do Ministério da Justiça, que nada fazem em prol da recuperação daqueles que delinquiram.

Esperamos que nunca venhas a conhecer estas casas na situação em que estamos.

Queremos sim na nossa recuperação social mas queremos, acima de tudo, ser tratados como seres humanos e não como uns números.



pensamos

Pensamos que a nossa experiência lhe pode ser útil. Em 1959, nasceu a ADRETA PLÁSTICOS, em Portugal, baseada em conhecimentos acumulados desde 1925. Em 1977, exportámos para 71 mercados internacionais. Hoje, pensamos poder servir ainda melhor. Os nossos laboratórios estão aptos a pesquisar novas fórmulas e novos compostos. Novas telas calandradas a partir do PVC e as fórmulas, para novos produtos, em telas calandradas. Eis o que temos para lhe oferecer. Pensamos em si. Procure-nos.

ADRETA

FÁBRICA
P. O. BOX 3 — Mem Martins
Tel. 2910691
Telex 13806 Plasto P
VENDAS
Estrada Benfica, 420 — Lisboa

MUNDO EM TELAS PLÁSTICAS

CURSOS DE VERÃO
EXAMES 2.ª ÉPOCA

EXTERNATOS

Marquês de Pombal
Rua Moreira Soares, 93
Tel. 820221/834658

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — T. 706974/5

PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

Tribunal de Polícia

MÁRIO CASTRIM

A arte do convívio

Ai o senhor é dos jornais? Pois então eu vou contar tudo ao senhor como se passou. Foi assim. Pode crer que eu só digo a verdade, sou amiga do réu, mas também sou amiga de todos, só que o senhor guarda à paisana é um bocado nervoso, está a perceber? Enfim. Bem. O réu estava lá no nosso clube de convívio e o conjunto começou a tocar uma música choné, vai ele disse para uma minha amiga: «Vamos dançar que esta é nossa». Estava lá outro amigo da casa que lhe diz assim: «Passe-me para mim, com essa não se aguenta você». O outro, o outro é o réu, aquele que está ali sentado, penso que o outro lhe estava a chamar fabricante de painéis e começaram a discutir, mas como quer um, quer outro são pessoas muito finas, lá se entenderam. É aqui, está a perceber, que entra o guarda à paisana que estava lá e começou a disparatar, a dizer umas coisas ao réu, o réu a dizer umas coisas a ele, olhe, pegaram-se foi um sarilho. Nisto eu vejo o guarda puxar da pistola e então eu grito, vão chamar a polícia, a polícia pede a pistola ao guarda, o guarda diz que também é polícia e metem o réu na carrinha e eu também quis ir para contar tudo como se tinha passado e que foi tal qual como há

bocado expliquei ao senhor doutor juiz.

«O senhor, que é o réu é um senhor muito respeitável, muito honesto, um bocado nervoso, tem uma úrsula no duodeno, não conheço ninguém mais amigo da mulher e dos filhos. Ora diga-me lá, sim, qualquer pessoa vê isto, se ele não fosse uma pessoa honesta e de confiança o Governo ia emprestar-lhe uma data de milhares de contos para um hotel? Milhares de contos não se emprestam a um qualquer, este senhor conhece muito de turismo e essas coisas todas, era a vida dele em Angola, o hotel dele vai ser uma coisa importante, isso posso-lhe garantir eu. Tudo o que lhe disse é verdade, ele não merecia estar aqui, mas os guardas chegam aqui e dizem o que lhes apetece, olhe, pior estou eu que fiquei desempregada, o patrão do clube de convívio, sabe, aquilo é uma «bolte», os fregueses até têm um cartão, é assim uma coisa pró fino, o patrão já me despediu por eu ser testemunha contra o guarda à paisana. Então há direito, mais isto, mais aquilo, coisas sem importância e puxa-se da pistola?

«Sindicato? Isso não temos. Sabe, as perguntas mudam tanto de casa... Mas não estou pre-

ocupada. Ora. Uma empregada de mesa nova e bonita, as coisas são mesmo assim, depressa arranja trabalho. Isto tudo passou-se às quatro horas da manhã. Só tenho pena é não ter podido encontrar um capitão meu amigo, se não isto levava outra volta. Sim, porque eu tenho montes de amigos nas autoridades.

«Mas como eu lhe estava a dizer, o guarda à paisana é um bocado nervoso. Não vamos mais longe. Esta pequena aqui é modista e o homem dela é empregado num bar e não gosta que ela vá às «boltes», enfim, lá tem as suas razões. Um dia, ela foi visitar-me ao clube, nós somos amigas. Telefonaram ao marido, ele vai lá e dá-lhe uma galheta. Estava no seu direito, não é verdade? pois o guarda à paisana atira-se à pancada a ele!

«De maneira que é assim.»

REVELA O COMANDO DA PSP Incidentes de Coimbra provocados por agitadores profissionais

Segundo um comunicado do comando distrital da PSP de Coimbra, os incidentes registados no decurso da procissão solene do regresso da imagem da Rainha Santa, no domingo, ao convento de Santa Clara, foram provocados por «agitadores profissionais» com o «propósito deliberado de impedir ou diminuir o brilho» daquele acto religioso. Ainda segundo a PSP, este propósito «obedeceu a planificação e organização prévias, dada a simultaneidade dos incidentes verificados em locais diferentes».

Os incidentes consistiram no lançamento de pequenos engenhos pirotécnicos, bombas de rabi, da quadra carnavalesca, que, «não sendo em si mesmos perigosos», geraram o pânico, pois foram acompanhados da

propagação do boato do rebentamento de bombas».

Na óptica da PSP, a multidão «manifestou justa indignação» e pretendeu «tirar desforço» das pessoas a quem era atribuída a autoria dos «actos atentadores da sua liberdade e sentimentos religiosos».

O comunicado refere ainda que «houve a intenção de transferir responsabilidades para inocentes» e que uma pequena multidão «manifestou o propósito de invadir a própria sede do Comando distrital».

Continuam as investigações «tendentes a descobrir e a possibilitar a punição dos perturbadores da ordem e daqueles que são incapazes de compreender e respeitar o sentimento religioso do povo português».

Transportes mais caros na Covilhã

COVILHÃ, 11 — A partir de hoje os transportes urbanos da Covilhã têm novas tarifas (mais caras). Por acordo entre a Câmara Municipal e a empresa concessionária. Foram estabelecidas quatro zonas na área urbana da cidade, sendo as tarifas de 3\$50 para as zonas 1 e 2 e de 4\$50 para as zonas 3 e 4.

Novos "campings" para o Algarve

ARMAÇÃO DE PERA, 11 — O turismo algarvio vai em breve dispor de mais dois parques de campismo situados a menos de um quilómetro da praia de Armação de Pera.

Os dois novos parques de campismo estão ainda em fase de instalação, mas devem ficar prontos ainda este ano, devendo começar a funcionar já no próximo mês de Agosto.

Que Ramiro Valadão o não faria?

Aconteceu há quinze dias (a urgência em recordar, aparentemente longe do evento, dado o hábito de certos homens em tornar a memória «coisa» curta): frente aos olhos de milhões de telespectadores ali estavam oitenta mil naturais de um país que a esmagadora maioria não «habita», não fora as bandeiras que diziam ser ali a Argentina. E de súbito o eclipse para oitenta mil bandeiras, ficando delas tão somente cem ou duzentas.

Duzentas bandeiras e um rosto: Videla. Duzentas bandeiras e o silêncio a rodear um símbolo manchado com o sangue de milhares de patriotas. Símbolo cujo nome ninguém gritou. Ou se o gritou, se alguém gritou «Viva Videla!», foi tão em surdina que o seu eco não penetrou nos retransmissores do Lumiar.

Lumiar que, no dia seguinte, via Telejornal das 20 horas, se «esmeraria» em espalhar os vivas a Videla a propósito das

«saudações populares» à vitória da terra das pampas no Mundial/78, gritados agora em espaço restrito por vinte ou trinta figurantes (torcionários, monopolistas, latifundiários), na sede de uma DINA qualquer, numa encenação forjada por uma qualquer Central Argentina da Informação.

Daí a pertinência (ainda) em perguntar: quantas Televisões (situemo-nos apenas na Europa), comerciais ou não, teriam tido o «arrojo» em fazer tal retransmissão? Quase apostaríamos que nenhuma ou tão poucas que os dedos de uma única mão seriam decerto suficientes para as enumerar.

Que Televisão (leia-se Ramiro Valadão) de Salazar ou Caetano o não faria? Decerto que o faria. E fê-lo... só que a quatro anos de distância (nacionalizada e tudo) se tem Valadão.

MANUEL GERALDO

Um novo espaço para a nossa expansão

Expandir é, também, dimensionar.

Por isso nos instalámos num edifício à medida das necessidades dos nossos clientes e do melhor serviço que lhes queremos prestar. Para além de 33 Dependências, com pessoal próprio, no Continente e Ilhas, de uma vasta rede de Agências em todo o país, e de ligações internacionais com o mundo inteiro, centralizámos todos os nossos serviços na nova sede na Rua Andrade Corvo, nº 19, em Lisboa.



novas instalações | Rua Andrade Corvo, 19 - Lisboa 1 | Telex 18362 - VIDA (junto ao metropolitano Picoas) | Tel. 578141 - Telegramas VIDA

VENDEMOS ANDARES

Nas melhores condições. Com entrada a combinar, em qualquer local seja qual for a sua disponibilidade financeira não deixe de consultar

57 82 31

— ANDARES
57 82 31 — MORADIAS
— PRÉDIOS
— TERRENOS

Predial Delma

AV. ANTÓNIO AUG. AGUIAR, 150-1.ª ESQ.
LISBOA

AMÉRICA LATINA

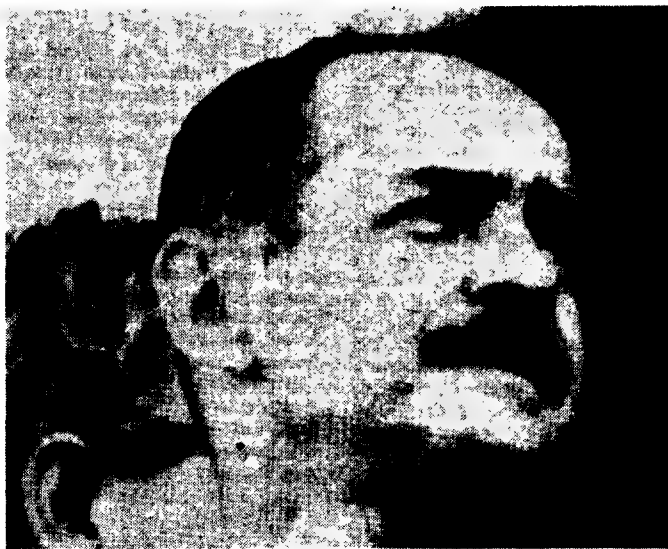
Bolívia: votos já contados são derrota para Banzer

O general Juan Pereda, candidato apoiado pela ditadura de Hugo Banzer, continua à frente na contagem dos votos nas eleições presidenciais do passado domingo, as primeiras realizadas na Bolívia há 12 anos, e que busca, fundamentalmente, oficializar o regime de força vigente no país. Entretanto, até agora, e apesar de todos os «preparativos» fartamente denunciados, Pereda ainda está bastante longe de um resultado que lhe dê a vitória de forma conclusiva.

A situação está assim: com os votos dos centros urbanos quase totalmente contados, o «delfim» de Banzer tem aproximadamente 40 por cento do total contra 34 por cento do seu principal opositor, o ex-presidente Hernán Siles Zuazo, duas vezes exilado pela ditadura de La Paz, seguindo-se outros cinco candidatos, todos antigovernamentais. Se esta percentagem se mantiver, Pereda não conseguirá alcançar a maioria absoluta de que necessita para ser eleito por sufrágio directo, passando a questão para o Congresso, de 138 membros, que escolherá o presidente da República entre os três candidatos mais votados.

Siles Zuazo, o segundo colocado, afirmou que os resultados até agora expressos confirmam claramente que o povo boliviano rejeitou a ditadura e que a coligação de direita não conseguirá controlar o Congresso. Ao mesmo tempo, pediu aos outros opositores para se juntarem à sua coligação do centro esquerda para assegurar a derrota de Pereda e garantir a eleição de um presidente oposto à ditadura banzerista que já vai em sete anos.

A maior parte dos votos das zonas rurais ainda está por contar, justamente nas áreas em que as denúncias de fraude, «desaparecimento» de urnas, falsificação de votos e maiores pressões para o voto no candidato oficial são maiores. Contudo, afirma-se que Pereda ainda poderá ter mais de metade dos votos, enquanto alguns observadores, em contrapartida, acreditam que a sua ascensão não são favas contadas, devendo mesmo ser confirmada pelo Congresso. Esta hipótese, caso seja confirmada, apagará todo e qualquer «brilho» que o seu mandato pudesse ter e provocaria, para já, uma cerrada oposição inicial à sua política. Sabe-se, por exemplo,



Hugo Banzer

que os sindicatos, os quais foram obrigados a ter uma actuação quase nula nestas eleições, estão apenas à espera da instauração de um regime constitucional para avançar com uma escalada de reivindicações salariais. Recorde-se que a Bolívia, sem acesso ao mar e dilacerada por mais de um século de violência política é uma das nações mais pobres e sacrificadas do Cone Sul da América Latina.

Nicarágua: volta à violência

Cinco estudantes foram mortos a tiro e mais doze pessoas ficaram feridas na cidade de Jinotepéc, de 17 000 habitantes, situada numa zona produtora de café ao Sul da Nicarágua, no último domingo. Os distúrbios começaram quando um grupo de adeptos do ditador Anastasio Somoza, cuja família está no Poder há 40 anos, começaram a disparar sobre uma escola ocupada pelos estudantes. Mais tarde, as tropas da Guarda Nacional atiraram sobre uma manifestação de protesto contra o ataque dos «somozistas» à escola, depois dos jovens terem atirado «cocktails Molotov» contra um dos jipes que transportava

a coluna. Os manifestantes estavam particularmente furiosos pelo facto de uma criança de quatro anos ter perdido quatro dedos da mão direita sob as balas dos simpatizantes do ditador. Entretanto, segundo a Cruz Vermelha, o número de vítimas nos tiroteios poderá ser maior. Muitas pessoas feridas preferiram remédios caseiros ao hospital, temendo represálias.

Entretanto, em Leon, 90 quilómetros a oeste de Manágua, 40 000 pessoas reuniram-se também no domingo para acolher os opositores do regime pertencentes ao «grupo dos doze», dez dos quais regressaram do exílio na passada quarta-feira.

EUROPA

Cancelada a Feira de Pamplona

A feira anual de Pamplona (imortalizada pelo escritor norte-americano Ernest Hemingway, no seu romance «Fiesta») foi ontem cancelada, na sequência de três dias de recontros entre a polícia e nacionalistas bascos, e que se saldaram por um morto e 150 feridos. Os organizadores cancelaram a feira, depois de o governo se ter recusado a satisfazer as suas exigências: demissão do alcaide da província e retirada de todas as tropas de choque.

Ressalvando os anos da guerra civil, é a primeira vez neste século que essa festa, famosa sobretudo pelas suas largadas de touros, é cancelada. Ontem à noite as ruas da cidade estavam silenciosas e quase desertas. «A Fiesta terminou», anunciava o comunicado da comissão organizadora. Pode dizer-se que em parte já estava estragada, pois no sábado, devido aos recontros registados, mais de 150 mil espanhóis e estrangeiros haviam abandonado a cidade. As ruas encontravam-se ainda pejadas de automóveis incendiados, estilhaços de montras e de janelas de bancos e estabelecimentos diversos. Ontem à noite voltaram a registar-se incidentes quando a polícia dispersou várias centenas de manifestantes que pretendiam arriar a bandeira espanhola do mastro do município. Também em Bilbao e San Sebastián se registaram recontros, tendo os manifestantes (que protestavam contra os incidentes de Pamplona) bloqueado as ruas com barricadas.

O funeral da vítima dos incidentes (German Rodriguez, de 27 anos) ficou assinalado ontem à tarde pela acção violenta da polícia que dispersou o cortejo com balas de borracha e granadas de gás lacrimogénico.

No seu comunicado, os organizadores da festa condenavam a polícia como «inimiga do povo» e afirmavam que o cancelamento das festas era uma decisão «triste» que poderia ter graves repercussões económicas.

Bebé-proveta em Londres dentro de três semanas

«Vai nascer, dentro de duas ou três semanas, o primeiro bebé proveta do mundo», anuncia o «Daily Express».

Segundo este diário, esta experiência foi tentada pelo ginecólogo inglês Patrick Steptoe e o fisiólogo Robert Edwards.

Este último, que ensina na Universidade de Cambridge atendeu o pedido de uma paciente que não podia ter filhos

e fecundou, em laboratório, com um espermatozóide do seu marido, o óvulo de outra mulher.

Feita a operação, o óvulo fecundado foi reintroduzido no ventre da mãe.

Têm falhado todas as experiências deste tipo, precisa o «Daily Express» mas desta vez a gravidez da mulher decorreu normalmente e o parto deve ocorrer dentro de duas a três semanas.

Política económica dos EUA censurada por H. Schmidt

O chanceler oeste-alemão, Helmut Schmidt, voltou a condenar a política económica dos EUA, declarando que o aumento das importações de petróleo pelos norte-americanos é a maior fonte de perturbação nas balanças comerciais e de pagamentos no mundo.

O chanceler acrescentou que



seria muito difícil conceber um plano no sentido de um conjunto mundial de políticas económicas complementares, se os EUA não fizessem sérios esforços para reduzir o seu défice. Segundo afirmou, a RFA já deu passos muito concretos para a melhoria da economia mundial, o que pode ver-se pelo facto de a cota-

ção do marco ter aumentado sensivelmente em relação a outras divisas.

Para o chanceler oeste-alemão, os temas mais importantes da próxima cimeira de Bona (conferência dos «ricos») são: a limitação das importações de petróleo e as medidas anti-inflacionistas dos EUA, a redução do défice de balança de pagamentos norte-americanos e a luta contra as tendências proteccionistas no comércio mundial. Schmidt manifestou-se relativamente pouco optimista quanto aos resultados da cimeira de Bona.

De facto, todas as reuniões deste tipo têm ficado sempre muito aquém das expectativas que criam. Recorde-se que na recente cimeira da CEE em Bremen os «Nove» não conseguiram chegar a acordo total sobre as linhas gerais do «novo sistema monetário europeu». Referindo-se ontem a essa cimeira, nos Comuns, o primeiro-ministro britânico, James Callaghan, parece ter remetido para as calendas gregas a concretização do novo sistema monetário, ao dizer que o seu país só entrará nele depois de ficarem assentes todos os

EUA/URSS

Cyrus Vance em Genebra para retomar as SALT

O secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, partiu ao princípio da tarde de hoje para Genebra, onde irá reencetar amanhã com o seu homólogo soviético, Andrei Gromyko, o arrastado diálogo EUA-URSS sobre limitação de armas estratégicas (SALT).

As negociações vão ser retomadas no momento em que no mundo ocidental se desencadeia mais uma campanha anti-soviética, a pretexto do julgamento de dois «dissidentes»: o escritor Guinzburg e o técnico de computadores Chitcharansky. O curioso é que há um terceiro «dissidente» que está igualmente a ser jugado e sobre o qual não se registam os mínimos comentários: trata-se de Anatoly Nikolaevitch Filatov, de 38 anos. O silêncio ocidental quanto a este caso tem uma explicação muito clara: é que Filatov confessou já e mantém a sua confissão que foi contactado por serviços secretos ocidentais quando trabalhava em Argel e que lhes passou informações militares e segredos de Estado, em troca de ouro, divisas estrangeiras e rublos.

Quanto aos outros dois «dissidentes», esses, segundo informações dadas pelos seus familiares, declararam-se inocentes.

O coro dos protestos veio: do próprio presidente Carter dos EUA, o qual considera estes julgamentos como «prova de fraqueza» da URSS, do MNE de Paris, do primeiro-ministro britânico, James Callaghan, do MNE belga, Henri Simonet, do chanceler oeste-alemão, do Parlamento israelita e do primeiro-ministro sionista.

Organizações diversas protestaram também contra os julgamentos. O Partido Comunista Francês e o Partido Comunista Espanhol já manifestaram igualmente a sua «preocupação».

Apesar de os EUA considerarem que estes julgamentos são «clara violação» dos acordos de Helsínquia, apesar de oficialmente declararem que as relações entre Washington e Moscovo se agravaram nitidamente, Vance partiu para Genebra, fazendo gorar as esperanças e as sugestões no sentido de interromper as conversações SALT.

Uma consequência curiosa deste caso foi a do agravamento das relações conhecidamente tensas entre Cyrus Vance e o conselheiro de Carter, Zbigniew Brzezinski. Ao que parece, este sugeriu, numa reunião de judeus, que os EUA cessassem certos fornecimentos à URSS, sem que para tal tivesse previamente colhido a aprovação do secretário de Estado.



Andrei Gromyko



Cyrus Vance

A Turquia quer entrar nos não-alinhados

A Turquia pediu à Índia o seu apoio a fim de poder participar, como convidada, no Movimento dos Não-Alinhados, indicam fontes oficiais nesta capital.

O pedido turco foi formulado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros de Ankara, Gunduz Okun, que chegou hoje à Índia nas suas conversações com o seu homólogo indiano, Atal Bihari. Este, indicou que a Índia estudaria tal pedido com «simpatia», indica fonte turca.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).

Morreu um dos Rockefeller

John D. Rockefeller III, o mais velho irmão da mais rica família dos Estados Unidos, morreu num acidente de automóvel junto da residência da família de Pocantipo Hills — informou o portavoz de um dos seus sobrinhos, governador da Virgínia Ocidental.

AFRICA

Mauritânia: expectativa após o golpe

Os objectivos do golpe de Estado na Mauritânia, que na madrugada de ontem derrubou o presidente Moktar Uld Daddah, continuavam obscuros até ao fim da manhã de hoje. De certo tem-se apenas que não houve efusão de sangue, que as tropas circulam pelas ruas de Nuakchott sem serem hostilizadas pela população, que o trânsito já foi restabelecido e que o recolher obrigatório continua vigente, das 18 às 6 horas.

O golpe, chefiado pelo coronel Mustapha Uld Mohamed Salek, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas mauritanas, passou o Poder para as mãos de um Comité Militar de Rectificação Nacional composto por dezotto oficiais e presidido pelo próprio Salek, remeteu Daddah e os dirigentes do Partido Popular Mauritano, o único do país, para «prisões domiciliárias» e já recebeu o apoio de numerosos empresários, como é o caso do director-geral da Sociedade Nacional Industrial e Mineira, a maior empresa da Mauritânia.

Entretanto, já com 36 horas de Poder, o novo regime instalado neste país do Noroeste de África com uma extensão equivalente à da Espanha e França reunidas e com uma população de pouco mais de um milhão de pessoas, ainda não disse ao que veio, enquanto aumentam as especulações em todo o mundo, ao mesmo tempo em que surgem as primeiras reacções, todas com a cautela como de nominador comum.

Assim, a notícia foi profundamente vivida em Cartum, sede do Conselho Ministerial da OUA, com a delegação mauritana a tentar entrar em contacto com a sua capital e com importantes cidades da Europa para saber o que se passava. Simultaneamente, os delegados dos países invadiram o centro de imprensa onde estão localizados os aparelhos de telegrafia das agências noticiosas. De lá saíram perguntas aos outros: «Pró-marroquino?», «Anti-marroquino?», «Pró-argelino?», «puramente nacionalista?». Nenhuma resposta concreta foi dada e todos chegaram à mesma conclusão: era ainda muito cedo para emitir qualquer opinião.

Contudo a primeira reacção da Frente Polisário, com a qual a Mauritânia está em guerra na posição de potência ocupante do Sara Ocidental, dizia que o golpe de Estado era uma «boa notícia», através do ministro saraui da Informação, Mohamed Ould Salek. Este, contudo, mostrou-se prudente sobre a evolução da situação em Nuakchott e nos reflexos que, de qualquer maneira, surgirem no conflito do Sara. O ministro saraui preferiu criticar o presidente

deposto e aproveitou a oportunidade para reafirmar que a Polisário sempre foi partidária das relações fraternas entre os povos saraui e mauritano, contra o expansionismo de Marrocos.

A imprensa da Argélia dedica todas as primeiras páginas ao golpe, sem emitir qualquer comentário, reflectindo assim a expectativa dos meios oficiais. O jornal «El Moudjahid» publica uma longa declaração assinada por «patriotas mauritanos-saraui» que pede o fim da guerra e revela que a Frente Polisário se declarou pronta a travar negociações de paz imediatas e incondicionais com a Mauritânia e a cessar todos os seus ataques, se Nuakchott se mostrar disposta a respeitar o direito do Sara Ocidental à autodeterminação.

Em Rabat é manifesta a «preocupação» dos círculos próximos de Hassan II, que temem qualquer quebra nas alianças estabelecidas, tanto mais que a Líbia tem estreitado as suas relações com a Mauritânia, ao mesmo tempo em que é «conivente» com a Frente Polisário.

Actualmente, 9.000 soldados marroquinos estão estacionados em território mauritano e os mesmos círculos políticos dizem que qualquer acção para denunciar este acordo com o regresso deste «corpo expedicionário» seria considerado «da maior gravidade».

Aliás, é de notar que o golpe de Estado ocorreu poucas horas depois da inesperada chegada a Paris do MNE argelino, Abdelaziz Bouteflika, e do «número 2» líbio, Abdel Salam Jalloud. Ora, é sabido o manifesto interesse da França na Mauritânia e já foi suficientemente denunciado o apoio, em homens, armas e aviões de combate que o Eliseu dispensou a Nuakchott na sua tentativa para resistir ao crescente ímpeto dos ataques dos guerrilheiros saraui. A imprensa francesa comentou de imediato que o Comité Militar de Rectificação Nacional poderá ser favorável a uma cooperação com a Argélia no sentido de resolver a questão do Sara Ocidental, com vantagens para a Polisário e a sua luta pela independência. Isso significaria uma reviravolta nas alianças mauritanas que afectaria bastante a região. Recorde-se que Daddah era «um grande amigo da França».

Enquanto o Senegal mantém um cuidadoso silêncio, o Koweit, conservador produtor de petróleo, grita que os novos dirigentes da Mauritânia são próximos de Argel e que «a guerra vai alastrar no Oeste da África».

Na Europa, ninguém se manifestou. Todos esperam.

Quatro dirigentes africanos simultaneamente em Paris

Quatro dirigentes de África do norte encontram-se em Paris, em visitas oficiais. São eles: o presidente da Somália Siad Barre, o comandante líbio Abdel Salam Jalloud, o ministro argelino dos Negócios Estrangeiros, Abdelaziz Bouteflika e o presidente tunisino Habib Bouguiba.

Siad Barre, chegou hoje à capital francesa, tendo sido recebido no fim da manhã pelo presidente Giscard d'Estaing. O dirigente somali avistara-se com os ministros da Economia e da Defesa, René Monory e Yvon Bouges, respectivamente.

O comandante Abdel Salam Jalloud, membro proeminente do Governo líbio, chegou anteontem a Paris. A visita foi classificada pelos observadores políticos como «inesperada». Jalloud foi recebido pelo presidente Giscard.

A reunião, que foi revelada várias horas depois de se ter realizado, foi rodeada do maior segredo. Funcionários da Embaixada Líbia disseram que as conversações duraram duas horas e meia, mas nem as autoridades francesas nem as libias acrescentaram mais qualquer comentário.



Jalloud (Líbia)



Bouteflika (Argélia)



Bouguiba (Tunísia)



Siad Barre (Somália)

A chegada do major Jalloud a Paris seguiu-se às críticas da Líbia contra a política africana da França na reunião da Organização da Unidade Africana (OUA), em Cartum, no Sudão.

O ministro argelino dos estrangeiros, Abdelaziz Bouteflika, pelo seu lado, declarou que «existem possibilidades de acordo entre a França e a Argélia no âmbito cultural, político e económico, mas não quanto ao estabelecimento de uma presença militar».



Giscard

Governo de Bissau vai ser remodelado

A designação do novo comissário principal da Guiné-Bissau poderá ocorrer ainda esta semana e o nome mais apontado, para suceder a Francisco Mendes, continua a ser o de João Bernardo Vieira.

Na quarta-feira, ou, provavelmente, ainda hoje à tarde, reúne-se, em Bissau, o Conselho Superior da Luta (CSL) do PAIGC, principal órgão de direcção do Partido, admitindo fontes seguras que o principal ponto da agenda será o da escolha do novo chefe do Governo guineense.

O início da reunião está apenas dependente do regresso, a Bissau, de alguns dos membros do CSL, que se encontram no estrangeiro, entre os quais o próprio João Bernardo Vieira.

Na capital guineense permanecem, entretanto, o secretário-geral do PAIGC, Aristides Pereira, e o primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, bem como outros dirigentes cabo-verdianos, com assento no Conselho Superior de Luta, que só regressarão ao seu país após a reunião.

A nomeação do novo comissário principal, que será posteriormente anunciada pelo Conselho de Estado da Guiné-Bissau, deverá dar origem a uma remodelação governamental.

João Bernardo Vieira, que é presidente da Assembleia Nacional Popular e comissário de Estado das Forças Armadas, encontrava-se, há alguns meses, em Cuba, a frequentar um curso de Estado-Maior.

S. Tomé: reestruturação do MLSTP

Coincidindo com a passagem do 3.º aniversário da independência de S. Tomé e Príncipe, está a decorrer uma assembleia do Partido Nacional (MLSTP) que agrupa são-tomenses de todas as regiões do país.

Segundo fontes oficiais, trata-se da mais importante manifestação política desde que, em 12 de Julho de 1975, foi constituída a República Democrática de S. Tomé e Príncipe.

A presente assembleia tem por finalidade a reestruturação do movimento por forma a adaptá-lo às realidades de todos os são-tomenses interessados

numa profunda transformação socioeconómica do país.

«Para que o MLSTP possa desempenhar satisfatoriamente as suas funções como vanguarda revolucionária do nosso povo e força dirigente e orientadora da nossa sociedade, de harmonia com o que está estipulado na nossa Constituição política», afirma-se num documento oficial, «torna-se necessário reagrupar no seu seio elementos mais conscientes, mais decididos, em suma, elementos que estão totalmente engajados na luta do povo pelo alcance do bem-estar e de uma verdadeira justiça social.»

Negociações sobre a Namíbia

As conversações sobre a situação na Namíbia entre a Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO), e o grupo de cinco países ocidentais (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, RFA e Canadá) prosseguem na capital angolana — informa o «Jornal de Angola».

Entretanto, numa declaração difundida através da Rádio tanzaniana pela representação da SWAPO em Dar Es-Salam, afirma-se que «a estratégia imperialista em África tende a manter o 'statu quo' não apenas na

África Austral, mas onde quer que periguem os interesses económicos e políticos do imperialismo».

Na mesma declaração, a SWAPO denuncia o «novo perigo para África» representado pelas «acções militares e políticas agressivas» efectuadas «pelas principais potências imperialistas», rechaçando, noutro passo, as «mentiras imperialistas sobre o apoio que os países socialistas dão aos povos africanos».

MUNDO SOCIALISTA

China corta com a Albânia

A China terá decidido interromper a totalidade ou parte da assistência económica à Albânia, mandando chamar todos os técnicos que enviara para aquele país — informa a AFP, citando fonte não oficial de Pequim.

Durante muito tempo, a Albânia foi o único país do mundo socialista a manter relações de estreita cooperação com a República Popular da China. Mas as orientações cada vez mais reaccionárias da diplomacia de Pequim têm merecido severas críticas do Partido Comunista Albanês e vêm sucedendo os indícios de um grave conflito entre Tirana e Pequim.

VIOLAÇÃO DO ESPAÇO AÉREO DO VIETNAME

Várias formações de «caças» da aviação chinesa violaram no passado sábado, dia 8, o espaço aéreo do Vietname — afirma um comunicado oficial de Hanói.

«O acontecimento é particularmente grave, acrescenta o comunicado, pois os aviões chineses fizeram incursões a 25 km

no interior da província de Quang Minh e a 30 no interior da província de Cao Lang, ambas fronteiras com a China».

Ontem foi entregue à Embaixada da China em Hanói uma nota de protesto, mas o encarregado de Negócios chineses recusou-se a recebê-la, alegando não estar ao corrente dos incidentes.

MARROCOS

TANGER desde 3.150\$

CASABLANCA desde 5.700\$

TANGER/MEZKES/FEZ 6 dias

CIDADES IMPERIAIS 8 dias

Partidas bissemanais de Abril a Outubro

VIAGENS RAWES
Lisboa-Correspondência R. Bernardino Costa, 47
Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

Presos libertados por Angola

Angola libertou um norte-americano e dois zairenses, presos em 30 de Junho por entrarem ilegalmente no seu território, anunciou ontem, à noite, a ANGOP, a agência noticiosa angolana.

A ANGOP, citando o Directório de Informação e Segurança, disse que o norte-americano Larry D. Hensley, de 29 anos, e os zairenses Ngoma Mananga e Miantala Babela foram enviados de volta para o Zaire.

Em FARO o
Diário de Lisboa
vende-se no
CAFÉ BRASILEIRA

AFRICA DO SUL

Outro preso "cai da janela"

Um jovem detido político negro morreu ontem ao «cair» de um quinto andar do edifício da sede da polícia racista sul-africana em Port Elisabeth, anunciou a Polícia local que afirmou tratar-se de um «suicídio».

O jovem cuja identidade não foi revelada por a família ainda não ter sido prevenido, estava detido nas mesmas instalações da Polícia fascista de Vorster, onde no ano passado o dirigente dos movimentos da consciência negra, Steve Biko, foi espancado até à morte.

O chefe da Polícia sul-africana, general Mike Geldenhuys, declarou que seria aberto um inquérito sobre as circunstâncias em que ocorreu a morte do jovem.

Vinte e dois detidos políticos morreram na África do Sul nestes dois últimos anos.

A primeira reacção à morte deste detido veio de Helen Suzman, uma deputada do Partido Progressista Federal (PPF), da oposição oficial, que pediu a demissão imediata do ministro da Polícia, da Justiça e das Prisões, Jimmy

Kruger, que já estivera no centro da controversa gerada sobre a morte de Steve Biko, no ano passado.

A deputada declarou que o incidente confirmava, na sua opinião, que só a abolição da secção seis da lei contra o terrorismo, que permite manter um detido incomunicável e sem culpa formada, permitiria acabar com estas mortes durante a detenção.

Há mais ou menos duas semanas, um outro preso «caiu» de uma janela das instalações policiais de Joanesburgo.

MARIA (Emília Correia) VAI SER MARIA (Woyzeck/Buchner) ...e depois sai da Cornucópia

Entrevista conduzida
por Daniel Reis

Uma das mais importantes figuras da literatura dramática mundial, a «Maria» de Woyzeck («uma pessoa inquieta, uma puta inocente e, finalmente, uma assassinada») vai ser interpretada, a partir de sexta-feira, no Teatro da Cornucópia, por Maria Emília Correia. Aos 31 anos de idade, após Lorca, Brecht, Horvath e Sternheim, este papel saído do teatro-documento de Buchner promete recolocar a actriz nortenha na primeira fila da sua profissão, lugar de que regularmente se tem afastado seja, porque a doença a afligiu, durante dois anos, seja porque continuava a manifestar e a assumir um certo inconformismo perante as regras do «milieu».

«Levei muitos anos a compreender que não há construção de personagem fora da minha própria construção e foi com «Maria» que esse lento processo de aprendizagem se me impôs definitivamente», disse a actriz ao «Diário de Lisboa» nas vésperas da estreia da encenação de Jorge Silva Melo.

Maria Emília Correia abriu-se na entrevista que nos concedeu, não só quanto à sua participação em Woyzeck e à sua própria condição de mulher e actriz, hoje, mas também quanto à sua passagem pelo grupo da Cornucópia, passagem que está prestes a findar pelas razões que nos adiantou.

«Não há fronteiras entre a pessoa que sou e a profissão que exerço», disse, para acrescentar depois que os espectáculos da Cornucópia, e sobretudo este Woyzeck, «ficarão em qualquer história do teatro português que se queira exigente». Mas atitudes que, segundo afirma sem especificar como lhe «ferem a sensibilidade», levam-na a procurar mudar de ares.

«Recuso que a minha vida pessoal seja uma miséria, mesmo que em troca receba a glória de um trabalho invulgar», assegura, convicta, na compacta conversa que conosco manteve. Dessa conversa se dá nota, no essencial, aos leitores do «DL», especialmente, aos que a partir de sexta-feira, se dirigirem ao Teatro do Bairro Alto para assistir à construção da simbiose entre a Maria Emília Correia e a

Maria Woyzeck Buchner na espectacular encenação de Jorge Silva Melo.

«NÃO HÁ FRONTEIRA ENTRE A PESSOA E A PROFISSÃO QUE EXERÇO»

Conhecendo-te como actriz já há alguns anos, que trabalhos mais importantes consideras terem contribuído para aquilo que és, hoje, profissionalmente?

«Eu situo como principais trabalhos os seguintes: «Casa de Bernarda Alba», de Garcia Lorca, encenado por Angel Falcio, no Teatro Experimental do Porto, há alguns anos; «Para onde is?», na Comuna, já em Lisboa; «As cuecas-cenas da vida heróica da burguesia», uma encenação de Ricardo Pais, sobre texto de Carl Sternheim e «Mariana Pineda», de Lorca dirigido por Fiamme Hasse Pais Brandão. Isto como trabalhos anteriores à minha entrada para a Cornucópia. No Teatro do Bairro Alto participei com pequenos papéis em «Os tambores na noite» e «Casimiro e Carolina», até fazer o «Treino do campeão antes da corrida», encenado por Osório Mateus. Neste último, a minha interpretação foi salientada pela crítica e pelo público. Fora do teatro, sou jornalista na Radiodifusão Portuguesa, e fui protagonista de «Antes a morte que tal sorte», uma longa metragem de João Matos Silva, ainda por estrear».

E como têm sido as relações entre a pessoa humana que és e a profissão que exerces?

«A minha vida de actriz é marcada por uma série de acidentes que vão das relações de família à doença (dois anos tuberculosa e afastada). Além disso, comecei no Porto, e num país macrocefalo como este isso é um mau ponto de partida. Também não fiz concessões aos enormes carzates do teatro comercial (eis outro óbice numa sociedade de mercado) nem à curiosidade da «crónica feminina» de saber se sou boa ou má mãe e esposa, se gosto de ovos estrelados ou de

apanhar banhos de sol para a elegância. Tudo isto se paga caro num país medíocre que constrói a sua vida em relações de gabinete e de cama. Algumas das pessoas mais dotadas que conheço para o teatro estão na sombra, como de resto em muitas outras profissões. Mesmo directores de «esquerda» contratam muitas vezes os seus actores por causa do nome».

Nesse binómio indivíduo-actor, como enquadras tu o acto



de representar? Que fronteiras te parece existirem entre a pessoa, o seu dia-a-dia, e as personagens que vai criando no palco?

«O actor ou está para lá do teatro ou é uma ficção, porque o acto de representar não pode ser menos do que o compromisso de viver. Viver é para mim o desafio de comunicar com os outros num tempo em que tudo está montado para que a relação entre as pessoas seja uma farsa. Quando o actor quer esgotar a sua vida no palco, ou se está a enganar a si próprio ou está a enganar os outros. Levei muitos anos a compreender que não há construção de personagem fora da minha própria construção, e foi com Maria que esse lento processo de aprendizagem se me impôs definitivamente».

«Toda a herança teórica que as mais recentes gerações

podem receber dos autores da arte de representar, sobretudo até Brecht, ensinava que a profissão de actor era, por definição, a profissão da mentira: tratava-se de construir no palco uma personagem completamente exterior ao actor. E então dizia-se que fulano ou fulana eram tanto melhores actores, ou actrizes, quanto melhor fingiam ser aquilo que não eram. Há excepções, como em todas as regras, que são as excepções das personalidades. Marilyn é porventura o exemplo mais mitificado e sem dúvida o mais frágil. O problema está, a meu ver, em compreender que não há nenhuma personagem que deva sobreviver incólume ao que há de essencial no actor que a apresenta ao público. O actor que está no palco é um sujeito, tem uma história e uma vida próprias, e por muito grande que seja a sua capacidade de mentir, é materialmente impossível matar esse sujeito para sobre o seu cadáver erguer uma personalidade que lhe é falsamente alheia. E de resto, do ponto de vista moral (moral, não moralista, que é uma coisa que não me interessa), isso seria uma burla. Não, não há fronteiras entre a pessoa que sou e a profissão que exerço. Há uma relação íntima e fecunda, e é preciso que cada vez essa relação seja mais íntima para que cada vez possa ser mais fecunda para mim e para os outros».

«QUE AO SAIR DO ESPECTÁCULO AS PESSOAS DIGAM: ERA A MARIA EMÍLIA»

Até que ponto tentas levar essa «relação íntima e fecunda» para a construção da figura de «Maria», no ordenamento das personagens de Buchner?

«Trata-se de dar o máximo do que sei que sou e daquilo que vou descobrindo que sou, e o mínimo de representação. Tornar concreta esta resposta seria esboçar toda uma teoria de representação que foi determinada pela prática dos ensaios. Maria é dos papéis mais difíceis que até hoje se escreveram para teatro».



«A actual política governamental deve partir do princípio de que as actrizes vivem da prostituição e os actores da chulice»

Na peça tenho um tempo reduzidíssimo para mostrar toda a pessoa controversa que é Maria. Se falho uma sílaba do texto cénico, o espectador corre o risco de não entender o que se passa. Enfim, trata-se de juntar a técnica ao instinto, a inteligência às potencialidades do texto dramático e cénico. Trata-se de atingir a simplicidade, e atingir isso em arte é o mais difícil. Desejo que ao terminar o espectáculo as pessoas possam dizer: «Era a Maria Emília».

Porque a Maria do Buchner, são milhares de mulheres. Não pode haver estereótipos num teatro que se queira moderno, quero dizer político, pela simples razão de que o desenvolvimento que atingiram hoje as sociedades de mercado faz de cada pessoa uma multidão, e de cada multidão uma pessoa. Os herdeiros de Marx mostram-no com dolorosa lucidez. E fazer Maria 150 anos depois, num espaço e num tempo de tal maneira dilacerados pelo modo de produção capitalista que cada indivíduo é já incapaz de controlar a sua própria vida, fazer Maria hoje só pode ter sentido se a arrancarmos da primeira metade do século dezanove e nos apropriarmos dela para mostrar até que ponto a lógica do seu tempo foi levada ao absurdo que domina hoje a vida de cada um de nós».

«Em cada mulher oprimida há uma Maria e eu sei que sou uma mulher oprimida, mais não seja porque sou uma mulher explorada. E se assim é, tenho muito a aprender com Maria. Mas Maria tem também a aprender comigo

toda a experiência que recebi com o desenvolvimento da sociedade que fez dela uma pessoa inquieta, uma puta inocente e, finalmente, uma assassina».

SAIR DA CORNUCÓPIA, PORQUÊ?

Entretanto, soube que tinhas pedido a demissão da Cornucópia, com efeitos depois do «Woyzeck». Aproveito para dar a notícia no meu jornal, mas ao mesmo tempo para te perguntar: porque esta saída, uma vez que se trata de um grupo teatral com muito prestígio e este papel que te confluam é muito importante? Será que tens outro projecto em vista?

«Não tenho qualquer outro projecto e não faço a menor ideia do que vou fazer a seguir à carreira do «Woyzeck». Pedi a demissão da Cornucópia e coloquei o meu lugar à disposição da companhia, exactamente porque não me é possível separar, como já disse, o trabalho do actor no palco da sua vida quotidiana. O lugar-comum de que trabalho é trabalho e conhaque é conhaque é um idiotismo que, como quase todos os lugares-comuns, pertence ao dicionário de um saber de dominação».

«Os espectáculos da Cornucópia — e penso que sobretudo este «Woyzeck» — ficarão em qualquer história do teatro português que se queira exigente. Isso é importante. Mas para mim há outras coisas igualmente importantes. Não tive nem tenho grandes problemas como a generalidade das pessoas da Cornucópia, mas há atitudes que não posso admitir, mesmo que sejam conjunturais, porque ferem irremediavelmente a minha sensibilidade, embora não me digam directamente respeito».

«A questão não é secundária, porque ela está no centro da escala de valores do sistema. Sabe-se que o trabalho — e as noções colaterais de ordem, família, hierarquia, etc. — é o valor principal da sociedade de mercado. Aí não se toca, mesmo que a vida essencial de cada trabalhador seja uma miséria. E eu recuso que a minha vida pessoal seja uma miséria, mesmo que em troca receba a glória de um trabalho invulgar. Recuso a separação».

OU A FOME OU RENDIMENTOS PARALELOS

A propósito de miséria: como sobrevivem hoje os profissionais de teatro, não alinhados pelo poder, face à po-



Ensaios da peça a estrear na Cornucópia: aqui com Luís Miguel Cintra, que desempenha o papel de Woyzeck

A peça de estreia de Maria Emília Correia no grande teatro: «A Casa de Bernarda Alba», no Teatro Experimental do Porto. Foi com esta peça que a actriz chegou a Lisboa, para ficar

Continua na pág. 15

Sete notas sobre uma tragédia da gente pobre

Ao mesmo tempo que nos informa estar a estreia da peça marcada para a próxima sexta-feira, dia 14, o encenador Jorge Silva Melo faz-nos notar que o Teatro da Cornucópia se apresentará aos seus visitantes com novas bancadas, pagas pela Secretaria de Estado da Cultura, e com estofos.

Paralelamente, remeteu-nos para publicação sete notas avulsas que explicam um pouco melhor o que é o «Woyzeck», que importância tem o seu autor, Buchner, como e com quem vai ser representado nesta versão portuguesa:

1. WOYZECK é um fragmento escrito por Georg Buchner, em 1836, e deixado inacabado devido à morte prematura do autor, em 1837, aos 24 anos.

2. Existem quatro manuscritos de difícil interpretação e leitura. Só foram descobertos em 1876 e a partir de então dividem-se as opiniões quanto às versões. A presente versão, estabelecida por Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, baseia-se na análise comparativa dos quatro manuscritos e nas propostas de organização feitas por Werner Lehman e Jean Jourdeuil.

3. WOYZECK é baseado num caso autêntico, o do barbeiro Woyzeck que assassinou a amante e foi depois condenado à



«Estamos aqui por direito próprio»

morte. O processo despertou a atenção pública e foi seguido com enorme entusiasmo em toda a região até porque a defesa alegou a perturbação mental do criminoso: teria obedecido a «vozes» interiores que lhe teriam mesmo oferecido a faca para cometer o crime.

Buchner teve contacto com os relatórios do processo e nos seus manuscritos tenta segui-los de perto. Esta tentativa de «teatro-documento» nasce da intenção de Buchner descer aos infernos da consciência popular para assim mergulhar nos sentimentos do mundo.

Aquilo que ele nos apresenta é a cabeça de Woyzeck ocupada

pela ideologia dominante e pela sua situação na hierarquia social. Woyzeck é o «menos que nada», sujeito às ordens e à troca de doutores e capitães, sargentos e tambores-mor. Ele encontra-se nos limites inferiores da humanidade.

4. Para o espectáculo, WOYZECK é criado um espaço novo dentro do Teatro do Bairro Alto. Uma enorme cisterna-telhado, uma paisagem-mental que tenta recuperar os volumes e as proporções de alguma da pintura do romantismo alemão, e de Caspar David Friedrich em especial.

5. WOYZECK foi estreado em 1913. A partir de 1915 Alban Berg começou a trabalhar na ópera que se viria a estreiar em 1924 e que é uma das obras máximas da música contemporânea. Para o espectáculo da Cornucópia, foi encomendada música original a Paulo Brandão, que já tinha composto a música para «Ah Q». Ele agora compôs uma música de acompanhamento para um quinteto de sopro que será tocada ao vivo durante os espectáculos e que se esforça por criar acima de tudo os diferentes climas mentais desta tra-

gédia da «gente pobre».

6. WOYZECK tem encenação e cenografia conjunta de Cristina Reis, Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, música original de Paulo Brandão, tradução de Jorge Silva Melo e Luísa Neto Jorge (canções), interpretação de Luís Miguel Cintra (Woyzeck), Luís Lucas (Andres), Virgílio Castelo (Tambor-Mor), Maria Emilia Correia (Maria), Márcia Breia (Catarina), Raquel Maria (Margarida), Gilberto Gonçalves (Apresentador), Rui Furtado (Judeu), Jorge Silva Melo (Capitão), Rogério Vieira (Sargento), Margarida Rodrigues e Linda Teixeira (Mulheres), José Bartolomeu e Paulo Matos (Estudantes), Zé Eduardo e Jorge Nascimento (Artesãos), António Costa (Velho).

7. WOYZECK está no programa da Cornucópia desde 1973 e de certa maneira tem vindo a ser indirectamente preparado em espectáculos que são baseados em textos muito directamente referidos à obra de Buchner: seja «Tambores na Noite», de Brecht; seja o «Ah Q», de Jourdeuil e Chartreux, seja mais recentemente o «Casimiro e Carolina», de Horváth.

SÉRGIO AZEVEDO
apresenta no

TEATRO
ABC
Tel. 36 07 45

HOJE 2 SESSÕES
As 20.30 e 22.45
AOS DOMINGOS:
«Matinées» às 16 h.
Folga às 2.ªs-feiras



A REVISTA
QUE CERTOS
DEMOCRATAS
JÁ NÃO
PRETENDEM
FAZER CALAR...



ANABELA

Ótima interpretação
em «O Espantalho»

• FLORBELA
• OCTÁVIO DE MATOS
• ANABELA
• ANTÓNIO CALVÁRIO
• VERA MÓNICA
NINA FLORES
VICTOR NORTE
JOÃO LUÍS
LIA SARA

A frente de uma
grande companhia

Hoje



Uma imagem de «O Perito» que hoje termina

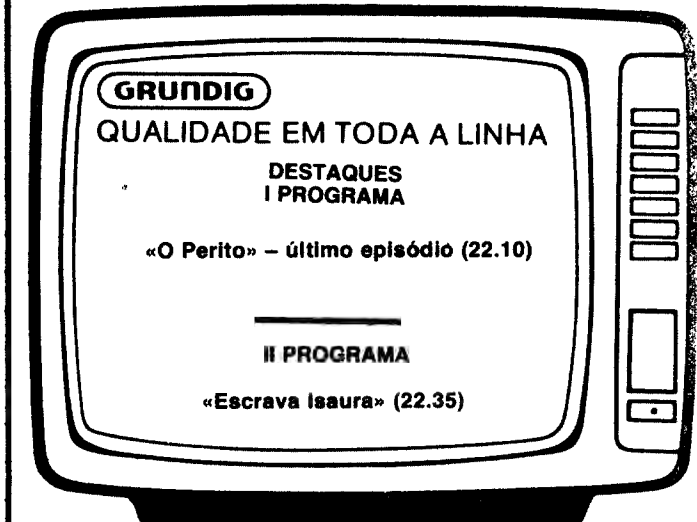
I PROGRAMA

18.25 **Telejornal** - 1.ª edição.
18.32 **Lições de Basquetebol** - 3.ª lição.
19.00 **Um Mundo para Descobrir**
19.25 **Colectividades** - Incrível Almadaense, em Almada.
20.00 **Telejornal** - 2.ª edição.
20.35 «O Casarão» - episódio n.º 137 da telenovela de Lauro César Muniz. Realização de Daniel Filho. Produção da Central Globo de Televisão.
21.10 **O Tempo**
21.15 **Forum**
22.10 «O Perito» - 10.º e último episódio, com Marius Goring e Virginia Stride.
23.05 **Telejornal** - 3.ª edição.
23.10 **Fecho**

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

19.00 **Ano Propedéutico**
22.00 **Telejornal**
22.30 «Escrava Isaura» - repetição do episódio n.º 99
23.05 **Fecho**



Amanhã

I PROGRAMA

18.25: **Telejornal** - 1.ª edição; 18.32: «Issi Hoho» - 2.º episódio; 18.45: «Filopat e Patafil»; 18.50: «Corrida do Ouro» - 3.º episódio; 19.20: Lamiré; 19.45: Vamos Jogar no Totobola; 20.00: **Telejornal** - 2.ª edição; 20.35 «O Casarão» - episódio n.º 138; 21.10: O Tempo; 21.15: «Ling Chung, o Justiciero»; 22.10: Tomar - documentário; 22.50: Contos Portugueses - «O Vinho», de Miguel Torga; 23.15: **Telejornal** - 3.ª edição; 23.25: **Fecho**.

II PROGRAMA

22.00: **Telejornal**; 22.30: «Escrava Isaura» - repetição do último episódio; 23.05: **Fecho**.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS - SERVIÇO PERMANENTE
Telef. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Mucal. 8

Maria vai ser Maria

Continuação da pág. 14

lítica governamental no sector da cultura e espectáculos?

«Depende: se quisermos fazer teatro comercial é uma vida excelente, sobretudo se jogares pela «direita» alta. Falaram-me de uma vedada de revista que recebe todos os meses qualquer coisa como 120 contos. Não faço comentários. Eu como jornalista na radiodifusão ganho menos de sete contos por mês e tenho a meu cargo o noticiário de teatro e de cinema. E como actriz ganho dois contos por semana. Se, pelo contrário optas por um teatro independente do gosto dominante e fácil, só não morres de fome se conseguires rendimentos paralelos».

«A actual política governamental para os trabalhadores de teatro não comercial deve partir do princípio de que as actrizes vivem da prostituição e os actores da chulice. Enfim, é uma maneira clássica de olhar a profissão dos comediantes, e de resto não fica mal a um Governo que se reivindica da Europa consigo, ou seja, de um Governo que procura os seus modelos na escala de valores da burguesia mercantil em decadência. Veja-se o exemplo do Grupo Teatro Hoje, que recebeu 150 contos para montar a «Porta Fechada», do Sartre. Com esse dinheiro teve que pagar os ordenados dos actores, do encenador, do tradutor, do cenógrafo, da publicidade, de todo o pessoal técnico, da caixa de previdência, do material para a montagem, da renda da casa, água, luz e telefone... Em contrapartida dão-se milhares de contos para um espectáculo como «Jesus Cristo em Lisboa» e para a triste miséria que está à vista no Nacional».

«Boa vida a duma actriz? Sim,

mas por outra razão: é que não há ministro ou secretário de Estado, partido ou governo que consiga algum dia pagar o que há de transcendente na vida dum actor, quando ele é digno da sua profissão, isto é, quando faz do seu ofício um processo de descoberta sobre si para melhor poder compreender os outros e comunicar com eles».

Rua Tenente Raul Cascais
n.º 1 A - LISBOA

Telef:
66 15 15/66 92 05

teatro
do bairro
alto



teatro da Cornucópia

Woyzeck
de
Georg Büchner

ESTREIA

6.ª Feira, 14
às 21 e 30 h.

FL

MOBILIÁRIO
DECORAÇÃO
OBJECTOS

FÁBRICA DE OBJECTOS
ARTÍSTICOS FOBAR LDA.

Av. D. Carlos I, 109
Tel. 67 63 71

LISBOA



O francês Komaniecki, vencedor do IV Pop-Cross Internacional do Porto

IV POP-CROSS INTERNACIONAL DO PORTO

Vitória para o francês Komaniecki bem contestada pelos portugueses

Evidenciando uma superioridade que ninguém pôs em dúvida mas que de modo algum ofuscou os principais pilotos portugueses, o francês Komaniecki venceu o IV Pop-Cross Internacional do Porto disputado neste fim-de-semana na pista dos terrenos da Pastelaria, perante uma assistência de alguns milhares de espectadores, talvez mesmo recorde em provas de Pop-Cross. Richard Gengler piloto belga, foi o segundo. Silva Costa, na terceira posição foi o melhor português. Os pilotos nacionais viram-se no entanto envolvidos nas contingências deste tipo de competição e não puderam exprimir o seu melhor.

A organização pertenceu ao Académico Futebol e contou com perto de uma centena de concorrentes que foram divididos em dois grupos para apuramento de 12 em cada uma das séries disputadas. Nas provas de qualificação disputadas na tarde de sábado, o belga Gengler e o francês Komaniecki (Grupo A 1.ª série) foram os concorrentes mais me evidência, logo secundados pelo português Helder Abrantes. Para segunda série do Grupo A destacou-se João Seara Cardoso, logo seguido de José Bernardo.

José Gomes foi o melhor português no Grupo B (1.ª Série), apenas suplantado pelo espanhol Ruiz Alvarez.

Ainda na tarde de sábado disputaram-se os quartos de final de ambos os agrupamentos. Komaniecki foi o mais rápido do Grupo A, mas teve em João Seara Cardoso um forte opositor. No Grupo B venceu Alvarez Ruiz mas teve que andar bastante para se impor a José Gomes, um excelente piloto de Pop-Cross.

O programa de domingo incluía quatro mangas para apuramento de 10 concorrentes em cada para as meias finais, e duas meias finais para apuramento em cada uma delas de 12 concorrentes finalistas. A final disputava-se com 24 concorrentes em pista, número bastante elevado dada a pouca largura desta.

Na primeira meia final Komaniecki foi o vencedor depois de uma luta bastante emotiva com Helder Abrantes e João Seara Cardoso. Inverno Amal, com problemas de motor não pôde acompanhar os da frente mas na parte final da prova fez uma boa recuperação.

Classificaram-se para a final: Komaniecki, Helder Abran-

tes, João Seara Cardoso, Francisco Laje, Carlos Simões, Luís Gonçalves, Carlos Marques, André Thomart, José Talento, Dario de Sá, José Rolo e Carlos Adriano.

A segunda meia-final foi uma prova também bastante espectacular, com Alvarez Ruiz, José Gomes, Mendes Baptista, Almeida Marques e Silva Costa nos primeiros lugares da grelha. Sairia vencedor José Gomes que logo no início aproveitou o despique à partida entre Alvarez e Mendes Baptista para os ultrapassar a ambos, não mais largando o comando. Alvarez no entanto cedo teve que desistir por avaria na caixa de velocidades.

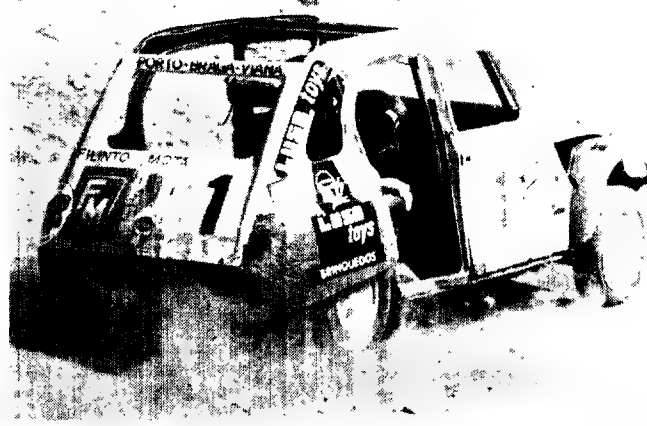
Classificaram-se para a final: José Gomes, Gengler, Silva Costa, Vitor Minas, Graça Menino, Amaro Cartaxo, Max Lezian, José Vicente Filipe, Manuel Rolo, Manuel Ezquerro, Henri Lenguin e José Gaspar.

A final, apesar dos esforços da organização, viria a disputar-se com certo atraso em relação à hora do programa, já com uma ligeira e fria neblina a invadir o local, mas nem por isso o público arredou pé, tão espectaculares e prometedoras haviam sido as duas meias-finais.

Alinharam nas primeiras filas da grelha de partida Komaniecki, José Gomes, Helder Abrantes, Gengler e João Seara Cardoso.

O francês destacou-se logo desde o arranque enquanto José Gomes e Helder Abrantes faziam a primeira curva colados. José Gomes ficaria porém na curva seguinte, nos taludes de terra que marginam a pista. Prosseguiu mais tarde mas com bastante atraso. Helder Abrantes desistiu com a direcção aberta.

Komaniecki continuava no comando, a distanciar-se cada vez mais, seguido por Gengler, João Seara Cardoso e Silva Costa. Na 11.ª volta Seara Car-



José Gomes, um dos mais destacados pilotos nacionais desta especialidade, não pôde dar na final a luta que se esperava mas a sua participação foi brilhante

doso teve de abandonar com a direcção aberta e o francês viu-se liberto de um adversário que não era para desprezar. Silva Costa passou a ser o melhor português mas longe de poder discutir o primeiro lugar.

CLASSIFICAÇÕES

1.º Komaniecki, 15.54.53, 15 voltas; 2.º Richard Gengler, 15 voltas; 3.º Silva Costa, 15 voltas; 4.º Carlos Simões, 15 voltas; 5.º Amaro Cartaxo, 15 voltas; 6.º Carlos Marcos, 15 voltas; 7.º Luís Gonçalves, 15 voltas; 8.º Max Lezian, 14 voltas; 9.º José Paulo Talento, 14 voltas; 10.º José Vicente Filipe,

14 voltas; 11.º Carlos Adriano, 14 voltas; 12.º João Seara Cardoso, 14 voltas; 13.º Vitor Minas, 13 voltas; 14.º José Gomes, 13 voltas; 15.º André Thomart, 12 voltas; 16.º Henri Lenguin, 12 voltas; 17.º Manuel Ezquerro, 11 voltas.

TROFÉU NACIONAL

Após o Pop-Cross do Porto a posição dos vários concorrentes no Troféu Nacional é a seguinte: 1.º João Seara Cardoso, 66 pontos; 2.º Francisco Lage, 44; 3.º Carlos Marcos e Carlos Simões, 41; 5.º Carlos Seara Cardoso; 6.º Manuel Almeida Marques, 38; 7.º José Bernardo e Silva Costa, 36; 9.º José Paulo Talento, 33; 10.º José Gomes, 31.

Argel abre portas a jogos africanos

Depois de Brazzaville (em 1965) e Lagos (em 1973), Argel acolherá, entre 13 e 28 do corrente, os Terceiros Jogos Africanos.

Cerca de 1500 atletas de quarenta países, ou seja, praticamente a elite de todo o continente africano, participará nesta manifestação no complexo olímpico do «5 de Julho», no Estádio Monumental (75 000 lugares) em Argel.

O ponto de partida destes jogos foi Brazzaville, em 1965. Mas a ideia dos Jogos Africanos tinha sido lançada em 1920, pelo barão Pierre de Coubertin, o fundador dos Jogos Olímpicos Modernos. Contudo, só em 1933 Coubertin voltou a falar do seu

projecto, numa sessão do Comité Internacional Olímpico. Anteriormente, o CIO tinha decidido organizar os Primeiros Jogos Africanos, em 1925, em Argel. Mas só passaram 53 anos é que a capital argelina pode ver realizar-se tal desejo.

Em 1957, era criada a Confederação do Futebol Africano, base do desporto africano moderno. Os Primeiros Jogos Comunitários reuniram (em Madagascar) os países africanos de língua francesa. Depois (em 1961) em Abidjan, 22 países participaram nos Jogos da Amizade. Nos de 1963, em Dakar, havia 24 nações africanas representadas e, pela primeira vez os

Roger Legéay (França), 15.º Bruyere (Bélgica), 16.º Hinault (França), 18.º Laurent (França), 23.º Zoetemelk (Holanda), 24.º Agostinho (Portugal), 26.º Van Impe (Bélgica) todos com o mesmo tempo.

53.º José Matins (Portugal) — 5h 53m 34s.

Agostinho foi 6.º na contagem da montanha do «Marie Blanche».

Classificação Geral: 1.º Joseph Bruyere (Bélgica) 50.29.32, 2.º Jacques Bossis (França) a 2m 07s, 3.º Bernard Hinault (França) a 3m 32s., 4.º Joop Zoetemelk (Holanda) a 4m 11s., 5.º Freddy Maertens (Bélgica) a 4m 48s., 6.º Jean-Pierre Danguillaume (França) a 4m 58s., 7.º Hennie Kuiper (Holanda) a 5m 11s., 8.º Michel Pollentier (Bélgica) a 5m 14s., 9.º Michel Laurent (França) a 5m 45s., 10.º Henk Lubberding (Holanda) a 5m 46s., 11.º Agostinho (Portugal) a 6m 52s., 12.º Guilloix (França) a 7m 37s., 13.º Galdos (Espanha) a 7m. 37s.; 14.º Wellens (Bélgica) a 7m 47s.; 15.º Nilsson (Suécia) a 7m 48s.; 16.º Villemiane (França) a 7m 50s.; 17.º Ovion (França) a 8m 15s.; 18.º Den Hertog (Holanda) a 8m 42s.; 19.º Bernaudeau (França) a 8m 59s.; 20.º Hezard (França) a 9m 01s.; 23.º Van Impe (Bélgica) a 9m 26s.; 24.º Janssens (Bélgica) a 9m 33s.; 29.º Thaler (RFA) a 11m 05s.; 49.º Kenetemann (Holanda) a 15m 20s.; 50.º Vandenbrouck (Bélgica) a 15m 58s.; 59.º Martins (Portugal) a 18m 27s.; 70.º Thevenet (França) a 21m 13s.; 103.º (último) Fernandez Ovies (Espanha) a 56m 16s..

Decididamente Bernard Thevenet não repetirá este ano o seu triunfo na «Volta à França»: A 10.ª etapa do «Tour», veio desfazer as últimas dúvidas suscitadas pela actual condição física do vencedor de 1977. Ganhou a tirada do campeão holandês Lubberding que se adiantou a 7 quilómetros da meta para terminar isolado à frente de um pelotão de 35 unidades. Com excepção de Thevenet, todos os favoritos concluíram juntos esta primeira etapa pirenica da «volta», que comportava quatro contagens para o «prémio da Montanha».

Foi por vezes de baixa de chuva e por entre o nevoeiro que os corredores cobriram este percurso erigido de dificuldades. As duas primeiras subidas, a de Saint-Esteban (33 kms) e a de La Pagolle (70 kms) permitiram a Le Lay fortalecer a sua posição na classificação do melhor trepador. De ambas as vezes os favoritos observaram-se mutuamente e só no desfiladeiro de Ichere (3.ª categoria) é que a batalha foi mais acesa. Neste troço registou-se a desistência de Martinez-Heredia.

Tanto num caso como noutra, foi o Egipto que dominou os jogos, seguindo-se-lhe a Nigéria e o Quénia. Entre os dois jogos, o Uganda fez progressos muito sensíveis, passando do 14.º para o 4.º lugar.

Este ano, o Egipto arrisca-se a ver a sua supremacia posta em causa.

países do Maghreb, o Egipto e atletas femininos.

Dois anos mais tarde, em 1965, Brazzaville acolhia os Primeiros Jogos Africanos. Mais de 2000 atletas, vindos de 28 países, participaram nestes jogos. Lagos, em 1973, recebeu 2500 atletas de 42 países, praticando onze desportos.

Tanto num caso como noutra, foi o Egipto que dominou os jogos, seguindo-se-lhe a Nigéria e o Quénia. Entre os dois jogos, o Uganda fez progressos muito sensíveis, passando do 14.º para o 4.º lugar.

Este ano, o Egipto arrisca-se a ver a sua supremacia posta em causa.

Na vertente de «Marie Blanche» (2.ª categoria), com uma inclinação da ordem dos 14 graus, Bernard Thevenet foi dos primeiros a ficar para trás, acompanhado, aliás, por Karskens, Knetemann, Hoban e outros.

No cume, Pollentier, Hinault e Zoetemelk foram os primeiros com 14 segundos de vantagem sobre Martinez, 16 sobre Kuiper e 30 sobre Agostinho. O «camisola amarela» Joseph Bruyere, acompanhado de Galdós, passou com uma diferença de 40 segundos, seguindo-se Van Impe e Laurent (52 segundos) e Villemiane (1m 05s.).

Bernard Thevenet estava nessa altura a mais de 8 minutos dos homens da frente. Na descida, o pelotão reconstituiu-se enquanto que Bruyere, a contas com um «furo», era aguardado por Lucien Van Impe que o ajudou a recolar.

A 20 quilómetros da meta, o atraso de Thevenet aumentara para 9m 15s. Hinault ganhou o «ponto quente» de Esquillot seguido de Pollentier, apesar de Maertens figurar no grupo da frente. Aproveitando este impulso os dois corredores procuraram adiantar-se mas nada puderam contra a pronta reacção do pelotão.

Mais uma vez seriam os holandeses a decidir a etapa, nos últimos quilómetros. Destacando-se do 3.º grupo, Raas lançou o seu habitual ataque, mas sem êxito. Foi mais feliz Lubberding que, adiantando-se ao pelotão, logrou manter o seu avanço. Foi com 30 segundos de vantagem sobre o surpreendente Patriiti que cortou a meta. Só 12m 24s depois é que surgiu Thevenet.

É muito possível que o vencedor de 1977 já não alinhe hoje na 11.ª etapa, entre Pau e Saint Lary Soulan, com a meta instalada no cume de Pla D'Adet, que não constitui a menor dificuldade para os corredores, em face da anterior escalada do famoso Tourmalet e do Aspin.

HOJE

Natação: festival na piscina da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, na Cova da Piedade, às 19 horas, com a intervenção de atletas do Clube Náutico Magiano, de S. Paulo (Brasil).

Ténis: Taça «Galea» (2.ª jornada): Portugal-Marrocos e México-Tunísia, nos «courts» do CIF, a partir das 16 horas.

Boxe: assembleia geral extraordinária da Associação de Lisboa, para apresentação de listas com vista à eleição de novos corpos gerentes, na sede da ABL, às 21 e 30.

Basquetebol: sorteios dos jogos respeitantes aos Campeonatos Regionais de seniores das II e III divisões da Associação de Lisboa, na sede daquele organismo, às 21.15.

Xadrez: Campeonato de Lisboa (equipas) — 2.ª jornada — **Série A:** Belenenses - A. Amadora, Ases das Avenidas - Liceu Pedro Nunes e Atlético de Alvalade - Faculdade de Ciências. **Série B:** Alekhine - LNEC, CSTC - APS e Benfica - Atoium. — **Série C:** Ateneu - Estoril, Padaria do Povo - Sol Brilhante e Sporting - Bombeiros de Cascais. Todos nas mesas dos primeiros a partir das 20 e 30.

Atletismo: EUA vence a URSS

Quatro recordes dos encontros de atletismo EUA-URSS, que pertenciam aos soviéticos, foram batidos, por atletas norte-americanos, num encontro entre os dois países que se disputou em Berkeley (Califórnia).

Os EUA venceram a competição (190-177) o que aconteceu pela primeira vez desde 1969.

As atletas norte-americanas, batidas pelas soviéticas em 15 dos 16 encontros agora realizados, venceram sete provas na competição do passado fim-de-semana, mas não evitaram a vitória das adversárias, por 75-71. Na competição masculina, a vitória pertenceu à equipa norte-americana, por 119-102.

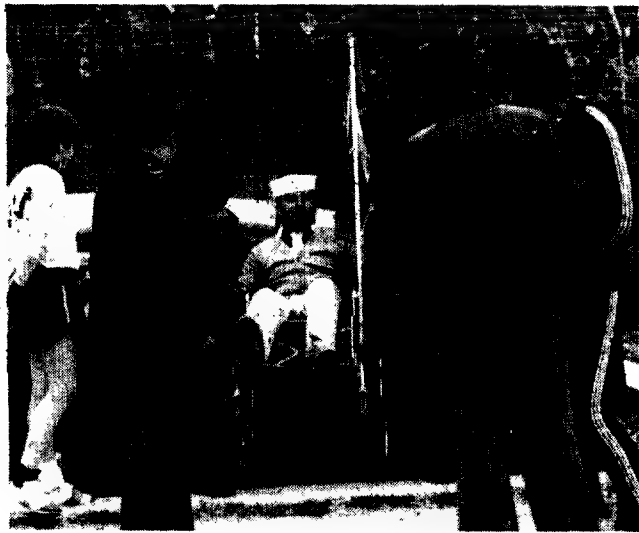
«As nossas atletas melhoraram muito» — afirmou o treinador americano Larry Ellis, após a competição.

Nos 200 metros femininos, a americana Evelyn Ashford melhorou a marca de 1977 em 12 centésimos de segundo, sendo creditada de 22,69 segundos. Por seu lado, Patricia Jackson venceu os 400 metros, no tempo de 51,2 segundos, melhorando o recorde anterior, que pertencia às soviéticas desde 1976, e era de 51,77 segundos. Patricia Jackson fez parte da equipa dos EUA que venceu a estafeta de 4x400 metros no tempo de 3.28,2 e melhorou em 4 décimos de segundo o recorde estabelecido o ano passado pelas atletas da URSS. Nos 100 metros masculinos a vitória pertenceu a Steve Riddick, no tempo recorde de 10,37 segundos. Riddick fez também parte da equipa que venceu os 4x100 metros, em 39,14 segundos.

Os soviéticos Viktor Myasnikov e Tatyana Anisimova conseguiram também dois novos recordes desta competição. Myasnikov melhorou em 30 centésimos a sua marca de 1967, nos 110 metros barreiras, ao fazer 13,47 segundos, numa prova que foi ganha pelo americano Greg Foster, com 13,46. Anisimova, nos 100 metros barreiras, gastou 12,96 segundos melhorando a anterior marca soviética que era de 13,09.

Finalmente, o recordista mundial do salto em altura, Valdimir Yashchenko venceu este concurso saltando 2,23 metros, o mesmo que o americano Franklin Jacobs, que ficou classificado em 2.º lugar, por ter feito maior número de saltos nulos.

CAMARA ESCURA



Espreitar o jogo que já não pode jogar



Traquinice, acidente e ajuda. Uma lembrança triste da primeira ida ao estádio

Ténis português bate Marrocos

Portugal e México qualificaram-se já para a final da «Taça Galea», em ténis, que começou ontem a disputar-se nos «courts» do CIF, em Lisboa.

Ao fim do primeiro dia, Portugal vence Marrocos, por 3-0, e o México bate a Tunísia, por igual marca. As partidas terminam hoje com a realização de mais dois jogos em «singulares».

Resultados dos jogos de ontem: José Cordeiro (Portugal) V. Sebtí Rachid (Marrocos) 6-3, 6-3;

Jerónimo Paulo (Portugal) V. Outalen Khalid (Marrocos), 8-6, 6-3; José Fernandes e José Cordeiro (Portugal) V. Khalid e Rachid, (Marrocos) 6-3, 6-2, 6-0; Alfonso Gonzalez (México) V. Zelfani Idhal (Tunísia), 6-1, 6-0; Edgar Giffenig (México) V. Maaref Adnen (Tunísia) 6-0, 6-0; Gonzalez e Giffenig (México-Idhal e Adnen (Tunísia), 6-1, 6-0, 6-1.

Hoje, prossegue a competição.

BOL FUTEBOL AINDA FUTEBOL Caiado em Braga

Fernando Caiado que tem o seu nome ligado ao mais significativo êxito na existência do Sporting de Braga (conquista de uma «Taça de Portugal») fechou contrato, por uma época, com o clube minhoto.

A secção de futebol dos «arsenalistas» bracarenses passou a ser chefiada pelo dr. Lito Gomes de Almeida, que é o presidente da direcção da colectividade.

BENFICA NA HOLANDA

A equipa de futebol do Benfica participará no «Torneio Internacional de Roterdão» nos próximos dias 11, 12 e 13 de Agosto, juntamente com River Plate (Argentina), Everton (Inglaterra) e Feyenoord (Holanda). A equipa portuguesa apresentará cinco dos jogadores que recentemente se tornaram campeões mundiais.

VILA REAL ESTÁ ATENTO

O Vila Real firmou contrato com o treinador Osvaldo Silva, ao mesmo tempo que reforça os quadros de jogadores com Cipó (Feirense) e Tavares (Peniche).

BAIXA PORTISTA

Quim (guarda-redes que tem alinhado no Marítimo, mas continua ligado ao FC Porto, pelo qual alinhará na próxima temporada) sofre de uma tromboflebite na perna esquerda, pelo que foi internado de urgência num estabelecimento hospitalar.

ESPAÑA QUER CONVIDAR

A Espanha exigirá que sejam endereçados convites directos a selecções de futebol prestigiosas, sem necessidade de efectuarem eliminatórias para se qualificarem para o campeonato do Mundo de 1982 — anuncia o jornal «Estado de São Paulo». Segundo o diário, esta exigência espanhola condicionará a organização do campeonato do mundo.

Num artigo acompanhado de fotografias dos estádios espanhóis o «Estado de São Paulo» elogia a infra-estrutura turística e de comunicações de Espanha e afirma que este país tem condições para organizar um torneio mundial com 24 equipas na fase final.

De acordo com o jornal, a Espanha está disposta a travar dura batalha com a FIFA para que possam disputar a fase final.



Fernando Caiado: bom profissional tem sempre portas abertas

sem eliminatórias de qualificação, as selecções de Inglaterra, Brasil, Uruguai, Itália, Alemanha Federal e Holanda.

A Espanha não pode correr o perigo de, devido ao sistema de eliminatórias, ficarem fora atracções como as que constam na sua lista de convidados especiais — assegura o jornal brasileiro.

ARDILES DESILUDIDO

O centro-campista da selecção argentina de futebol e do «Huracan» de Buenos Aires, Osvaldo Ardiles, afirmou que foi transferido por 530 mil dólares (cerca de 25 milhões de escudos) para o «Manchester City», de Inglaterra.

Se tudo correr normalmente, viajarei no próximo domingo para Londres, acrescentou.

O futebolista referiu que se triunfar no futebol inglês, um novo mercado se abrirá para os jogadores argentinos.

A terminar, Ardiles afirmou que se vai emborcar desiludido com a Argentina, porque pensava que, depois de se ter conquistado o Campeonato do Mundo seriam reestruturadas as estruturas do futebol seu país, o que não ocorreu.

ÁCORES

O Desportivo de Vila Franca do Campo venceu por 2-0 o Por-

tuguesa American. Este foi o segundo dos jogos de futebol que esta equipa de luso-americanos veio disputar aos Açores.

BERTONI NO SEVILHA

O avançado da selecção argentina, Daniel Bertoni, parte esta semana para a Espanha a fim de assinar um contrato por três anos com o Sevilla. Bertoni, que militava no Independiente (de Buenos Aires), tinha chegado a acordo com os dirigentes do clube espanhol pouco antes do início do Campeonato do Mundo.

«COSMOS» SEGUE

A saída de Pelé não diminui a popularidade do «Cosmos» (de Nova Iorque), campeão dos Estados Unidos de futebol. O conseguiu uma média de 45 mil espectadores nos 12 jogos campeonato disputados este ano no seu terreno, ou seja mais de 12 000 que em 1977.

A média de afluência para os 21 jogos do «Cosmos» (12 em casa e 9 fora) foi de 35 000 espectadores, o que é nitidamente superior a dos 23 outras equipas da Liga Norte Americana que se conta em 12 600 espectadores.

Resolvam lá isso

Até emenda governamental, ninguém acertou ordeiramente com o desfecho do jogo particular realizado entre um grupo de macaístas e o «team» de Alvalade, no «clou» da viagem verde-branca a terras do Extremo Oriente. Isto porque houve quem escrevesse 5-0 («Record»), quem afirmasse 5-1 («A Bola»); e a dúvida persiste, sabendo-se como estes dois nossos camaradas de Imprensa tinham sido (dos poucos) escolhidos para representatividade no evento. Ontem, mesmo, ainda havia dúvidas. A Associação Democrática de Amizade Portugal-China vai dissipá-las, certamente. E, ao mesmo tempo, congratular-se com a escolha dos porta-vozes de uma bela passeata.

MODALIDADES EM DESFILE

HÓQUEI PATINADO

Jogos de hóquei patinado para o nacional de juniores: Sporting, 4-Cascais, com 13,46. Valongo, 6-F.C. Porto, 2.

NATAÇÃO

Na última jornada do Torneio «Nadador Completo» Liliana Santos, (Benfica) melhorou o «record» absoluto e dos juniores em 81 centésimos de segundo ao fazer 2 m 36,90 s contra 2.37,71 que era o anterior e lhe pertencia.

Por sua vez, Sérgio Pinto (Benfica) fez 2 m 39,60 s melhor 50 centésimos de segundo que o anterior.

FEMININOS — Infantis: Teresa de Sousa, Algés, 8 m 10,40 s; Benfica, 7.56,50; JUNIORES: Liliana Santos, Benfica, 7.37,10; SENIORES: Lurdes Silva, Desp. C. Piedade, 8.24,20.

MASCULINOS — Infantis: Sérgio Pinto, Benfica, 7 m 50,00 s; JUVENIS: João Santos, Benfica, 7.02,60; JUNIORES — Carlos Modesto, Algés, 7.02,10;

SENIORES — Paulo Frischknecht, Algés, 6.41,90.

O nadador soviético Alexander Sidorenko estabeleceu novo máximo mundial dos 200 metros estilos masculinos, no decurso dos campeonatos nacionais do seu país, nadando a distância em 2.05,24. O anterior máximo pertencia, desde Agosto do ano passado, ao canadiano Graham Smith, com 2.05,31.

ATLETISMO

Como já se desenhava há longo tempo, em face do patente desinteresse do atleta em enquadrar-se no esquema geral de preparação, o maratonista Anacleto Pinto (Académico de Viseu) foi desligado do programa olímpico de apoio.

TÉNIS DE MESA

A turma de tenistas de mesa do Sporting conquistou a «Taça Imprensa», na categoria de infantis.

TIRO COM BALA

Disputaram-se os Campeonatos Nacionais de Tiro com Armas

de Guerra, nas modalidades de pistola de guerra, carabina de «standard» a 300 metros e de pistola ou revólver de grosso calibre, este pela primeira vez em Portugal. Resultados do Campeonato de Pistola de Guerra: 1.º, subchefe André Antunes (PSP-Lisboa), 504 pontos; 2.º, alferes miliciano Sousa Alves (DSEFE), 504; 3.º, tenente-coronel Francisco Martins Vicente (DSEFE), 499.

Campeonato Nacional de Carabina de «Standard», a 300 metros: 1.º, cap. Santos Aguda (DSEFE), 507 pontos; 2.º, guarda Armando Coelho Pinto (PSP-Porto), 499; 3.º, major João Luz da Palma (BOTP-1), 494.

Campeonato Nacional de Pistola ou Revólver de Grosso Calibre (UIT): 1.º, subchefe André Antunes (PSP-Lisboa), 567 pontos; 2.º, sargento-fuzileiro Henrique Madail (CEFA), 570; 3.º, major Mário de Fátima Mendes (DSEFE), 566.

Entretanto, em face dos resultados obtidos, ficaram pre-seleccionados para o 42.º Campeonato Mundial de Tiro, que se disputará em Seul (Coreia do Sul) entre 25 de Setembro e 5 de Outubro próximos, os atiradores cap. Santos Aguda, subchefe André Antunes, sargento Henrique Madail e major Mário Fátima Mendes.

TOTO BOLA jogue connosco

Duisburg - Rapid Viena	1
Norrköping - Bohemians	1
Odense - Kaiserslautern	2
Slavia Praga - Innsbruck	1
Grasshopper - St. Liege	X
Malmö - Zurique	1
L. Kosice - Bryne	X
Sturm Graz - F.C. Sion	1
Esbjerg - Tatra Presov	2
Young Boys - Wiener	1
Ilieştroi - Nathanya	2
Vojvodina - Start	1
Pirin - Grazer AK	1

Datas das taças europeias

As taças europeias de futebol, cujo sorteio da primeira eliminatória se realizou em Zurique, iniciam-se em 13 de Setembro próximo.

O calendário é o seguinte: Primeira eliminatória (Campeões, Taças e UEFA): 13 e 27 de Setembro; segunda eliminatória (Campeões, Taças e UEFA): 18 de Outubro e 1 de Novembro; Terceira eliminatória («Taça UEFA»):

22 de Novembro e 6 de Dezembro; quartos-de-final (Campeões, Taças e UEFA): 7 e 21 de Março de 1979; Meias-finais (Campeões, Taças e UEFA): 11 e 25 de Abril de 1979; Final da «Taça UEFA»:

9 e 23 de Maio de 1979; Final da «Taça das Taças»: 16 de Maio de 1979; Final da «Taça dos Campeões»: 30 de Maio de 1979.

VENDE-SE

Um terreno com 40.000 m2 aproximadamente, em Breaças de Canes a 7 km. de Setúbal, com casa de habitação, água, casa de gado, horta—oliveira, vinha etc. Inf. Telf. 29700 — Algeruz-Gare.

LONDRES 1 SEMANA

FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS em avião especial TAP;
SÉRIE «A» Domingos
Junho 4, 11, 18, 25
Julho 2, 9, 16, 23, 30
Agosto 6, 13, 20, 27
Setembro 3, 10, 17, 24
SÉRIE «B» 52ª feiras
Julho 6, 13, 20, 27
Agosto 3, 10, 17, 24, 31
Setembro 7, 14, 21, 28

Preço excepcional desde 6
6.650\$
* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da GAZETA»

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA Av. da Liberdade, 160 Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 317921
COMBRIA Rua da Sota, 2 Telef. 210112
FARO Rua Cons. Bivar, 65 Telef. 250116
FUNCHAL Rua do Gorgulho 1 Telef. 310778

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Jorge Amado no Algarve

Jorge Amado está em Portugal com arraiais assentes no Hotel Tivoli, desde o princípio do mês. Não tem sido muito visto porque tem andado em viagem para rever os muitos amigos espalhados por esse país fora e em Espanha. Esteve em Viseu, esteve na Galiza e segue hoje para o Algarve, de donde só virá na quinta-feira.

A viagem teve dois fins: passar um mês de férias e assistir à inauguração da exposição de gravuras do artista brasileiro Calazans Neto na Biblioteca Nacional. Calazans Neto ilustrou os dois últimos livros de Jorge Amado e é um dos seus melhores amigos. Sem querermos ser indiscretos podemos acrescentar que o grande escritor brasileiro acaba de escrever um prefácio para o catálogo de uma exposição que os Serviços Culturais do Casino do Estoril estão a montar das obras do barrista José Franco, de Mafra — outro grande amigo de Jorge Amado.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.ª Vara

ANÚNCIO
Proc.º 9 329
2.ª Publicação

No dia 9 de Outubro próximo, pelas 14 horas e meia, à porta do Tribunal da 1.ª Vara Cível de Lisboa — 2.ª secção —, e pelos autos de execução ordinária que, Abílio Dias Cardoso, move contra Cogenco-Compagnia Geral de Estudos Industriais, SARL, e outro, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados pelo maior lance oferecido acima do seu valor, o seguinte:

1.º O crédito da quantia de 5 646 526\$80, reclamado pelo executado Francisco José Sousa Machado, nos autos de reclamação de créditos, apensos à falência de Cogenco, SARL, pendente na 1.ª secção da 6.ª Vara Cível de Lisboa, com o n.º 3 398-A.

2.º A quota parte que o executado Francisco José Sousa Machado tem no crédito de 226 500 000\$00, reclamado nos mesmos autos por aquele executado e sua família.

AMBOS OS CRÉDITOS VÃO À PRAÇA PELOS SEUS VALORES NOMINAIS.

Lisboa, 26 de Junho de 1978
O Juiz Corregedor,
(José Artur Pessoa Monteiro Marques)

O Ajudante de Escrivão,
(Francisco Manuel Lopes)



Jorge Amado ao lado do gravador brasileiro Calazans Neto, no acto inaugural da exposição deste artista, aberta ao público na Biblioteca Nacional

Premio Gulbenkian de Ciência

A semelhança dos anos anteriores, a Fundação Gulbenkian, promoverá, no próximo ano, a atribuição do Prémio de Ciência e Tecnologia — 1978, iniciativa daquela instituição que visa estimular a criatividade no trabalho de investigação no nosso País. Atribuído pela primeira vez, em 1977, em relação a trabalhos do ano anterior, o prémio Gulbenkian, no valor de cem contos, foi destinado, nos termos do regulamento, a Ciências da Natureza tendo contemplado este ano trabalhos de índole tecnológica.

Para o próximo concurso, nos termos regulamentares, serão considerados estudos sobre Ciências Lógico-Dedutivas, que serão recebidas até ao final do ano corrente, fazendo-se a respectiva classificação, como de costume até ao fim do primeiro trimestre de 1979.

ROTEIRO CULTURAL

Arnaldo Ferreira, um pintor que não se integra em movimentos, que não pertence a escolas e que desconhece teorias, mas que de quando em quando mete um pedaço de Lisboa nas suas telas, expõe no salão nobre do Palácio Galveias. A Lisboa nocturna das vielas esconsas, dos largos iluminados pela lua, e do Tejo das barcas, faz parte do mundo deste pintor, que é um dos últimos boémios cidadãos. Se não conhece a pintura de Arnaldo Ferreira vá ao Palácio Galveias ver uma Lisboa mais sonhada do que real que está lentamente a desaparecer do mapa.

Abre hoje ao público, no Teatro Municipal do Funchal, a exposição «Funchal, 500 anos de porto», organizada pela Comissão de Actividades Culturais da CMF, com o patrocínio do Museu da Marinha. O historiador António Aragão procederá à abertura da exposição.

Os estudantes estrangeiros que frequentam o 54.º Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra podem hoje à noite ouvir música de autores nacionais e estrangeiros de todas as épocas no decorrer de um concerto que lhes é oferecido pelo Choral Poliphónico de Coimbra, no Museu

Machado de Castro, às 21 e 15.

A exposição a um tempo iconográfica e bibliográfica que a Secretaria de Estado da Cultura organizou para evocar a vida e a obra de Herculano está aberta ao público, a partir de hoje, em Viseu, na sede dos Bombeiros Voluntários. Manuela de Azevedo, que faz parte da Comissão Organizadora do Centenário das Comemorações da Morte de Herculano, abrirá a série de conferências que serão proferidas sobre Herculano enquanto a exposição estiver patente ao público. Manuela de Azevedo falará sobretudo das grandes polémicas em que Herculano participou e muito especialmente da que manteve com Paulo de Morais.

A EFACEC leva hoje à cena, no Teatro Garcia de Resende, de Évora, a peça «As espiúgas da tia Carrar», de Bertolt Brecht. A representação está marcada para as 21 e 30. O grupo de teatro do Centro Cultural de Évora, por sua vez, leva hoje à cena em Arraiolos as peças «O que diz sim/o que diz não», de Brecht, e «A Noite dos visitantes», de Peter Weiss.

Prossegue em Setúbal, o III Festival de Teatro com a representação do texto colec-



Herculano, figura e tema para Viseu

tivo «Quatro dias de viagem desde aqui até à terra do homem novo». A representação é levada a cabo pelo Grupo de Teatro «A Centelha», de Viseu.

«Almada, mês de Julho — o quê?». A resposta é simples: calor, gente a fugir para as praias e, no teatro da Academia Almadaense, a peça «As aventuras de Till Eulenspiegel» posta em cena por Joaquim Benite e representada pelo Grupo de Teatro de Campolide. Trata-se de um acontecimento que nos sentimos obrigados a realçar, tanto mais que a estreia está para breve.

Outra estreia já anunciada é a da peça «Woizeck», que estará em cena no Teatro do Bairro Alto a partir de sexta-feira.

Tem hoje lugar nas Caldas de Vizela (Guimarães) a tradicional romaria de São Bento das Peras. Os devotos têm de «pagar» os benefícios obtidos com ofertas de cores brancas, nomeadamente ovos, galinhas, flores, etc, e têm de pintar de branco os rochedos que rodeiam a capela da localidade.

Os amadores de música do Algarve estão de parabéns porque podem ouvir hoje, um concerto dado pela Orquestra Gulbenkian, que actuará em Olhão, na Igreja da Nossa Senhora do Rosário.

Continuam abertas ao público as exposições de Sérgio Pombo (Sociedade Nacional de Belas-Artes), Mário Elias (Galeria Opinião), à Rua Nova da Trindade), Giorgio Morandi (Fundação Gulbenkian), Augusto Barros (Galeria Tempo, à Rua Nova de S. Mamede), Martins Correia (Grémio Literário) e Manuel Baptista (Galeria 111, ao Campo Grande).

Indicações para os amadores de cinema que não têm de estar a trabalhar «de cabeça fresca» amanhã de manhã: à meia-noite estes privilégios podem ver, no Apolo, «Os amores de uma adolescente», no Cinebolso «O guarda-costas» e no Cine-City «Um italiano em Angola».

rádio

1.º Programa

18.10: Hoje respondemos por música, por António Vitorino d'Almeida — orquestras; 19.00: Poemas e poemas — música portuguesa; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Conjuntos; 21.00: 6.º episódio do folhetim «A Roça», de Fernando Reis, numa adaptação de Judite Navarro; 21.20: Contraponto; 24.00: Último jornal; 00.20: Jazz; 00.30: Vozes na noite; 01.00: Música na noite (RDP/Centro).

2.º Programa

17.50: Música sinfónica; 19.00: Música portuguesa; 20.00: Música de câmara; 21.10: Ópera; 22.30: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: Intercâmbio musical; 23.45: Música coral sinfónica; 01.00: Fecho.

3.º Programa

Nacional e Regional (294m)

18.00: Vertical; 18.20: Prevenção e saúde, pelo dr. José Matilides; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.30: Vertical-trânsito; 20.15: Vertical-filatélico, por Carlos Oliveira; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Suplemento — quando o telefone toca; 23.05: NOvas de alegria; 24.00: Suplemento (continuação); 00.05: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; 00.15: Dia a dia com o passado; 01.05: Tempo internacional; 02.00: Fecho.

3.º Programa

Local (187,5m)

16.00: Convite; 18.00: Compasso; 18.15: Sal e pimenta (repetição); 18.45: Olça o que não leu; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa

Emissão Total em Estereofonia

16.00: Gong; 19.00: Em órbita; 20.00: Forum, realização de Jorge Lopes; 22.00: Auditório; 00.00: Prisma, realização de Fernando Quinas — o homem no tempo, programa de antropologia, produção de João de Sousa Monteiro e João David Nunes; 02.00: Fecho.

RÁDIO NENASCENÇA

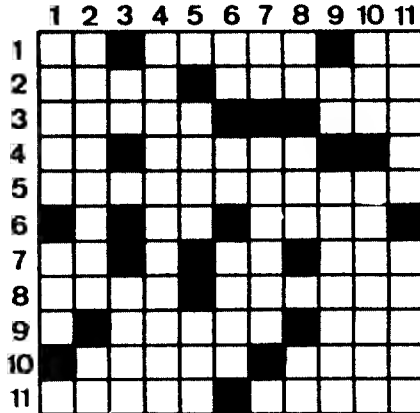
18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.53:11: Apelos; 21.05: Curso de Língua Alemã; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.30: Dicionário de economia; 23.55: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 086

HORIZONTAIS:

- 1 Apellido. Lapa. Cento e cinco em romano.
- 2 Vila e concelho do distrito de Aveiro. Tira de pano grosseiro.
- 3 Aparentes. Desgraça.
- 4 Basta. Mesura.
- 5 Guardaria. Em a. Rezas.
- 6 Em a. Rezas.
- 7 Sódio (s.q.). Artigo definido. Maior.
- 8 Gostar muito de. O mesmo que rãmbola.
- 9 Trilha. chiste.
- 10 Verdadeiros. Maneira.
- 11 Mamífero afim da foca. Factos.



VERTICAIS:

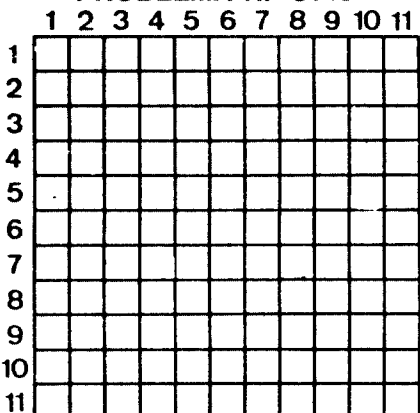
- 1 Canta. Recusa.
- 2 Despachariam. Letra grega.
- 3 Amónio (s.q.). Gaudes de nascimento, um dos melhores oradores latinos do século I.
- 4 Acautelarias.
- 5 Enxuta. Fecha as asas para descer mais depressa.
- 6 Compaixão. Em a. Rogas.
- 7 Estrépto de desmoronamento. Velhas.
- 8 Clima. Rio da Suíça. Rum.
- 9 Proposição. Que têm ramos.
- 10 Partido. Separado de outro.
- 11 Mudança. Pouco densos.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8146

HORIZONTAIS:

- 1 Vento Sul. O mesmo que cascavel (cobra) (Bras).
- 2 Mamífero desdentado espécie de tatu. Cruéis.
- 3 Couso fabulosa e rara. Apupas.
- 4 Ligo. Artigo indefinido.
- 5 Batráquio. Indivíduos que vivem em manobias.
- 6 Monarca. Fúteis.
- 7 Senhor.
- 8 Ponha a embarcação em rumo. Prendera.
- 9 Aves pernaltas. Períodos.
- 10 Pátria. Burla.
- 11 Planta vivaz e medicinal. Ilha do mar Jónio.



VERTICAIS:

- 1 Cidade da Bélgica. Espiga.
- 2 Entender. Artigo indefinido.
- 3 Gago. Calculara a olho.
- 4 Rezo. Serra de Portugal.
- 5 Amónio (s.q.). Porco.
- 6 Mil cento e cinco em romano. Quarto. Oferecer.
- 7 Arara. Petizos.
- 8 Mulheres que têm o cabelo avermelhado. Cobre.
- 9 Pega. Cartas geográficas.
- 10 Transpiração. Casta.
- 11 Ouro (s.q.). Manuscrito. Casamento vantajoso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 085

HORIZONTAIS:

- 1 HÓSPEDES
- 2 Perdidas.
- 3 Moera Saa
- 4 Idas. NS
- 5 Craval. Oito.
- 6 Asco Amarou
- 7 Amo Ema.
- 8 Amoirar. Er
- 9 Tarada
- 10 Ag Are Idas
- 11 Saira. Azmic

VERTICAIS:

- 1 EM CASA. As
- 2 Rs. Miga
- 3 Operação.
- 4 Ser Vonitar.
- 5 Praia. Orara
- 6 ED DIA. Era
- 7 Dita Mera
- 8 Dê. Soam Diz.
- 9 Sás Ira Adi.
- 10 SANTO E. Am
- 11 Asou. Riso

Provérbo: HÓSPEDES EM CASA, DIA SANTO É.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8145

HORIZONTAIS:

- 1 Baba Trocar
- 2 Amor. Iago
- 3 Anularas
- 4 Ada. Sonas
- 5 Ro. Má. Oao.
- 6 Arrasta. Srs
- 7 Ir Ama
- 8 Pacato
- 9 Lama. Almada
- 10 Ar. Dá. Arcar.
- 11 Salotas Asa

VERTICAIS:

- 1 Ba. Aran Lás.
- 2 Amador. Pará
- 3 Bona Riam
- 4 Aru. Mercado
- 5 As. Ai
- 6 Tias Tata
- 7 Raro Amolas
- 8 Ogano Mi
- 9 Cossas. Caça
- 10 Airó Dás
- 11 Russos. Para

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	21º
BRAGANÇA	16º
V. REAL	19º
PORTO	18º
P. DOURADAS	14º
COIMBRA	19º
PORTALEGRE	21º
LISBOA	19º
ÉVORA	18º
SINES	
BEJA	19º
SAGRES	17º
FARO	21º
P. DELGADA	18º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

F. DE C. RODRIGO	
Máxima	27,5º
MONTALEGRE	
Mínima	9,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.33 3,5 m	
18.46 3,6 m 12.09 1,4 m	
Dia 12	
7.16 3,4 m 0.41 1,4 m	
9.31 3,5 m 12.59 1,5 m	
Dia 13	
8.08 3,3 m 1.35 1,5 m	
20.29 3,6 m 14.00 1,6 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco soprando durante a tarde moderado de Norte na Faixa Costeira a Sul do Cabo Carvoeiro; ligeira subida de temperatura.



NASCE AS 6.21
OCASO AS 21.03



DIA 13 DIA 20 DIA 26 DIA 4

Cinemas

Lisboa

Turno 28

Até às 22 horas

ANDRADE — Rua do Alecrim, 125. Tels. 322328-323443; **ASCENSO** — Pr. Norte, 11-A (B. Encarnação) T. 311216; **BENFILIZ** — Estr. da Benfca, 444-A Tel. 782606; **CARRONDO** — Rua Padre Sena de Freitas, 10-A Tel. 842518; **CONCEIÇÃO** — Calç. D. Gastão, 30-32. Tel. 381279; **DOURO** — Alam. Linhas de Torres, 93-A-B Tel. 791131; **EDUARDO A. CÉSAR** — Ruadas Trinas, 102 Tel. 662631; **ESTEFÂNIA** — R. Pascoal de Melo, 90 Tel. 44438; **FRAZÃO** — Rua Portas de Santo Antão, 70 Tel. 328180; **GOMES SUCH** — Rua da Junqueira, 326 Tel. 638193; **INFANTE SANTO** — Rua do Olival, 290 T. 661003; **MARLUZ** — C. da Picheleira, 140-B-C Tels. 720703-728395; **NOVA** — Rua de Campolide, 297-C Tel. 687475; **MUNES** — Rua Ângela Pinto, 32 Tel. 549756; **OLIVAIS (dois)** — R. Alves Gouveia, 19 Tel. 311237; **PINHEIRO** — Rua Campo de Ourique, 131-133 Tel. 686640; **RIO DE JANEIRO** — Av. Rio de Janeiro, 4-C Tel. 721409; **RONIL** — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 Tel. 683438; **SÁ DA BANDEIRA** — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 Tel. 54672; **SALUTAR** — Rua Conde de Redondo, 9-B Tel. 533411; **SANTA MARIA** — Av. 5 de Outubro, 283-A Tel. 763016; **SANTO ANTONIO** — Rua Leite de Vasconcelos 72-C Tel. 862333; **S. BARTOLOMEU** — V. Paulo Jorge, 1. Tel. 790969; **UNIÃO** — Rua Saraiwa de Carvalho 145-F Tel. 663643; **S. MAMEDE** — Rua Escola Politécnica, 82-B Tel. 660280; **VERA CRUZ** — Pr. Afrânio Peixoto, 2-B Tel. 724941; **ZIL** — Av. da Igreja, 9-D Tel. 891780.

Permanente

ANDRADE — Rua do Alecrim, 125. Tels. 322328-323443; **BENFILIZ** — Estr. da Benfca, 444-A Tel. 782606; **EDUARDO A. CÉSAR** — Rua das Trinas 102 Tel. 662631; **INFANTE SANTO** — Rua do Olival, 290 T. 661003; **ESTEFÂNIA** — R. Pascoal de Melo, 90 Tel. 44438; **RIO DE JANEIRO** — Av. Rio de Janeiro, 4-C Tel. 721409; **OLIVAIS (dois)** — Rua Alves Gouveia, 19 Tel. 311237; **PINHEIRO** — Rua Campo de Ourique, 131-133 Tel. 686640; **SANTA MARIA** — Av. 5 de Outubro, 283-A Tel. 763016.

NOTA — As farmácias que estão em serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 Tel. 2750271; **COVA DA PIEDADE** — Cerveira Afonso — P. 5 de Outubro, 18 Tel. 2750254; **LARANJEIRO** — Feijú — R. Borges Rego, 7 Tel. 2490911; **COSTA DA CAPARICA** — Higienica — Av. da República, 23 Tel. 2400020; **SESIMBRA** — Leão — Av. da Liberdade, 13 Tel. 2233471; **BARREIRO** — Pimenta — Av. do Boccage, 65-A Tel. 2074771; **SEIXAL** — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 Tel. 2218560; **MONTIJO** — Higienica — R. José Joaquim Marques, 142 Tel. 2310370; **MOITA** — União Moitense — Av. dr. Teófilo Braga Tel. 239285; **ALHOS VEDROS** — Gu-

mão — R. Cândido dos Reis, 30 Tel. 20420; **ALCOCHETE** — Gamaleiro — L. António dos Santos Jorge, 15 T.234100.

Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo — Av. Comb G. Guerra, 64 Tel. 2112070; **ALCABIDECHÊ** — Carvalho — Até às 21 horas; **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até às 21 horas; **CAXIAS** — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A Tel. 242839. Até às 22 horas; **CARCAVELOS** — Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas; **VILAR** — Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. Saboia, 29-B Tel. 260085. Até às 21 horas; **OEIRAS** — Alcântara Guerreiro — P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 Tel. 2430691. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS** — Leste — Até às 21 horas; **PARADE** — Grincho — Av. da República, 87 Tel. 2471204. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** — Junqueiro-Mendes — Até às 21 horas; **S. PEDRO DO ESTORIL** — S. Pedro — R. 9 de Abril, 24 Tel. 263052. Até às 21 horas; **AMOREIRA** — Amoreira — Tels. 262313/267314. Até às 22 horas; **CASCAIS** — Cascais — R. Conde Monte Real — B.º Caxias Tel. 282407. Até às 21 horas; **Misericórdia** — R. Regimento 19, 41 Tel. 280141. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 Tel. 930019. Permanente; **NOVA** — R. Elias Garcia, 10 Tel. 972530. Até às 22 horas; **DAMAIA** — Damala — P. Alexandre Gusmão, 9-A Tel. 970523; **QUELUZ** — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 Tel. 950117; **CAMARATE** — Nova — R. Cid. Lisboa, 94 Tel. 2518726; **CACÉM** — Central — R. Elias Garcia, 55 Tel. 2940034; **MEM MARTINS** — Miranda Garcia — Est. Mem Martins, 173-B Tel. 2914103. Permanente; **AGUALVA-CACÉM** — Mira Sintra — P. N-Torre, 310 Até às 20.30 horas; **MERCES** — Claro Ruao — Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** — Riomouro — Av. Oscar Monteiro Torres, 8 Tel. 2960194. Até às 23 horas; **SINTRA** — Marrazes — Estefânia Tel. 2930058. Permanente; **COLARES** — Abreja — Tel. 299088.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

BOAVISTA — Rua da Boavista, 601 Tel. 25443; **COSME** — Rua de Costa Cabral, 584 Tel. 481511; **S. DINIS** — Rua de S. Dinis, 428 Tel. 482281; **SOEIRO** — Rua de Santos Pousada, 71 Tel. 51370; **VITALIA** — Pr. da Liberdade, 34 Tel. 24133; **ANTUNES** — Rua do Bonjardim, 485 Tel. 27936; **PEREIRO** — R. da Preciosa, 35 Tel. 10227.

(De dia e toda a noite)

NACIONAL — Rua Senhora da Luz, 156 Foz Tel. 680833; **ALBERTO FERREIRA** — Rua da Estação 100 T.51302; **ANTERO DE QUENTAL** — Rua Antero de Quental, 520 Tel. 485048; **HERCULANO** — Rua Alexandre Herculano, 384 Tel. 22943.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

SANTA ISABEL — Av. Sá da Bandeira 28 Tel. 24916; **DUARTE** — Calç. de St.ª Isabel, 46 Tel. 22396.

Cinemas e programas

CINE

803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A — As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30 horas

007 ORDEM PARA MATAR

Não acons. men. 13 anos

Sala B — Não acons. men. 13 anos
As 15. 17. 19. 21.30 e 23.30

ANNIE HALL

Com Woody Allen

ALVALADE

897480

Av. de Roma

As 15.15, 18.15 e 21.30

VIVA KNEIVEL

Com: Evel Knievel, Gene Kelly, Lauren Hutton, Red Buttons
Colondo — Não acons. men. 13 anos

APOLO

763319

Av. Julio Dinis, 10-A

4.ª semana
As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
A obra prima do cinema alegre!

HA FESTA NA ALDEIA

um filme de Jacques Tati

Para todos

Hoje às 23.30 horas — (18 anos)
Música em Cinema

OS AMORES DE UMA ADOLESCENTE

De Miklos Forman

AVIS

547163

Av. Duque D'Avila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos

VIVA KNEIVEL

Evel Knievel joga os seus nervos de aço e as suas rodas num desafio impossível!

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar

As 14. 16.30, 19 e 21.30 h.
Lee Marvin, Oliver Reed e Elizabeth Ashley

No mais divertido «Western» do ano!

BARAFUNDA NO FAROESTE

Um filme de Don Taylor — Colorido

Não acons. men. 13 anos

CALEIDOSCOPIO

795093

Campo Grande

7.ª semana
Sessões às 14.00, 17.30 e 21.00h

DOUTOR JIVAGO

Omar Sharif, Geraldine Chaplin, Julie Christie
um filme de David Lean

Technicolor

Não acons. men. 13 anos

CASTIL

580194

Rua Castilho

2.ª semana
As 15.30, 18.30 e 21.30

Uma comédia alucinante de Peter Bogdanovich, com Barbara Streisand e Ryan O'Neal

QUE SE PASSA DOUTOR?

(What's up, doc?)

Não acons. men. 13 anos

Agora em versão integral

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
As docas feras de uma inocente jovem de 16 anos

FELICIA

Interdito a menores de 18 anos

As 24 horas — (18 anos)

O GUARDA-COSTAS

Com Sony Chiba e Aaron Banks

CINE CITY

Rua Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.
«O HOTEL DA PRAIA»

Myrian Boyer, Francis Lemaier

Não acons. men. 13 anos

As 23.45 h. — (18 anos)

Cinecontro

UM ITALIANO EM ANGOLA

Ettore Scola

CONDES

327523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30h

ADEUS AMIGO

com Bronson-Deleon

Int. men. 13 anos

DOIS MIL

Av. Bombeiros Voluntários

Lote 113 — Algés

As 15.30, 18 e 21.30

Para todos

«O GRANDE RESTAURANTE»

com Louis de Funès

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial — Damaia

As 21.15 — (13 anos)

AMOR É VIDA

Drama indiano

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
A mais moderna criação em artes marciais

Interdito a menores de 13 anos

MARCO POLO

ESTUDIO

555135/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30

Int. men. de 18 anos

O assassino é a sua religião

E tudo o que verá e a realidade!

O CASO SHARON TATE

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83

As 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. a men. 13 anos

«A PONTE DO RIO KWAI»

c/ William Holden, Alec Guinness

7 «Oscars» da Academia

Atenção: O filme começa logo apos o início do espectáculo

EUROPA

661016

R. Almeida — Sousa, 35

As 15 horas — (13 anos)

DOUTOR JIVAGO

Com Geraldine Chaplin, Julie Christie e Omar Sharif

As 15 horas — Última exibição (10 anos)

A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

IMPERIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30 h

Interd. a men. 13 anos

FRANCO NERO é

«KEOMA»

um filme de Enzo Castellari

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos

Jane Fonda, Vanessa Redgrave e Jason Robards
15.ª semana

Galardoado com 3 Oscars e 2 Globos de Ouro
JULIA

Real. Fred Zinnemann

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

As 15, 18.15 e 21.30 horas
SINBAD E O TIGRE

Não acons. men. 13 anos

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrão, 12-A

As 15.15, 18.30 e 21.30 h.
«O EXTRAVAGANTE DOUTOR DOLITTLE»

Um filme de rara originalidade e incomparável beleza!

Rex Harrison, Samantha Eggar, Anthony Newley
Para todos

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

15, 18 e 21.15 horas

NASHVILLE
de Robert Altman

Int. menores de 13 anos

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7

As 15.15 e 21.15 horas
Um trabalho de arte e beleza!

UM AMERICANO EM PARIS
Com Gene Kelly e Leslie Caron

Para todos

ODEON

326283/4

R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.15 h.
Int. men. 18 anos

Cenas eventualmente chocantes
JUSTINE
De Sade

OLYMPIA

325309

Rua Condes, 11 a 23

Sessões continuas a partir das 14.00 horas

CHINA GIRL
O dragão, uma força oriental que usa como tortura o sexo

Interdito a menores de 18 anos
Contem cenas event. chocantes

PATHÉ

821933

R. Francisco Sanches, 122

3.ª semana
As 14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sadhana, Sanjay, Balraj Sahni em
O FILHO DO PECADO

um filme de Devendra Goel
Eastmancolor

Não acons. m. 13 anos

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.ª Antão

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h.
Interd. a men. 18 anos

«MALÍCIA»
com Laura Antonelli

QUARTETO

771378

R. Flores do Lima, 16

SALA 1—As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 horas

Não acons. men. 18 anos
BONNIE E CLYDE

SALA 2—As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 horas

Não acons. men. 13 anos
FRANKENSTEIN JUNIOR

SALA 3 — As 15, 18, 21 e 23.30
Interd. men. 13 anos

A CONFISSÃO
Realiz. Costa-Graves

SALA 4—As 15, 17, 19, 21 e 23 h
Interd. a men. 18 anos

CONTOS IMORAIS
Realiz. Valerian Borowczyk



REMANESCÊNCIA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1
TELEFONES 58531/2/3
REDAÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TECHNICS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5 302271/2/3
302228, 312, 41/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTO: 321154 PUBLICIDADE 308746
REDAÇÃO: 321154 PUBLICIDADE 302229
ENDERECO TELEGRAPHICO: DBOA, TEL. 12363
LISBOA - PORTUGAL

NOMEADO POR EANES

Galvão de Figueiredo presidente do STM

O general Galvão de Figueiredo foi nomeado presidente do Supremo Tribunal Militar, por decisão do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Segundo informação divulgada pela ANOP, aquele oficial, que hoje mesmo passou à situação de reserva por ter atingido o limite de idade, assegurará o exercício do cargo de ministro da República para os Açores, enquanto lhe não for encontrado um substituto.

MOTA AMARAL

Entretanto, está desde ontem à noite em Lisboa o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, que na capital prosseguirá os contactos com vista à concretização do regime da autonomia.

Em declarações feitas aos jornalistas, Mota Amaral recusou as críticas feitas ao seu encontro com Mondale, o vice-presidente americano, salientando que o Governo Regional «é parte legítima nestas questões».

Pinheiro de Azevedo condenado

BRAGANÇA, 11 — O tribunal civil desta cidade condenou ontem, em acção sumariíssima, o almirante Pinheiro de Azevedo a pagar uma quantia de cerca de doze mil escudos, tanto quanto o constante da prova feita, ao seu mandatário na campanha eleitoral de 1976, o escrivão de direito Altino de Jesus Ramos.

U.R.S.S.

VIAGENS DE TURISMO COM
VISITAS SOCIAIS - 1 SEMANA

Partidas incluindo MOSCOVO e
Jul. 18 KIEV-VOLGOGRADO
25 KIEV
Ago. 1 TALLIN-LENINEGRADO
8 ODESSA-KIEV
15 LENINEGRADO
22 LENINEGRADO-KIEV
22 KIEV
29 LENINEGRADO-KIEV
Set. 5 LENINEGRADO
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições das
15h às 20h na
**ASSOCIAÇÃO
PORTUGAL-U.R.S.S.**
R. S. CAETANO, 30 - TEL. 601099-601199-601124
ORGANIZAÇÃO DA **MUNIRAMA**

JOGOS MAPLES E SOFAS-CAMA

COMPRE NO FABRICANTE

TEMOS EM EXPOSIÇÃO MUITOS MODELOS

REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS

AV. ALMIRANTE REIS, 110 (PERTO DO CHILE)

A TRÊS CONTOS POR INSTALAÇÃO ATÉ 1981

Mais 275 mil linhas telefónicas nas zonas de Lisboa e Porto

Os CTT-TLP irão lançar uma campanha de comunicação junto do público, sob o «slogan» — «Ajude-nos a servi-lo melhor, utilizando bem o telefone», com o objectivo de reduzir as actuais deficiências da rede nacional através da correcta utilização dos telefones, segundo foi ontem à tarde anunciado durante uma conferência de Imprensa pelos responsáveis de alguns sectores daquelas empresas. O personagem central desta campanha será o pássaro «Trim-Trim», já apresentado ao público nas novas listas telefónicas, o qual servindo-se dos vários órgãos de Comunicação Social, cartazes, paragens de autocarros e autocolantes, irá dar vários conselhos, para que o telefone passe a ser utilizado de forma mais racional, em benefício de todos.

No decorrer da reunião seria revelado que os CTT-TLP irão investir 17 milhões de contos até 1981 e que, a partir de 1980, as chamadas urbanas passarão a inserir-se no regime de períodos de contagem, como já acontece com as restantes.

Comentando o recente aumento das tarifas dos telefones, o dr. Norberto Pilar, administrador dos CTT-TLP afirmou que se tornava necessária a sua aplicação para que aquelas duas empresas não entrassem, no ano corrente, numa situação deficitária. Preciso, no entanto, que o aumento do preço do impulso foi superior ao que estava programado, devido a alterações verificadas nos domínios cambial, taxa de juros e massa salarial.

De entre as acções de renova-

ção e reforço de infra-estruturas dos TLP-CTT, os seus responsáveis destacaram a profunda reorganização que está a ser operada no sistema nacional de telecomunicações.

Assim, prevê-se para o quadriénio de 1978-81 a instalação de 347 500 telefones, o que representa um acréscimo de 30 por cento em relação a 1977, com redução da lista de espera a 10 por cento no fim desse período. Serão também montados 4300 postos públicos, elevando-se o total em serviço a 16 300 (acréscimo de 35 por cento relativamente a 1977). Está projectada, para o efeito, a construção ou ampliação de cerca de 300 edifícios com 30 por cento de acréscimo de capacidade em relação aos existentes.

Com a montagem e ampliação de 110 estações, Lisboa e Porto terão um acréscimo de capacidade de 275 mil linhas e para as restantes áreas do País prevê-se um acréscimo, até 1981, de 269 mil linhas de rede.

A automatização, que actualmente atinge cerca de 95 por cento da rede, ficará completa em 1981 com a alteração das 149 redes que ainda funcionam em sistema manual. Nos trabalhos a realizar na rede interurbana, destaca-se a construção de novas estações distribuidoras no Porto, Coimbra, Faro, Torres Novas, prevendo-se a entrada em funcionamento em 1980 da estação de Lisboa, já em construção na zona de Picoas.

No âmbito da campanha «utilize bem o telefone», recomendam os CTT-TLP que se seja breve ao telefone, sobretudo nos

organismos oficiais e empresas; que se procure fazer as chamadas interurbanas não urgentes, das 12 às 14 horas ou no período de tarifas reduzidas, de preferência depois das 21 horas; que antes de marcar o número se aguarde o sinal e que se faça a marcação com cuidado, sem forçar o disco do telefone no seu retrocesso. Quanto aos cabos aéreos, recomenda-se cuidado com as queimaduras, derrube de árvores e com os tiros durante a época da caça, pois estes são os factores que mais contribuem para a sua inutilização. No capítulo dos cabos subterrâneos acontece que os mesmos ficam frequentemente quebrados, devido a escavações, nem sempre feitas com as necessárias precauções.

No plano das inovações programadas pelos CTT-TLP integra-se igualmente o reforço da rede internacional, principalmente com a montagem do novo cabo submarino Portugal-França (com capacidade para 2500 circuitos), a realização de colaboração com a Rádio Marconi.

«Para a realização deste plano quadriénio», acentuou o eng. Monteiro Lopes, estão previstos investimentos em equipamentos de telecomunicações de cerca de 17 milhões de contos, a preços actuais. Estes investimentos serão aplicados, em aproximadamente 85 por cento, na aquisição de equipamentos fabricados pela indústria nacional.

O serviço de «telex» será igualmente aumentado, com a instalação de 6300 postos, elevando o total em serviço para 9200 no final de 1981.

Julgados autores do "golpe" dos 40 mil contos

PORTO, 11 — No 1.º Juízo Criminal terminou ontem o julgamento do caso da sensacional burla em que são réus Luís Coelho Gonçalves, de 36 anos, supervisor do IARN, e Fernando Emanuel Corte Real dos Santos Pereira, de 35 anos, engenheiro-agrônomo, detidos em Custódias, que confessaram espontaneamente a tentativa que fizeram no sentido de obter verbas, por meio de bancos, com o objectivo de instalar uma fábrica. O facto levantou suspeitas no Banco Fonsecas e Burnay e o Luís Gonçalves foi detido quando pretendia levantar um livro de cheques. A burla, segundo averiguou a Polícia Judiciária, poderia atingir os 40 mil contos.

Os réus confessaram ainda que viviam com dificuldades financeiras. A sentença será lida na próxima segunda-feira, às 14.30 horas.

MADEIRA

DESDE 3300\$00

8 DIAS

Partidas todos os Domingos
De 18/Junho a 15/Octubro

Descontos especiais p/grupos

Inclui:

Passagem Aérea Lisboa-Funchal/Lisboa • Excursões 1/2 dia • Transporte do Aeroporto ao Hotel e vice-versa • Estadia no Hotel, quartos c/banho • Taxas e impostos incluídos • Assistência permanente.

Informações e inscrições:

Agência de Viagem:

CATUR

LARGO DA BIBLIOTECA PÚBLICA 17
101-15 7274 (Lisboa) - LISBOA 2

BULGÁRIA

PAÍS DE TURISMO

maravilhosa viagem de 13 dias

visitando SOFIA, PLOVDIV, KAZANLAK, GABROVO e uma semana na praia no MAR NEGRO

partidas todas as 5. -feiras de Julho a Outubro

TUDO INCLUIDO

peça-nos programa detalhado:

EUROPEIA

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Av. da Liberdade 233 - LISBOA - Tel. 536121

Rua Rosa Araújo 19 - LISBOA - Tel. 561141

Av. Tomas Cabreira - Veneza Santa Ana

Praia de Rocha - ALGARVE - Tel. 23377

membro WATA em Portugal

Sindicatos do Mar endurecem luta a partir de amanhã

A reunião dos representantes da Federação dos Sindicatos do Mar com o ministro dos Transportes e Comunicações, que ontem à tarde se efectuou, não veio alterar a decisão de agravar as formas de luta a partir de amanhã, naquele e sector.

Nas três horas de conversação o ministro ficou inteirado da situação em que se encontram as negociações do contrato e comunicou aos representantes dos trabalhadores a sua intenção de recomendar às empresas que se disponham a fazer nova

reunião com os sindicatos para resolução do problema.

De acordo com um porta-voz da Federação dos Sindicatos do Mar, os representantes dos trabalhadores aguardam agora a convocatória dos administradores para a reunião. No entanto, só um resultado satisfatório desse encontro poderia ainda alterar a posição dos trabalhadores quanto à resolução de recusa de trabalho extraordinário a partir de amanhã, o que terá como consequência a paralisação progressiva de navios nos portos de Portugal continental.

Dirigente eritreu com a Imprensa

Numa missão de «informação e alerta para a situação do Povo eritreu» está em Portugal Ermias Debessai, membro do Comité Central da Frente Popular de Libertação da Eritreia.

Debessai deu hoje uma conferência de Imprensa na sede do CIDAC, onde expôs aos jornalistas presentes a situação actual da luta que a FPLE agora em conjunto com a FLE, vem mantendo com a Etiópia. Este país foi acusado de tentar ocupar militarmente a Eritreia com o apoio (condenado) de Cuba e da União Soviética. Debessai no final da sua exposição, referiu recentes vitórias que as tropas conjuntas da Europa, que não hesitam em condenar a «agressão» etíope, interrogado quanto aos «apetites» dos países imperialistas árabes sobre a região, países por onde são carregadas armas do Ocidente para a Eritreia, confirmou que existe realmente esse transporte clandestino de armas para as forças reaccionárias. Estas, pelo menos antes do acordo com a FLE, — recorda-se — eram identi-

ficadas pela FLPE com a primeira destas organizações.

O acordo celebrado em Março entre organizações ideologicamente (na aparência) antagónicas motivou uma outra pergunta cuja resposta Debessai remeteu para o momento histórico futuro envolvido na interrogação feita, que foi esta: «Dado o acordo entre as frentes, a verificar-se a libertação da Eritreia, não começará imediatamente uma guerra civil?»

Acompanhavam Debessai, na mesa da conferência de Imprensa, Michel Falisse, do Comité Belga de Socorro à Eritreia, e um representante do CIDAC, o qual, num comunicado lido previamente, exprimiu a solidariedade militante desta organização para com a FLPE. No mesmo comunicado se afirma o regozijo do CIDAC «por vermos países socialistas, e especialmente Cuba, aliados do regime militar que governa a Etiópia, desenvolverem esforços no sentido de evitar o agravamento da confrontação armada e de enveredar pelo caminho da negociação».

Mascarados "levantaram" 250 contos de um banco

Quatro homens mascarados com meias pretas na cabeça «levantaram» ontem à tarde, cinco minutos antes do fecho, cerca de 250 contos em dinheiro do Banco Totta e Açores de Sintra. Estavam todos armados de pistola e fugiram da movimentada Rua Heliodoro Salgado num carro azul que testemunhas dizem ser um «Austim Allegro».

O assalto foi praticado com total indiferença pelo local (em frente dos correios e perto do mercado) e pela presumível afluência de público àquela hora (que se confirmou e obrigou os

quatro da quadrilha a mandarem deitar umas pessoas enquanto punham outras de mãos no ar). Só a agência parece ter sido bem escolhida: não dispõe de alarme.

Um guarda da PSP que passava na rua alertou a corporação, que mais tarde envolveu a Judiciária nas investigações. Tem-se como certo que os assaltantes agiram em velocidade mais do que em minúcia, pois limitaram a busca ao dinheiro existente nas caixas.

civilizações islâmicas

viagens especiais com estadia numa magnífica praia dos arredores de ARGEL

Partidas: Junho 7

Julho 5

Agosto 2 e 23

Setembro 13

peça-nos programa detalhado:

EUROPEIA

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Av. da Liberdade 233 - LISBOA - Tel. 536121

Rua Rosa Araújo 19 - LISBOA - Tel. 561141

Av. Tomas Cabreira - Veneza Santa Ana

Praia de Rocha - ALGARVE - Tel. 23377

membro WATA em Portugal

Suíça: Multinacionais em causa

Islândia: Viragem à esquerda

Albânia: O conflito com Pequim

EUA: O plano energético de Carter



■ René Dabernat

□ LE MONDE

O DEBATE ESTADOS UNIDOS - EUROPA

SCHMIDT CRITICA VIVAMENTE WASHINGTON



Helmut Schmidt, chanceler federal oeste-alemão, criticou de um modo muito vivo, em Hamburgo, as posições adoptadas pelos Estados Unidos em matéria económica.

O chefe do Governo de Bona, que participava num seminário organizado por uma fundação ligada ao seu partido, afirmou, nomeadamente, que a política petrolífera e monetária de Washington era «irresponsável».

No decurso da sua intervenção Schmidt criticou igualmente a União Soviética e certos países do Terceiro Mundo.

A ALEMANHA FACE AOS ESTADOS UNIDOS

Entre os Estados Unidos e os seus aliados europeus subsistiam sérios conflitos de interesse no momento em que Brejnev realizou uma importante viagem à República Federal da Alemanha, após ter escrito ao presidente Carter duas cartas pessoais sobre problemas bilaterais e mundiais de segurança. Os ocidentais vão realizar, até meados de Julho, diversas reuniões políticas, militares, económicas e monetárias no sentido de encontrar soluções para os diversos problemas. Pode, contudo, perguntar-se se — pela primeira vez desde 1945 — o que os une continuará por muito tempo a ser mais forte do que aquilo que os divide.

O debate Europa-América alargou-se muito no espaço de um ano. Já não diz apenas respeito às flutuações do dólar, ao relacionamento da produção industrial ou às centrais nucleares, particularmente ao contrato germano-brasileiro. Abarca, actualmente, certos aspectos das conversações americano-soviéticas, as vendas de urânio e, de um modo geral, à maneira como a Casa Branca conduz a política externa e trata os seus amigos. Em quase todos os casos a Alemanha junta-se aos contestatários — o que é um facto significativo. Fá-lo, quer abertamente, como no caso da bomba de neutrões, quer — e para utilizar uma expressão de uma personalidade

de Bona — «deixando aos franceses o papel de dirigentes aparentes no confronto».

É certo que o chanceler Schmidt, para acalmar os alemães, modera no Bundestag as posições que defende em privado. Mas a imprensa de além Reno não se sente manietada pelas razões de Estado. O «Der Spiegel» afirma que o presidente americano é um «religioso exaltado». A «Sueddeutsche Zeitung» qualifica-o de «peso pluma que não sabe o que quer e em cuja palavra não é possível depositar qualquer confiança». Por seu lado, os «Stuttgarter Nachrichten» acusam-no de querer dirigir a Comunidade Europeia «como uma república de opereta da América Latina».

Mesmo se descontarmos as flutuações de humor e o velho fundo de violência germânica, tais posições revelam, sem dúvida, a nova realidade de uma Alemanha de Oeste, agastada com os Estados Unidos, que deixou de ser o aliado modelo que durante tanto tempo foi. O seu povo não voltou a ser o do perpétuo dever, incapaz de se fixar, de que falava Nietzsche. Mas as dúvidas actuais marcam o fim de uma época.

No passado os conflitos de interesses entre os Ocidentais foram ultrapassados quer porque surgiu a guerra fria quando Adenauer levantou a questão de Berlim, quer porque se mantiveram isolados — críticas do general De Gaulle contra Washington — ou limitados, como sucedeu durante as negociações de carácter comercial. Além disso, a América reserva-se sempre o direito de colocar na balança a sua supremacia económica, a solidez do dólar (então contestada) e uma potência militar constantemente ajustada aos imperativos da segurança comum. Finalmente a Alemanha Federal simbolizava e cimentava, através da sua fidelidade sem mácula o sistema transatlântico dirigido pelos americanos. Tudo isso foi verdade até cerca de 1970. Hoje já nada se mantém totalmente como até então.

O pilar oeste-alemão, depen-

dente das outras partes do edifício actualmente abaladas pelas oscilações americanas e as mutações verificadas a nível mundial, perde a sua solidez granítica. É certo que resiste melhor às tempestades do que muitos outros países, inclusive do Leste. Mas a Alemanha Federal não pode manter as suas certezas quando os Estados Unidos parecem mergulhados na incerteza nem conservar intacto o seu nível de actividade, quando o dólar socava os fundamentos financeiros internacionais.

É por isso que, sem substar o papel de outros países e designadamente da França, temos de considerar que as relações Europa-América dependem consideravelmente do clima germano-americano. Este só pode ser compreendido depois do exame das duas grandes componentes que o determinam: o comércio e a segurança.

A Alemanha teve de abandonar o seu antigo papel de potência militar e há trinta anos que aparece como um caso típico de potência comercial. Incansavelmente dedicada a produzir, trocar, prospectar, passa a vida a pensar nos mercados externos. Um em cada três operários alemães trabalha para as exportações. Estas representam metade do volume de negócios da empresa de automóveis Daimler-Benz e dois terços do grupo químico Bayer.

A sua percentagem em relação ao produto nacional bruto é de 26,8 por cento (se tivermos em conta as mercadorias e os serviços). Trata-se de um recorde que origina largos excedentes comerciais.

Em nenhum outro lado se encontra uma situação comparável, excepto na Grã-Bretanha onde a fraqueza do P.N.B. valoriza as vendas ao estrangeiro. A França vem a seguir com 19,8 por cento, muito à frente do Japão com os seus 13,1 por cento e dos Estados Unidos com 8,7 por cento. Estes dois últimos países apoiam-se, apesar do seu comércio externo ser muito importante. Foi por essa razão, entre outras, que os três gigantes do mundo capitalista pude-

ram coexistir sem choques durante tanto tempo.

Mas actualmente surge uma situação em que se revelam as vastas ambições comerciais americanas, ao mesmo tempo que despontam novos concorrentes na Ásia e na Europa Oriental. De acordo com fontes dignas do maior crédito, os Estados Unidos querem elevar a parte das suas exportações no P.N.B. ao «nível dos seus parceiros melhor colocados». Esperam duplicá-la até 1985 e depois aproximá-la dos 20 por cento. Qual a razão? A primeira é a de compensar as compras de petróleo e o défice das trocas comerciais com o Japão. A segunda é a de relançar a economia nacional. Tendo abandonado o seu papel de «polícia do mundo» a América volta a dar prioridade ao «business». Porém, numa tal evolução encontra no caminho a Alemanha, não lado a lado como outrora, mas frente a frente.

Os choques, já perceptíveis no início dos anos 60, multiplicam-se agora. Em particular podemos dizer que a Alemanha só apoia o dólar com contrariedade, pois a depreciação que aquele regista favorece as exportações americanas. Inversamente a revalorização consecutiva do marco trava o desenvolvimento comercial alemão. O presidente do Bundesbank, Otmar Emminger salientou, não há muito, que «as nossas firmas deixam de ser competitivas quando o dólar desce abaixo dos 2,15 marcos alemães». Ora é precisamente isso o que acontece há meses...

SEGURANÇA

Nos últimos anos o confronto entre os dois gigantes pode ser evitado. Mas a verdade é que a zona de confronto era mais circunscrita do que actualmente. Além disso a Alemanha tinha inteira confiança na protecção militar dos Estados Unidos. Essa situação facilitava as concessões. Mas actualmente a Alemanha interroga-se.

A primeira dúvida materializou-

se no decurso de Verão de 77, quando, em Washington, o Conselho Nacional de Segurança fez saber que a garantia americana não podia englobar todo o território da República Federal. Previa-se o abandono de um terço do território alemão ao longo da fronteira com a RDA e a Checoslováquia. A reacção da Alemanha foi tão viva que Brzezinski, conselheiro especial do presidente Carter, teve de telefonar para Bona a 4 de Agosto para anunciar uma revisão desse plano. Contudo na sua versão actual (documento PRM. 10) os Estados Unidos comprometem-se apenas «a consentir o mínimo de perda de território e, só depois, a voltar às fronteiras primitivas».

Uma nova dúvida apareceu recentemente quando Jimmy Carter decidiu diferir o fabrico da bomba de neutrões depois de ter pressionado os seus aliados para a integrarem no sistema europeu de defesa. Esta nova arma permitiria deter, caso fosse necessário, uma ofensiva dos tanques do pacto de Varsóvia pondo fora de combate as suas equipagens. A Alemanha após algumas hesitações, tinha aceite armazená-la no seu território. A Grã-Bretanha e a Bélgica tinham igualmente aprovado a sua inclusão na panóplia atlântica. O mesmo sucedeu, sob certas condições, com a Holanda. Mas foi além Reno que o assunto provocou e provoca ainda maiores remoinhos.

Os Estados Unidos continuam a fornecer uma contribuição decisiva para a segurança europeia: ogivas nucleares «enterradas» na República Federal, corpos expedicionários, mísseis, submarinos atómicos, etc. Mas as dificuldades financeiras impõem-lhes limites a partir de agora. Além disso o diálogo Moscovo-Washington, por mais peripécias que possa ter, faz aparecer a defesa da Europa como um subproduto das relações entre as duas superpotências (depois daquela ter sido durante muito tempo um objectivo em si). Aos olhos de Bona as relações comércio-segurança (concessões em troca de garantias militares) já não possuem o mesmo valor, de outrora.

UM LUGAR PARA BELIZE

UMA NAÇÃO INDEPENDENTE EMERGE NA AMERICA LATINA

■ Rafael Flores

□ PRENSA LATINA

O povo de Belize continua a lutar para obter uma independência total e sem concessões territoriais à Guatemala, enquanto este país prossegue com as suas ameaças intervencionistas e a Grã-Bretanha procura uma solução definitiva para o problema.

O primeiro-ministro de Belize, George Price, afirmou recentemente que o seu Governo conta com o apoio de numerosos países e organismos internacionais no seu esforço para conquistar o direito à autodeterminação.

A população de Belize forma, com efeito, uma nacionalidade que surge no continente americano à procura da constituição de um Estado próprio na base da soberania, autodeterminação e integridade territorial.

O pequeno território de Belize é formado por 21 965 quilómetros quadrados, possui 140 mil habitantes — actualmente ainda é uma colónia inglesa — e encontra-se situado na região setentrional da América Central, tendo fronteiras com o México e a Guatemala e litoral no mar das Caraíbas.

A grande maioria da população é favorável à independência, mas tais aspirações são contrariadas pelos governantes da Guatemala, que mantêm um clima de constante tensão e de permanente ameaça de ocupação militar.

«A Guatemala mantém a posição de reclamar o conjunto do território de Belize. Estamos, contudo, dispostos a procurar fórmulas que pareçam viáveis e que sejam consideradas como aceitáveis e honrosas pela opinião pública guatemalteca.»

Estas as palavras com que Adolfo Molina Orantes, ministro dos Negócios Estrangeiros da Guatemala, resume a posição oficial do Governo do general Kjell Eugénio Laugerud García, que será substituído este mês pelo seu correligionário, o general Romeo Lucas.

As «fórmulas» mencionadas pelo chefe da diplomacia da Gua-

temala referem-se às controversas concessões territoriais de Belize que, a acreditar na Imprensa britânica, o Governo de Londres estaria na disposição de fazer à Guatemala em troca do reconhecimento da independência para o resto do país.

Importantes jornais britânicos divulgaram recentemente informações sobre a eventual cedência de uma parte de Belize à Guatemala,

sunto em moldes semelhantes. Mas a posição do primeiro-ministro belizenho e da sua equipa é peremptória.

NEM UMA POLEGADA

«Nem a Grã-Bretanha nem quem quer que seja tem o direito de ceder o nosso território — declarou o primeiro-ministro Georges Price à revista «Prisma». «Não entregaremos à Guatemala nem uma só plegada de Belize».

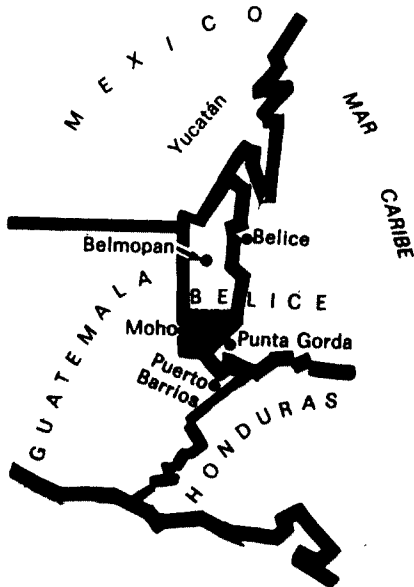
Além disso, o dirigente belizenho excluiu a possibilidade de chegar a um acordo com o Governo guatemalteco através de negociações, visto as que foram iniciadas pela Grã-Bretanha conduziram a um «impasse» e porque a Guatemala «exige terra como pagamento».

Explicou ainda que a alternativa — impulsionada pelo seu Governo — consiste em obter uma espécie de acordo multilateral de segurança para Belize, através do qual outros países garantam a existência do país como nação independente. Acrescentou que apesar de tal saída não estar ainda concretizada nem por isso deixava de ser activamente «procurada».

Georges Price atribuiu as reclamações guatemaltecas em relação a umas milhas quadradas da área de Moho, situada no Sul do país, aos estudos técnicos que revelaram a existência de jazigos de hidrocarbonetos nessa zona. Acrescentou ainda que as populações de Moho se recusam a fazer parte da Guatemala e afirmou que as atitudes expansionistas violam os direitos humanos. Price denunciou o facto de que os Estados Unidos possuem grandes interesses económico-financeiros na Guatemala sendo provavelmente isso que explica a sua atitude contrária a Belize.

«A Guatemala apresentou as suas reivindicações há um século. Têm sido sempre os ingleses a conduzir as negociações e a estabelecer os tratados. Nunca fomos consultados e o assunto foi sempre discutido entre a Grã-Bretanha e a Guatemala», sublinhou Price para justificar a intransigência da população belizenha em relação à sua autodeterminação.

Como se sabe que existem gran-



confirmando rumores que circulavam há quase um ano.

O «Financial Times» afirmou: «Foram mencionadas como aspectos integrantes da solução (do diferendo) a importante ajuda britânica à Guatemala e a cedência a esse país de uma parte do território belizenho potencialmente rica em petróleo. Em contrapartida a Guatemala abandonaria definitivamente a sua duvidosamente fundamentada reclamação sobre o resto do território, o que deixaria livre o caminho que conduz à independência de Belize. O grande obstáculo que se levanta a um tal acordo com a Guatemala é o de que os seus termos são inaceitáveis para o actual Governo de Belize e de facto para qualquer futuro Governo belizenho... e no fim de contas a Guatemala não terá outro remédio senão o de esquecer a sua reclamação que na realidade tem pouca, se é que tem alguma, legitimidade histórica».

O «The Guardian» tratava o as-



O primeiro-ministro George Price

des jazigos de hidrocarbonetos em Petén e Quiché — que estão próximos de Belize — e como foi já iniciado o aproveitamento das grandes reservas dessa cobiçada matéria-prima nos estados mexicanos vizinhos e Chiapas, Tabasco e Campeche, existem também muitas esperanças na existência de tal riqueza no sub-solo belizenho.

Por seu lado, os governantes da Guatemala insistem em que Belize é apenas mais um departamento da sua República, o que vem consignado na sua Constituição de 1965. Para tal invocam «direitos históricos» que datam de há séculos mas que não têm qualquer fundamento na realidade.

A população de Belize que, ao longo da sua história, desenvolveu uma cultura própria, utiliza expressões idiomáticas particulares, obteve do colonialismo um sistema político interno baseado na democracia parlamentar e combinou origens étnicas e realidades históricas totalmente alheias à realidade imperante na Guatemala, pouca ou praticamente nenhuma, afinidade possui com os seus vizinhos.

A ameaça latente de ocupação militar produz consequências graves em Belize (receios da população civil, deterioração das actividades económicas, redução do fluxo turístico, etc). Além disso, as aspirações da oficialidade guatemalteca tornaram-se um foco de fricções interestatais numa zona em que a maioria dos povos apoia incondicionalmente as posições belizenhas. Apesar disso procurou-se estimular na população guatemalteca um clima militarista e de agressividade chauvinista.

Os comandos supremos das Forças Armadas da Guatemala impulsionam desde há vários anos, o aumento das despesas em armamentos, a realização de onerosos exercícios militares e a criação de grupos especiais. Uma tal política absorve uma importante soma do orçamento que dedica cada vez menos verbas aos benefícios sociais dos cidadãos.

Finalmente, o Congresso guatemalteco aprovou uma disposição que considera «traidor à pátria» e portanto como estando eventualmente sujeito a processo de alta traição todo o cidadão que se oponha às pretensões expansionistas.

OS TRÊS PONTOS

O primeiro-ministro Price explicou que a sua política externa se pode resumir em três pontos: obter uma independência segura, com garantias de que o país não ficará à mercê da agressão guatemalteca; que essa independência seja reconhecida pelos países

latino-americanos; viver em paz e tranquilidade.

Referiu-se depois à posição de Belize perante a ameaça da Guatemala resumida na afirmação do ministro da Defesa guatemalteco de que «o exército está preparado e decidido». Afirmou que o seu Governo tenta internacionalizar a questão através do apoio de nações e organismos internacionais.

Já se pronunciaram a favor da independência de Belize o Movimento dos Países Não-Alinhados, a Organização das Nações Unidas e os Governos associados com a Grã-Bretanha na Commonwealth. A nível regional foi fundamental — na opinião de Price — a posição das nações de língua inglesa da zona das Caraíbas (Guiana, Barbados, Trindade-Tobago, Jamaica, e Granada) bem assim como do Panamá, Venezuela, Colômbia, Surinão, Cuba e Canadá.

Por seu lado, a diplomacia da Guatemala sofreu um crescente isolamento. Para isso contribuiu paradoxalmente a viagem que o vice-presidente guatemalteco, Mário Sandoval Alarcón — que é também dirigente do ultradireitista Movimento de Libertação Nacional — efectuou, o ano passado, à maior parte das nações do extremo sul do continente.

Ao expôr as aspirações guatemaltecas numa linguagem «geopolítica» que considerou aceitável por governos encabeçados por militares, Sandoval Alarcón sofreu uma decepção visível durante a própria digressão.

Poucas horas depois de ter declarado em La Paz, Bolívia, que o regime de Hugo Banzer apoiava as suas pretensões em relação a Belize, o improvisado diplomata recebeu um desmentido categórico da chancelaria daquele país andino.

O acolhimento não foi melhor por parte das autoridades dos outros países por onde passou, com a excepção, lógica, da Junta chilena. Contudo, apesar do proclamado apoio às posições de Sandoval Alarcón, a verdade é que o regime de Santiago do Chile optou pela abstenção durante a votação na ONU da moção sobre Belize realizada em finais de 1977.

Durante os três últimos períodos de sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas a causa de Belize conseguiu conquistar uma crescente solidariedade internacional. Em 1977 a posição guatemalteca só conseguiu os votos da Nicarágua, S. Salvador, Honduras e Costa Rica.

Em contraste, pronunciaram-se favoravelmente à autodeterminação 126 nações tendo-se apenas absterido 13 governos, entre os quais o dos Estados Unidos. ●



Vista aérea da cidade de Belize

SUIÇA MULTINACIONAIS TENTAM INFLUENCIAR AS NAÇÕES UNIDAS

■ Bernard Brigouleix

□ LE MONDE

Um grupo de jovens suíços de esquerda está prestes a divulgar publicamente um «dossier», elaborado desde há alguns anos, que põe em causa a atitude das sociedades multinacionais da Confederação a respeito da ONU e dos seus organismos associados, designadamente a FAO. Trata-se de cerca de uma centena de cartas, na sua maioria confidenciais, que provam, a acreditar nos autores do «dossier», que as multinacionais em causa —, à frente das quais se encontra a sociedade Nestlé que faz 97% dos seus negócios no estrangeiro — desenvolveram todo um conjunto de intrigas para fazer nomear um dos seus representantes para o subcomité constituído pelo Conselho Económico e Social das Nações Unidas (ECOSOC), na reunião de Genebra REALIZADA em Julho de 1972, e depois disso para que esse subcomité desempenhasse um papel que lhes fosse favorável.

Tratava-se de — a pedido do Governo chileno de então e no seguimento das revelações feitas sobre as manobras da ITT em Santiago — reunir peritos encarregados de **estudar o papel e os efeitos das sociedades multinacionais no processo de desenvolvimento das sociedades do Terceiro-Mundo e as suas incidências nas relações internacionais.** Na carta que enviou ao director da Divisão do Comércio da Confederação de Economia (o equivalente a um ministério) da época, um dos directores gerais da Nestlé, FÜRER, importava: Parece-nos da maior importância que a Suíça não esteja ausente do comité em questão.

Um dos membros da divisão do comércio, Rothenbühl, respondeu-lhe, em 28 de Setembro de 1972, afirmando que tinham sido efectuadas **sondagens por via electórica** junto de Kurt Waldheim no sentido de averiguar se seria possível a participação de um elemento da Suíça no grupo de peritos. Tudo isto seria o que há de mais normal se a Confederação... fosse membro da ONU. O que não era, e continua a não ser, o caso. As sondagens revelaram-se positivas. A Nestlé apresentou a candidatura do próprio FÜRER em 7 de Novembro de 1973, depois de ter consultado as mais importantes firmas suíças e nomeadamente a Hoffmann-Le Roche, Ciba-Geigy e Sandoz.

Ao ser informado, alguns dias mais tarde, desta candidatura, Gerardo Bauer, antigo ministro, presidente da poderosa federação suíça das associações de fabricantes de relógios e antigo representante da Confederação na Câmara de Comércio Internacional (CCI) respondeu do seguinte modo: «**Não duvido que o nome de FÜRER seja tomado em consideração, tal como sucedeu em relação ao secretário da CCI. Não basta ter repre-**

sentantes qualificados no seio do referido comité. É preciso prever, nos dois próximos meses, uma sessão de coordenação que reúna os representantes da economia suíça e as autoridades federais no seio das numerosas organizações mundiais e regionais — ESCOSOC, UNCTAD, OCDE, CEE — que pensaram ser necessário analisar as sociedades multinacionais, no sentido de estabelecer uma convergência de pontos de vista que me parece necessária».

Mas o director da Divisão de Comércio viu-se forçado a submeter a Waldheim não só a candidatura de FÜRER, mas também a de um delegado **aparentemente neutro** Schaffner, antigo presidente da Confederação, antigo ministro, que **seria mais aceitável** aos olhos do secretário-geral das Nações Unidas. Schaffner era então vice-presidente do conselho de administração da Sandoz e membro de outros conselhos do mesmo género.



Dirigira também em tempos a Divisão de Comércio e gozava da confiança dos meios industriais. A precaução revelou-se sábia pois foi Schaffner quem acabou por ser escolhido. E, o que dificilmente poderia ser melhor — pelo menos para as sociedades multinacionais — o seu estatuto foi de **representante do Governo helvético.**

O grupo de coordenação das indústrias suíças dedicou-se depois — ainda de acordo com os autores do «dossier» sobre as multinacionais — a preparar Schaffner para o desempenho da sua nova missão. Numa nota datada de 18 de Junho de 1973 a estratégia a seguir foi definida, do seguinte modo, por um dirigente da Nestlé: **Obter os documentos de informação que vão ser apreciados pelos peritos com o objectivo de proceder à sua análise e de definir uma posição no que se refere à indústria suíça: elaborar um texto que apresente a posição das sociedades multinacionais suíças em relação a esses documentos de base; marcar um novo encontro com Schaffner para discutir esse texto; fazer um levantamento**

dos outros peritos que poderão defender a causa das sociedades multinacionais; ver que contactos se podem estabelecer com eles, através de terceiras pessoas de modo a conhecer a sua posição em relação às diferentes questões que levantámos e para lhes dar a conhecer os nossos pontos de vista; tentar assim construir uma frente comum em relação às questões mais importantes.

A acção no seio da FAO

Em 9 de Agosto do mesmo ano realizou-se em Bâle uma nova reunião do grupo suíço das sociedades multinacionais. O relatório desta reunião defende que as personalidades que vão ser ouvidas pelo grupo de peritos deverão dar a conhecer a sua opinião sobre o relatório da ONU seis semanas antes de prestarem declarações (...) Deverão ser criticados os relatórios que se demonstrarem desfavoráveis às empresas multinacionais e será entregue a Schaffner uma lista de perguntas embaraçosas. Em relação aos relatórios que se demonstrarem positivos em relação às sociedades multinacionais será elaborada uma lista que permitirá aos seus autores o desenvolvimento de certos temas favoráveis às sociedades multinacionais.

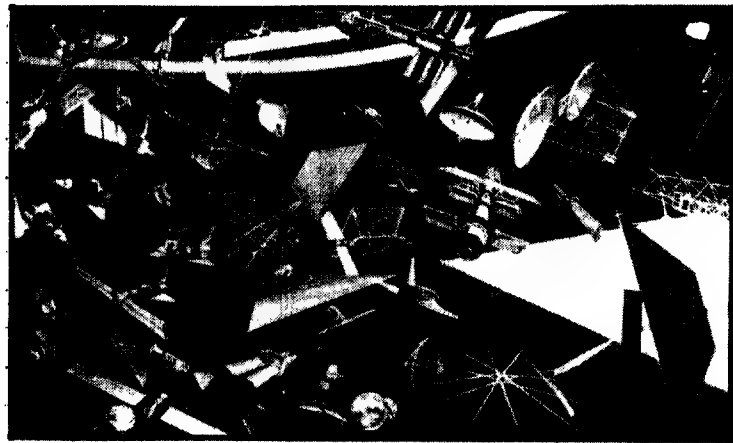
A primeira reunião do grupo de peritos sobre multinacionais realizou-se em Nova Iorque, de 4 a 14 de Setembro, e a segunda de 1 a 16 de Novembro, em Genebra.

Antes disso, asseguram os autores do relatório, Schaffner deu a conhecer aos industriais interessados as perguntas que foram preparadas confidencialmente por algumas pessoas eminentes de tal modo que os representantes dos «trusts» estavam preparados para ser ouvidos.

Por outro lado funciona no seio da FAO desde 1967 um organismo encarregado de estudar um **programa de cooperação industrial (ICP)** a que estão ligadas mais de cem empresas multinacionais que desenvolvem actividades no sector das indústrias agro-alimentares (entre as quais a Nestlé e a Ciba-Geigy). O professor Erich Jacoby descreveu do seguinte modo a colaboração existente: **Por intermédio dos seus representantes no comité geral da ICP da FAO um punhado de grandes empresas industriais têm a possibilidade de intervir não só na elaboração dos projectos de desenvolvimento industrial nos países subdesenvolvidos, mas também de recolher antecipadamente informações sobre as oportunidades de investimento que se abrem. Desde que a ICP se tornou parte integrante das Nações Unidas a FAO funciona como um «agente» das multinacionais no mundo subdesenvolvido.**

Por sua vez Ballarín, director da Nestlé no Brasil, ao invocar um relatório que deveria ser feito sobre o

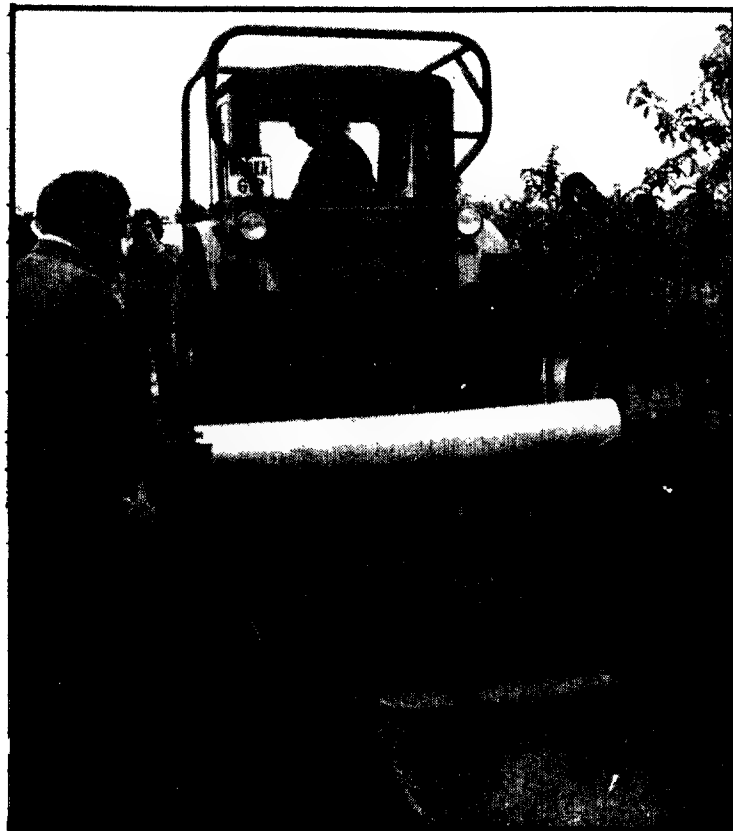
FOTO
EXCLUSIVO



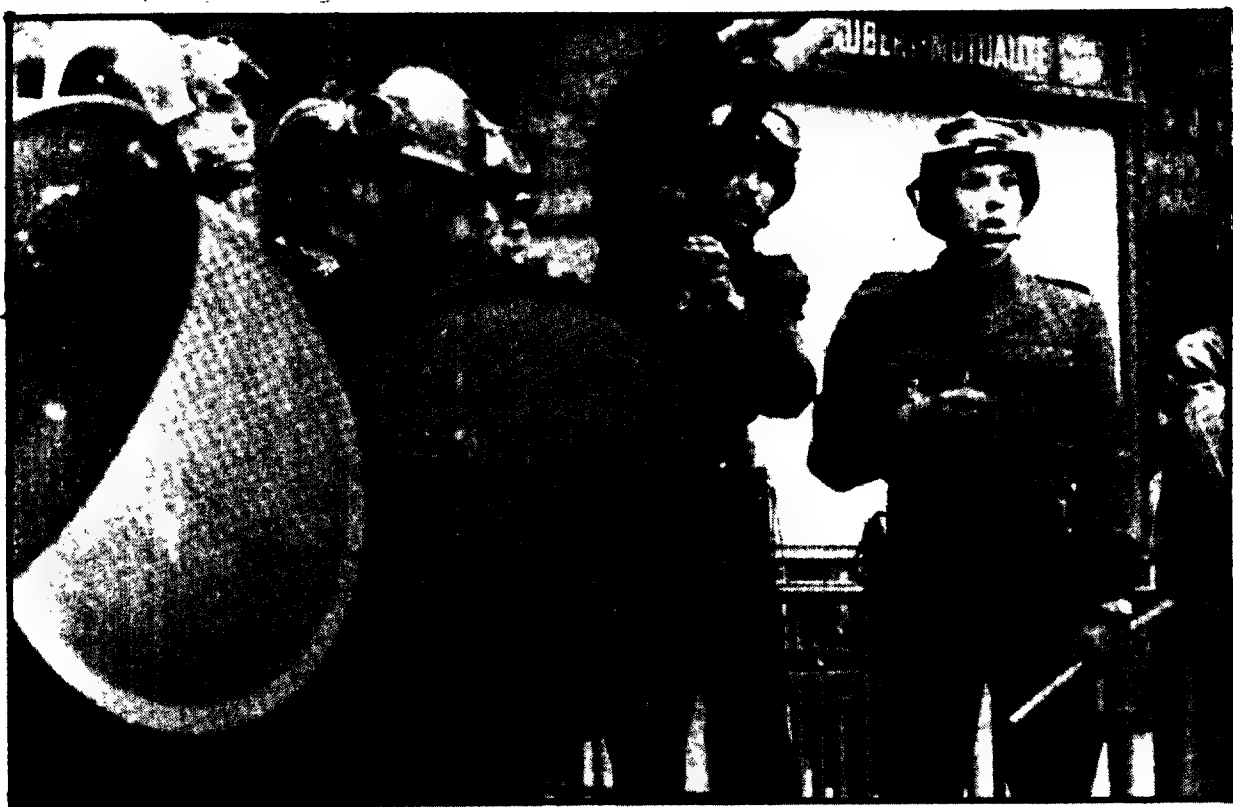
Este desenho, que lembra um «puzzle», foi executado pelos especialistas da NASA do Centro Espacial de Houston, no Texas, EUA. Aí está representada a intensa circulação no espaço de satélites e pequenas naves, cujo projecto será realizado pelos norte-americanos, segundo dizem, a partir de 1980. Que tal, nessa altura, será o trânsito no espaço?



Verão chuvoso? Georges Saint-Gilles resolveu o problema para que as suas clientes possam ficar abrigadas do mau tempo quando estiverem no campo, na praia, a praticar jogos ao ar livre, enfim, a gozar das delícias que nem todos conhecem. Um mini chapéu de chuva fixado numa fita elástica colocada na testa e pronto: caras bem tratadas e penteados exóticos estão a salvo deixando as mãos da sua utente livres para os tradicionais «adeuzinhos»



A Escola de Horticultura de Kecskemet, na Hungria, está a realizar experiências com um novo e útil implemento: um aparelho equipado com um rolo de placas de plástico fino e biodegradável. Instalado num tractor, como mostra a foto da Keystone, o aparelho percorre uma horta e, em pouco tempo recobra com o plástico a extensão de terreno que se deseja proteger. Os legumes e as verduras ficam assim a salvo da acção do gelo e das chuvas e, nos meses de Inverno, além de terem o seu crescimento estimulado pela concentração de calor



MAIO MAS

mais opostos que sejam, o althussero-marxismo e o pensamento universitário dominantes, expulsaram, com a existência, a incerteza, o desconhecido, a história, e encara-se a hipótese de eliminar o conceito que se tornou obsoleto, do homem.

Assim, antes de Maio, caminha-se em solo firme. Os mitos são optimistas e até enforzantes. Os pensamentos e as visões unidimensionais reinam.

O SUPERCALIFORNIANO

O efeito primeiro e imediato de Maio 68 foi o de minar o subsolo. Tudo pode dever-se! Tudo pode ruir? Tudo continua, e certo, mas acabou a segurança dos possidentes, dos dirigentes, dos que dominam.

O solo tem um som oco. A angústia precisamente escondida nas galerias subterrâneas, ressurge ao menor alerta.

A segunda consequência de Maio 68 foi a de favorecer um novo espírito do tempo.

Durante os anos 70 eis que irrompem em França temas e actores vindos da Califórnia, onde houver uma espécie de revolução cultural juvenil, que tinha em si uma reivindicação a um tempo libertária e comunitária, existencial e social. No jorrar desse geysir cultural, o modelo dominante do americano branco, adulto, macho, protestante, apagava-se para dar lugar a um pluralismo aberto onde o jovem, a mulher, o homossexual, o índio, proclamavam, na sua exigência de igualdade, a sua diferença e não a sua identificação. Um neonaturismo tomava lá uma forma cósmica, religiosa, depois súbitamente cristalizava-se em consciência ecológica. Desde então, Maio 68 surgia à luz californiana como a variante explosiva de um fenómeno que se formara e desenvolvera num espaço privilegiado. O movimento juvenil de Maio foi, de certo modo, o equivalente francês do movimento juvenil da Califórnia. Mas Maio 68, em-

bora trouxesse em si a mesma aspiração libertária, comunitária, não comportava o novo feminismo, a consciência ecológica, a cultura da diferença, a experiência de si próprio, a fundação de pequenas comunidades de vida. Ele foi em todo o caso a ruptura e a brecha que permitiram acelerar e amplificar

2 — DAS PSEUDOCERTEZAS ÀS INCERTEZAS

■ Edgar Morin

□ LE MONDE

A ambiguidade de Maio continua para além de Maio no decénio de 70. Nada mudou. Tudo mudou. Tudo está como dantes, nada está como dantes. Qual destas propostas contraditórias é autêntica? Tanto uma como outra. Vejamos.

Nada mudou. A ordem política, social, económica está restabelecida e funciona de novo. Mais tarde o que perturba a economia francesa não são as sequelas de Maio

Graças à informática cada vez dispõe mais de uma memória enorme, de uma rede nervosa cada vez mais apertada, que tende a reduzir o indivíduo ao estado de célula de um megaorganismo. Tudo se passa como se Maio 68 não tivesse sido mais do que um espasmo de protesto no inelutável processo neoconcentrador e hipermercantil. Mas, justamente, o que mudou foi a existência e o aparecimento tanto obscuro e difuso como virulento e violento de um protesto e de uma aspiração a uma vida diferente, a outra sociedade.

De resto, a única mudança aparente e a emergência «macroscópica» do esquerdismo, isto é, de uma «contestação» agora presente como fermento ideológico e virulência política. É o aparecimento e a difusão nos cantos esquerdos dos sindicatos e partidos, da aspiração autogestionária que transcende a reivindicação quantitativa do salário e a reivindicação burocrática da nacionalização.

Mas não há somente estas mudanças marginais, políticas e ideológicas. E nos subsolos da sociedade é no ar que respira que algo mudou, que os virus estão em plena acção. Nos sub-solos cava-se um poço cada vez mais profundo, os alicerces de uma civilização são abalados: na atmosfera, o espírito do tempo, aquilo que se pode designar pelo termo desusado de «sensibilidade», modifica-se... Recordemos o tempo antes de Maio de 68, isto é os anos 60. Depois da guerra da Argélia tudo parecia dever estabilizar-se sob o signo tecnocrático da «sociedade industrial». O crescimento torna-se o motor do «desenvolvimento», não só económico mas social, humano, moral...

Os «mass media» disseminam uma cultura estandardizada, prometendo o bem-estar e a felicidade, dando receitas. Automóvel, televisão, conforto, férias, elegância, sedução, criam a vida autónoma, liberta, informada, feliz...

Caminhamos para a liquidação das misérias das desigualdades graves, dos conflitos sociais, das guerras. A URSS que se liberaliza e os Estados Unidos que se regulizam, convergem para o mesmo tipo de sociedade assistencial e de

democracia pluralista. O colonialismo desaparece em derradeiros sobressaltos para dar lugar ao desenvolvimento do terceiro mundo. O goulag não existe visto nenhum intelectual de esquerda o ter encontrado. A humanidade encontrou por fim a terra firme da indústria para resolver os seus problemas fundamentais. A história, a história convulsiva e monstruosa que, no primeiro meio século dera origem a duas guerras mundiais, o fascismo e o estalinismo, pertencia ao passado, fora ultrapassada.

Claro, que há uma corrente revolucionária na sociedade de antes de 68. Mas a revolução consiste na tomada do poder do Estado pelo infalível partido da classe operária que instaurará em toda a parte o seu controlo onisciente. Não se põe em questão a parcelarização do trabalho industrial, a cronometrização de todas as actividades, a atomização individual nos grandes aglomerados.

O existencialismo marxizou-se e o marxismo estruturalizou-se. Por



ram os desenvolvimentos subsequentes.

Efectivamente vemos aparecer e desenvolver-se em França, entre 1970 e 1975 esses novos actores culturais e sociais. A consciência neofeminina surge baseando a sua reivindicação na própria identidade da mulher. A consciência ecológica aumenta. E afirma-se uma nova consciência regional em que a província, deixando de ser tradição integrada, se torna património e até pátria ameaçada.

Paralelamente é a grande experiência Lip, que busca a aspiração autogestionária, enquanto que as



mas sim a crise da energia, a crise monetária internacional. A concentração económica, a mercantilização de todas as coisas, atomização dos indivíduos continuam como antes, mais do que antes. O Estado e ao mesmo tempo mais providencial e mais tentacular.



S... MAS MAIO...

experiências microcomunitárias proliferam nas Sevens, na Aviege, na Provença e mesmo nas grandes cidades.

Isto manifesta-se ao mesmo tempo sob a forma de uma onda de choque dura e de uma onda maior que se vai integrando. Assim, o movimento feminino tem a sua

os outros.

A reivindicação da diferença é ao mesmo tempo a reivindicação da existência contra a estardidização robolizante, contra a atomização. Daí a unidade existencial da dupla aspiração, por um lado à comunicação e à comunidade, por outro à autonomia e à liberdade.

nalmente a divisa «mudar a vida» atravessa as membranas da velha ideologia.

Ao mesmo tempo que promoção da existência há progressão da inquietação. Já disse que a ideologia tecno-economista da sociedade industrial perdeu a segurança, e o seu solo tem um som oco. Do lado da cultura de massas a euforia dá lugar à problematização. Os magazines que ofereciam as suas receitas prefabricadas de felicidade, inclinam-se agora para as dificuldades do casal, os desentendimentos entre os seres, a solidão, a doença, o envelhecimento.

O SEXO E A MORTE

Dois grandes tabus que impunham o silêncio são destruídos pelo impulso do «desejo» e da inquietação: o sexo e a morte. O sexo até então escondido e recalado, surge nas grandes salas de cinema, na grande imprensa, nas conversas, nas discussões filosóficas. A morte o último e maior dos recalques do nosso século, é reintroduzida na vida e torna-se mesmo «best-seller».

Uma aspiração profunda de múltiplos rostos infiltra-se e alastra. Ela põe em questão não só o poder do dinheiro, não só o «capitalismo», mas também a disciplina, a hierarquia, a burocracia. A divisão parcelar do trabalho, a cronometria opressora dos horários, a atomização e a mecanização da vida urbana, que pareciam tão fatais como a lei da queda dos corpos ou a rotação da Terra, são postas em questão, praticamente (tentativas para lhe escapar) e teoricamente (e se fosse possível outra organização social?). Nessa nova sensibilidade difusa, oscila-se entre resignação e revolta, entre mal-estar e hábito. As pessoas interrogam-se: «Isto é viver?» Olha-se de um modo diferente para a sociedade, o trabalho, a natureza, as mulheres. Fazem-se perguntas que, antes, pareciam insensatas. Mas quando a recusa ou a aspiração se cristalizam, podem tomar a forma de uma ideologia

onda de choque no MLF (Mouvement de Libération des Femmes), mas, ao mesmo tempo as grandes revistas como **Elle** e **Marie-Claire**, que até então davam soluções prefabricadas da cultura de massas, abrem-se às aspirações da nova feminilidade. Os neo-regionalismos têm as suas minorias terroristas e as suas maiorias folkloristas. As experiências comunitárias e existenciais fazem-se por rupturas brutais com a sociedade, mergulhos aventureiros no fundo de si mesmo, mas há também uma ampla onda de sensibilidade que vai passando de uns para

O regresso em força da existência veio muito depois de o existencialismo ter feito hara-kiri no altar do marxismo. Mas a nova aspiração existencial vai exprimir-se ideologicamente através do termo «desejo» servido com tudo, e este submerge o termo «estrutura». A aspiração a viver a vida já não é tão retraída e inibida como nos anos 60. Ela toma um aspecto ora iluminista e ingénuo, ora furioso ou desesperado. Procura a sua liberdade nos yoguismos, terapias de grupo, experiências halucinogéneas, comunidades, neo-artesanato, neo-ruralidade. E fi-



simplicista, de uma palavra mágica que focalize o mal num termo maldito ou numa palavra salvadora.

As duas bases racionalizadoras da nova organização social — Ordem e Progresso — são atingidas. A clara oposição entre o reacionário e o progressista perde os contornos e chega a inverter-se. Assim, o regresso à terra, o patriotismo provinciano, ditos de direita, passam, de certo modo, para a esquerda. O que parecia absolutamente progressista e benéfico, o crescimento industrial, o progresso técnico, o desenvolvimento científico, a urbanização aumentada, a escolarização, a medicação, mostram de súbito um rosto reaccionário. Pois não é verdade que o desenvolvimento económico produz subdesenvolvimentos humanos, afectivos, intelectuais e morais?

A consciência ecológica, a consciência demográfica dizem-nos que o processo de crescimento actual, no caso de prosseguirem, só podem arrastar consigo o desastre e a morte. A proliferação das armas atómicas, depois o perigo político-social que a indústria nuclear representa, os riscos de manipulações químicas no cérebro humano, mostram que o progresso científico traz em si não uma possibilidade de servidão e de morte, mas a sua probabilidade. Ele foge ao controle dos cientistas e vai reforçar todos os poderes de guerra e de domínio.

Eis que a morte surge no horizonte. Não só a morte de cada um, mas a destruição colectiva da humanidade, destruição essa que já se encontra potencializada várias centenas de vezes nos silos nucleares. Mas também a morte que surge no poder de Estado e que avança no progresso industrial.

Claro que fugimos a este pensamento, ao pensamento da morte, à própria angústia. Mas essa fuga deixa transpirar no espírito do tempo, uma incerteza difusa.

As incertezas, as aspirações, as interrogações do decénio de 70 mantêm-se vagas, impalpáveis. Quando se manifestam com clareza ou de um modo agudo, são locais e marginais. Por mais difícil que seja diagnosticar no imponderável, eu creio que passámos, de antes de 68 para depois de 68, de anos de pseudocertezas para anos de incertezas. Passou-se do mito

da estabilidade, da perenidade, do progresso, da «civilização do bem-estar», da «sociedade sem crises, para a problematização e para as interrogações. Malraux tinha razão ao diagnosticar no Maio 68 uma «crise de civilização». O termo civilização é impreciso, mas é nessa falta de precisão que reside a verdade.

Maio 68 surge-nos pois não como o gerador, mas como o revelador dessa crise, depois como o catalizador, o amplificador de uma metamorfose cultural que já se preparava em crisálida no decénio de 60. Ele é também a ruptura que



rasga o envólucro da crisálida e permite que surjam novas formas. Maio é o momento de passagem, a Páscoa, a brecha por onde entram as novas formas, os temas culturais, os problemas que estavam a chocar, que germinavam de um modo insensível e invisível no decénio precedente. E a brecha continua aberta no flanco da nossa sociedade, que prossegue o seu caminho... ●



ISLÂNDIA: RECUO DA DIREITA NAS ELEIÇÕES

■ LE MONDE

O resultado das eleições legislativas islandesas constituirá, como o afirma um jornal conservador de Reykjavik, «a maior perturbação da história da República»? A fórmula, na verdade excessiva, explica, no entanto, a surpresa causada na Islândia pelo forte avanço da esquerda.

A coligação de direita, que detinha, desde as eleições de Junho de 74 uma maioria confortável na Althing — a Câmara dos Deputados — foi severamente abalada. Os seus problemas eleitorais não são de molde a fazer com que perca a maioria parlamentar, até porque ainda detém trinta e dois lugares em sessenta. Mas num país onde a força conservadora fora até agora muito grande, principalmente nos poderes locais e na imprensa, este declínio muito nítido das duas formações (Partido da Independência e Partido do Progresso) que partilhavam entre si o poder, tem um significado muito especial.

A primeira explicação do impulso da esquerda é, decerto, o facto de os eleitores não terem querido apoiar uma política económica impopular. A inflação, que o ano passado já era de 26%, atinge quase os 50% desde o princípio do ano. A maioria que saiu adoptara recentemente uma lei que reduzia o aumento das remunerações garantido pelas conversações colectivas, disposição essa que a subida de preços torna particularmente severa para os assalariados.

Para além desta explicação conjuntural, poder-se-á encontrar no avanço da esquerda na Islândia, uma razão mais profunda. Parece haver, com efeito, uma «escandinavização», de resto muito relativa, da vida política, hoje ilustrada pela progressão muito sensível dos sociais-democratas. Estes últimos, passando de cinco para

catorze lugares, com um eleitorado que duplicou em quatro anos, aparecem, com efeito, como os principais vencedores do escrutínio. Ora de todas as formações da ilha, é a deles que mais se assemelha aos grandes partidos escandinavos: muito ligada a uma política de protecção social, é também anticomunista.

A coligação que agora se retirou — e cujo chefe, Geir Hallgrímsson, entregaria a sua demissão no dia 27 de Junho ao presidente da República — não parece estar em condições de constituir novo Governo. Ela conserva, é certo, uma pequena maioria parlamentar, mas não tem a maioria absoluta dos sufrágios, e parece demasiado gasta para sobreviver ao último escrutínio.

A fórmula mais simples consistiria decerto em alargar essa maioria aos sociais-democratas. Foi essa solução que prevaleceu sem demasiadas dificuldades entre 1959 e 1971. Mas uma tal coligação deixaria de parte a Aliança Popular, dominada pelos comunistas. Ora esta, com um eleitorado que ultrapassa o do Partido Social-Democrata, é agora a segunda formação política do país, a seguir aos conservadores. Será possível um «compromisso histórico» à islandesa? Uma tal experiência deu-se logo a seguir à guerra, mas o clima era nessa altura, como, de resto, em toda a Europa Ocidental, favorável a Governos de união nacional.

Quanto a uma aliança entre partidos de esquerda, ela iria chocar no problema da base americana de Keflavik, cujo encerramento é pedido pelos comunistas, enquanto que os sociais-democratas são favoráveis à sua manutenção e, de uma maneira geral, não encaram a hipótese de pôr de novo em causa a participação da Islândia na NATO.

Os eleitores islandeses mostraram que estavam descontentes com a coligação que deixou o Governo. Não se pronunciaram, porém, claramente por uma nova maioria. ●



TIRANA CRITICA PEQUIM

■ LE MONDE

Intitulava-se «Imperialistas, abaixo as patas no Vietname!» o editorial que o jornal albanês «Zeri I Popullit» publicou no dia 24 de Junho, e que era consagrado à querela entre Phnom-Penh e Hanoi. Depois de ter saudado a «heróica vitória» dos vietnamitas sobre o «imperialismo americano», o jornal escreve: «Os conflitos provocados e os choques armados na fronteira vietnamo-cambodjiana, encorajados pelos estrangeiros, e que fizeram bastantes vítimas, entravaram o trabalho pacífico de edificação que começava a fazer-se na Indochina (...) Nós defendemos os direitos do povo do Vietname, o princípio segundo o qual cada povo deve decidir dos destinos do país sem

intervenção do exterior. (...) E por isso que quem pensar que pode impor os seus pontos de vista e as suas objecções através de pressões e de chantagem, pode estar certo de que o povo vietnamita não aceita tal coisa, e de que nenhum povo o aprova.»

E bem claro que a tomada de posição de Tirana deve ser analisada à luz do conflito ideológico cada vez mais agudo que a opõe a Pequim. Se o «Zeri I Popullit» critica as «Intrigas e complots imperialistas das superpotências» na região, fórmula esta que se referiria aos soviéticos e aos americanos, o certo é que a sua insistência em denunciar as «pressões» políticas e económicas parece aplicar-se principalmente aos chineses.

A crítica a certos slogans geralmente utilizados por Pequim não dá lugar a qualquer ambiguidade.

Com efeito «Zeri I Popullit» escreve: «Quando se exercem pressões do exterior e se fazem esforços para ditar ao Vietname como ele deve agir no seu próprio país, qualquer pessoa pode compreender o que se esconde por detrás dos slogans e das bonitas palavras.»

«Apoiamos a liberdade e a independência dos povos», «ajudamos sem o menor interesse», «respeitamos os direitos das nações», etc., de que os imperialistas se servem sem reserva e sem medida.»

Se esta interpretação é exacta, os chineses surgiriam pois, pela primeira vez, aos olhos de Tirana, como «imperialistas», designação que anteriormente era dada aos soviéticos e aos americanos, e isto na altura em que o diferendo a propósito dos chineses do Vietname leva Pequim a acusar Hanoi de «concluído» com Taiwan. ●

SUIÇA

MULTINACIONAIS TENTAM INFLUENCIAR AS NAÇÕES UNIDAS

papel desta secção da FAO, escrevia, numa carta endereçada à direcção geral da sociedade, em 12 de Abril de 1973: O mais importante é que esse relatório mostre que o ICP está disposto a iniciar o diálogo com os países em desenvolvimento (...) É igualmente necessário salientar que um tal relatório deve ser feito pelos industriais e não pelo secretariado do ICP. Por isso foi sugerido que os industriais ponham, durante algum tempo, à disposição do ICP especialistas na matéria que possam ajudar a fornecer ao relatório em questão uma substância e uma forma verdadeiramente profunda, isto é profissional.

«Amizades» na Imprensa

O conjunto dos documentos publicados pelas personalidades suí-

ças hóspedes ao papel das sociedades multinacionais permite igualmente supor que, nessa época foi lançada uma campanha de sedução por parte das referidas sociedades em relação à imprensa helvética, particularmente a económica, onde essas firmas conseguiram de facto criar algumas amizades.

Podemos, com efeito, ler na carta de um dos dirigentes da Nestlé: Recebemos do nosso director nas Filipinas o texto de uma conferência proferida em 7 de Dezembro de 1973 por Alejandro Melchor, secretário executivo do Governo do presidente Marcos. Esta conferência incide sobre o tema das multinacionais e mostra que pode haver um modo realista de um Governo de um país em vias de desenvolvimento se relacionar com as grandes empresas e para seu próprio interesse (...) Pergunto se não será possível que a imprensa suíça e de outros países

tome conhecimento do texto e publique alguns extratos que mostrem como é que os países em vias de desenvolvimento deveriam relacionar-se com as empresas multinacionais quando compreendem verdadeiramente quais são os seus interesses. É o que se chama eufemismo...

Só falta avaliar qual será a amplitude do escândalo que os autores deste volumoso «dossier» — com quase mil páginas na sua versão integral — pretenderam denunciar. Em 1977-78 a ICP continua a desempenhar, no seio da ONU, o papel de agente de subversão das sociedades multinacionais — asseguram eles. Em 1977-78 estas sociedades continuam a servir-se de intermediários e de organismos governamentais, principalmente na Suíça, para defender os seus interesses nos programas da ONU a favor do desenvolvimento. Isto significa que

os autores das revelações sobre a acção das multinacionais resolveram responder por antecipação à crítica que não deixarão de lhes fazer: a de estar a remexer cinzas frias. É também para prevenir uma acusação eventual que garantem, na introdução, que nenhum dos documentos que em breve vão tornar públicos foi roubado. Afirmam mesmo que todos lhes chegaram às mãos por meios legais.

Não é preciso ser adivinho para prever que as empresas multinacionais — suíças ou não — responderão, provavelmente, com um encolher de ombros: nem sequer é revelador um segredo mostrar até que ponto essas sociedades se mantêm vigilantes nomeadamente em relação às organizações internacionais e tendo como objectivo a defesa dos seus interesses comerciais. Mas que grande novidade afirmarão sem dúvida os seus estados maiores, não sem deixar de observar que nem a legislação suíça nem os regulamentos

internacionais foram violados.

É sobretudo pelo exemplo concreto que fornece que o «dossier» tem um efectivo interesse e suscita a reflexão. Alguns poderão, em última análise, achá-la menos comprometedor para as multinacionais (que não têm quaisquer escrúpulos na realização dos seus negócios) do que para as organizações internacionais oficiais. Desde que na Suíça circular rumores sobre a existência do «dossier» já várias vozes se fizeram ouvir afirmando que essas organizações teriam muito a ganhar — se não desejam perder a credibilidade que lhes resta junto da opinião pública — em se mostrar mais vigilantes. E não deixarem igualmente de exprimir o desejo de que os organismos que pretendem colocar-se acima dos interesses nacionais consigam também escapar às influências dos interesses... multinacionais. Sobretudo quando está em causa o desenvolvimento do Terceiro-Mundo... ●

FIGURA DA SEMANA

O presidente Moktar Uld Daddah, derrubado por um golpe de Estado na madrugada da passada segunda-feira, e provavelmente detido, foi eleito para a presidência da República Mauritânia no dia 20 de Agosto de 1961.

Nascido na região de Butlimit (Sudoeste do País), em 25 de Dezembro de 1924, foi educado segundo a tradição muçulmana, embora fosse um espírito aberto à cultura ocidental, tendo feito os estudos secundários e de Direito em França. Em Novembro de 58 casou com uma francesa, Marie Therese Gadroy.

Eleito conselheiro territorial em 1957, a sua figura impôs-se rapidamente ao povo da Mauritânia, tendo sido nomeado vice-presidente do Conselho do Governo. Depois do referendo de 58,



Mauritânia». Recorde-se, entretanto, que o país, situado no noroeste africano, estrategicamente localizado, tem estado envolvido num conflito com os guerrilheiros da Frente Polisário, apoiada pela Argélia.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA MAURITÂNIA

Situação geográfica: Vasta extensão do Sara ocidental, limitada a Ocidente pelo Atlântico, a noroeste por Marrocos e a nordeste pela Argélia e a leste e a sul pelo Mali e pelo Senegal.

Superfície: 1.170.000 km².

População: 1,4 milhões de habitantes (514.000 são nómadas).

Capital: Nuakchott: erguida no

MOKTAR OULD DADDAH

proclamou oficialmente a independência em 28 de Novembro de 1960. Moktar Uld Daddah, elegante e discreto, dotado de raras qualidades de trabalho, desejou sempre fazer do seu país uma encruzilhada entre o mundo árabe e a África Negra, respeitando uma posição rígida de não alinhamento.

Do golpe de Estado (que segundo notícias de Paris, não confirmadas oficialmente, se dirigiu contra a política pro-ocidental de Moktar Daddah), saiu um «Comité Militar de Salvação Nacional», que suspendeu a Constituição e dissolveu o Governo, o Parlamento e o Partido do Povo Mauritano.

Segundo um comunicado do referido «Comité», que imediatamente se sobrepôs às notícias mais contraditórias, estariam garantidos todos os compromissos internacionais. Além disso, e sempre de acordo com o comunicado, o Comité declarava solenemente aderir aos princípios dos Direitos do Homem consignados na Carta

das Nações Unidas e nos estatutos da OUA e da Liga Árabe.

A primeira reacção internacional, e que talvez ajude a perceber o sentido do golpe de Estado, surgiu de Marrocos. Efectivamente, através do ministro marroquino da Informação, Mohamed Khataabi, classificou horas depois de «muito graves» as informações chegadas de Nuakchott (capital da Mauritânia). Palavras textuais: «São muito más notícias. É necessário, no entanto, esperar que, ao tomarem o poder, os militares da Mauritânia só tiveram em vista os assuntos internos do país. Se a mudança radical levar à substituição do contingente marroquino, de 8000 a 9000 homens estacionados na Mauritânia, a pedido do próprio governo de Nuakchott, por tropas de um país vizinho, como, por exemplo, a Argélia, haveria, então, um grave risco de conflito na região». E ainda: «Nunca Marrocos poderia suportar que a Argélia proceda ao cerco de Marrocos através da

deserto em 1958. 134.000 habitantes.

Línguas oficiais: árabe e francês. Religião: islâmica.

Taxa de alfabetização: 17 por cento em 1978.

Organização política: regime presidencial, partido único (PPM - Partido do Povo Mauritano).

Principais riquezas do país: minérios de ferro, em Zuerate. Explorado pela SNIM (ex-Niferma), nacionalizada a 51 por cento.

Produção anual: 12 milhões de toneladas.

Agricultura: culturas junto do Rio Senegal e no sudeste do país, com as partes mais povoadas (70 por cento da população).

Produto nacional bruto por habitante: 250 dólares por ano.

Ajuda externa: principalmente a França, várias centenas de cooperantes entre os quais uma centena de militares. Avião «Jaguar» estacionados em Dakar, fornecem um apoio tático ao Exército da Mauritânia. ●

JORNALISTAS FRANCESES EM DEFESA DOS SEUS COLEGAS ARGENTINOS

Os Sindicatos de Jornalistas estão entre os que mais sofreram com a repressão na Argentina. Isto não é um simples acaso. É que, por um lado, os trabalhadores da imprensa cessaram, desde o início dos anos 70 de ser espectadores, a participaram no processo político vivido pelos trabalhadores argentinos. Por outro lado, foram muito activos no seu próprio sector e conseguiram levar a bom termo muitas das nossas reivindicações.»

Foi com estas palavras que Oscar Martinez, antigo dirigente da Associação dos Jornalistas de Buenos Aires (APBA), despedido do jornal Clarin com mais umas quinhentas pessoas, após o golpe de Estado militar de 24 de Março de 1976, e hoje exilado em Espanha, iniciou a conferência de imprensa realizada em Paris no dia 19 de Junho pela União Nacional dos Sindicatos de Jornalistas Franceses, com vista à denúncia da situação da Argentina do domínio da imprensa.

Uma das primeiras medidas tomadas pelas Forças Armadas

após o golpe de Estado militar de 24 de Março de 76, foi reduzir mais ainda uma liberdade de expressão que se tornara ilusória depois da instauração do estado de sítio, em Novembro de 1974. A descrição deliberadamente vaga dos delitos («difundir, divulgar, propagar notícias, comunicados ou imagens, com a intenção de perturbar, ou de prejudicar o prestígio das Forças Armadas; tratar assuntos que não sejam de carácter público devido à sua incidência em auditórios não preparados ou que lhe sejam estranhos devido à sua idade física e mental») reforça a ameaça que pesa nos jornalistas, a quem é, por exemplo, interdito, de modo muito mais claro, «informar, comentar ou fazer referência a temas em que sejam mencionados actos de subversão, membros das Forças Armadas ou de segurança, a menos que a informação provenha de uma fonte oficial e responsável. Esta proibição inclui informações relativas aos raptos e aos desaparecimentos».

Em tais condições foi pesado o tributo pago pelos jornalistas à repressão: 23 assassinados e 50 de-

saparecidos, segundo a lista fornecida a 19 de Junho pela União dos Jornalistas Argentinos em França (UPARF) que participava na conferência de imprensa. Um exemplo entre tantos outros, das limitações ao exercício da profissão na Argentina: o de Luis Dames, jornalista na Rádio Golfo-Nuevo, preso a 28 de Agosto de 1977 e hoje detido na prisão de Rawson, no Sul do país, por ter entrevistado um dos marinheiros de um cargueiro soviético interceptado em águas territoriais argentinas pela Marinha nacional.

Nem sequer as «tréguas» do Mundial foram respeitadas, visto terem desaparecido dois confrades, Juan José Capdepont e Julian Delgado.

A UNSJ, pela voz do seu presidente, Pierre Marin, recordou as acções tanto individuais como colectivas levadas a efeito pelos jornalistas franceses a favor dos colegas argentinos. Pierre Marin indicou que a UNSJ vai propor a cada Redacção que se encarregue do caso de um colega argentino detido ou desaparecido. ●

SEMANA INTERNACIONAL

NOVAS DIFICULDADES PARA O PLANO CARTER SOBRE A ENERGIA

A adopção pelo Senado americano, a 27 de Junho, de uma emenda que proíbe a Administração de pôr taxas às importações petrolíferas é uma nova pedra no jardim energético do presidente Carter. Pois não é verdade que este deveria anunciar a imposição dessa taxa por altura da revisão dos sete principais países industrializados, a 16 de Julho, em Bona? «Uma tal decisão, confessou o secretário de Imprensa da Casa Branca, Jody Powell, terá como consequência corroer a confiança do resto do mundo na nossa capacidade de resolver os problemas mais graves».

Há mais de um ano que o presidente Carter apresentou o seu ambicioso «National Energy Plan», e que teve bastantes problemas. É certo que os elementos sobre as economias de energia, a reconversão do carvão, a reforma das tarifas de electricidade, e, recentemente, a progressiva libertação dos preços do gás, foram votados pelas duas Câmaras. Mas isso aconteceu sempre à custa de um compromisso que enfraquecia o alcance do texto inicial. O conjunto das taxas que visam limitar o consumo do petróleo nem sempre tiveram o acordo dos representantes e dos senadores.

A nova emenda do Senado ainda tem que ser submetida ao Congresso. Isso não impediria, no entanto, a Administração de reduzir as importações petrolíferas impondo quotas às companhias, como o sugeriu recentemente o secretário para a Energia, Schlesinger. Mas é significativa a dificuldade em impor medidas de crise num período de plethora.

A chegada à costa oeste do petróleo do Alaska permitiu reduzir as importações, e encara-se mesmo a hipótese de exportar uma parte desse «bruto» para o Japão. Certo dos elos que unem os Estados Unidos à Arábia Saudita, o primeiro exportador mundial de petróleo, e consciente da baixa real dos preços dos produtos petrolíferos no mercado, o consumidor americano não está de modo algum, disposto a pagar já hoje para evitar uma penúria que os estudos mais recentes lhe prometem para amanhã. O senador republicano Dob, a quem cabe a paternidade da emenda, não escondeu que uma taxa de 5 dólares por barril «reduziria muito pouco as importações».

Uma tal maneira de ver não seria partilhada pelos principais países europeus nem pelo Japão. Mais dependentes do petróleo da OPEP do que os Estados Unidos, receiam que o taxismo americano não traga daqui a alguns anos uma nova subida dos preços. A importância do défice comercial dos Estados Unidos e a fraqueza do dólar que dele resulta, estão, de resto, ligadas às importações petrolíferas. Em 1977, a balança do comércio americano com os países árabes foi deficitária em mais 8 mil milhões de dólares, contra 4,5 mil milhões o ano passado. A contracção do défice comercial americano, no mês de Maio, aparece tão confortável que o dólar mal reagiu a este «resultado melhor». É evidente que a redução do défice — que atingirá, ainda em 1978, 27 milhões de dólares — e a melhoria da divisa americana passam pelo êxito do plano energético da Casa Branca.

Os países industrializados fortes (República Federal da Alemanha e Japão) não terão razão de aceitar em três semanas, em Bona, relançar as suas economias, a pedido de Washington, no caso de os Estados Unidos não parecerem resolvidos ao mínimo esforço. ●

PELO MUNDO

INSÓLITO

A caixa do Aquário Skansen, de Estocolmo, estava a ser vítima de roubos demasiado frequentes, e o guarda nocturno mostrava-se bastante ineficaz.

Foi então que o director do zoo, de que o aquário faz parte, teve uma ideia, e confiou a sua guarda a uma cobra tailandesa de 15 quilos e 4 metros de comprimento que passou a pôr em liberdade ao cair da noite.

Segundo o director do zoo, a cobra em questão é menos perigosa para os ladrões do que um guarda armado, mas, ao que parece, a sua presença é de tal modo dissuasiva que a caixa do aquário nunca mais foi roubada.



UMA MULHER EM "LAS VENTAS"

Durante mais ou menos 40 anos todas as mulheres foram impedidas de pisar as arenas de Espanha até que em 1974 esta proibição foi posta de parte. Porém em Madrid, na praça de Las Ventas, o impedimento continuou até que no passado dia 2 a andaluza Maribela Atínezar

«quebrou o encanto» definitivamente, pondo termo a mais esta discriminação machista. A sua actuação foi tão boa que cortou uma orelha ao touro que lhe coube e deu a volta de honra aos ombros dos seus admiradores. A foto é da EFE

EX-DIRECTOR DA CIA TEME OS MEXICANOS

«O crescimento executivo da população mexicana supõe um perigo maior para o futuro dos Estados Unidos do que o que provém da União Soviética», declarou o ex-director da CIA, William Colby.

Numa entrevista divulgada pelo «The Los Angeles Times», Colby previu que, no fim deste século, haverá vinte milhões de mexicanos vivendo ilegalmente nos Estados Unidos.

«O fenómeno é irremediável» acrescentou o homem que dirigiu a CIA nos tempos dos presidentes Nixon e Ford.

Para ele, ainda que se estabeleçam «rígidos sistemas de controlo de natalidade, a população mexicana duplicará no presente século». «Vinte milhões virão viver aqui», sublinhou, mas teve de admitir que «o maior perigo de violência e dificuldades no mundo provém da diferença entre os ricos e os pobres, nós contra eles».



CONTRA OS NAZIS

Sindicatos e partidos de esquerda mobilizaram-se para protestarem em Paris contra o comércio que a «eurodireita» organizou na célebre Sala da Mutualité. A foto AEI mostra-nos um aspecto da manifestação de protesto.

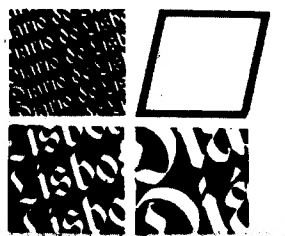


INVENTOR CONTRARIADO

Este «maduro» chama-se Tememas e inventou uma bicicleta a motor, de 20 centímetros de altura e 47 de comprimento, com a qual atinge a velocidade de 30 quilómetros por hora. Orgulhoso com o seu invento, Temema decidiu mostrá-lo aos seus concidadãos, dando provas da sua perícia e destreza. Contudo, — polícia cortou-lhe as vazas e proibiu-o de «atrapalhar o tráfego». Na foto: o inventor e o seu invento, antes da intervenção policial. (Foto Keystone)

EXCLUSIVO

Nº 28/78



Viajar é difícil

Jovens e velhos, presos do mesmo entusiasmo de viajar, apinharam-se dias e noites no aeroporto de Schipol (Amsterdão) procurando um lugar no avião que liga aquela cidade holandesa a Nova Iorque, por um preço de saldo. (Foto Keystone).

